



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

JAIR DELFINO

**IFÁ E ODÚS: INTERDISCIPLINARIDADE, LÓGICA BINÁRIA,
CULTURA E FILOSOFIA AFRICANA**

FORTALEZA

2016

JAIR DELFINO

**IFÁ E ODÚS: INTERDISCIPLINARIDADE, LÓGICA BINÁRIA,
CULTURA E FILOSOFIA AFRICANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- D349i Delfino, Jair.
Ifá e Odús: interdisciplinaridade, lógica binária, cultura e filosofia africana / Jair Delfino. –
2016.
105 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2016.
Área de Concentração: Educação Brasileira.
Orientação: Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior.
1. Cultura e filosofia africana. 2. Interdisciplinaridade. 3. Lógica binária. I. Título.

CDD 370.12

JAIR DELFINO

**IFÁ E ODÚS: INTERDISCIPLINARIDADE, LÓGICA BINÁRIA,
CULTURA E FILOSOFIA AFRICANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico emocionadamente esta dissertação

À minha mamãe, Firmina de Toledo Delfino.

Nos caminhos que trilhei da minha infância até os dias de hoje, sejam eles escolhidos ou marcados pelo destino, sempre será a minha fascinante, porém importante passagem por esta vida o amor que tenho incondicionalmente por vós. Tenho um desejo acima de todos outros para realizar, posso dizer que além da minha missão o meu desejo se resume na satisfação e convicção de vos ajudar, para que os vossos sonhos possam se consumir e tão breve lhe trazerem alegrias.

Para o divino Ólódumarè, mamãe, eu fiz e renovo todos os dias o mesmo pedido. Eu pedi ao divino que ele sempre me permitisse eu lhe pedir sua bênção e lhe dar alegrias!

Sua bênção, mamãe!

Amada mãezinha, te amo com todas as minhas forças!

AGRADECIMENTOS

No decorrer do período da pesquisa houve percalços que exigiram maiores atenções. Nesse processo pude conviver com pessoas, buscar na minha intimidade do quarto que alugo alcançar meus propósitos e a todo tempo cumprir minhas obrigações. No caminho em busca do conhecimento aprendemos que a pesquisa depende de convicção, determinação e, o mais importante, o envolvimento com a temática. Quero primeiramente agradecer aos divinos Ólòdúmarè, Orunmilá e ao guardião É̀sù Sr. Marabô, ancestral dos meus caminhos, herdado de meu vovô Gabriel Dias de Toledo, e os quais tenho a certeza que escreveram o meu destino para Fortaleza/CE; agradeço a todos me fazendo benevolente e austero por terem confiado a mim esta missão de escrever vossas palavras que desde minha infância sendo preparado nunca pude imaginar que teria este resultado. Compreendo que através de tudo que passei e está na introdução deste trabalho reflete hoje para mim que foi importante para eu ser apresentado pelas divindades a Ifá.

Como nada é por acaso conheci o Prof. Dr. Henrique Cunha Jr. que, a meu ver, foi tocado pela luz divina e nos encontramos no mesmo caminho de Ifá. Nesta oportunidade quero agradecer enormemente a este amigo e orientador por ter sido brilhantemente genial para conduzir minha orientação junto às divindades. É um privilégio que eu tive pelas mãos generosas do professor Henrique estar na UFC e creio que é um privilégio para ele ajudar a conduzir o rebanho do divino Orunmilá. Prezado professor, muito obrigado por tudo.

Nesta jornada tive o prazer de ser apoiado por minhas irmãs Silvana Delfino e Valquíria Cecília Delfino a quem agradeço enormemente, pois foi muito importante para mim. Também tive o apoio e ajuda especial de Marli Conceição Silva que também chamo de irmã e de dona Maria Conceição Silva a quem tenho enorme carinho e respeito com muito amor. Quero agradecer a Dona Maria Conceição pelas infinitas orações e velas que acendeu por mim e muito quero lhe retribuir por tamanho amor e ajuda que recebi. Também agradeço a Marli Conceição Silva por ter sido a pessoa que me ajudou à distância correndo nas suas horas vagas para me ajudar a resolver problemas, obrigado mana!

Quero também agradecer a Cristiane de Lima Santiago, amiga de muitas horas difíceis, agradecer-lhe por ter tido paciência e complacência comigo e não posso deixar de agradecer a sua positividade e otimização de fé e confiança que tem me ajudado muito. Várias vezes e de várias formas me tem ajudado e jamais perderei a oportunidade de lhe retribuir.

Não posso deixar de falar da minha maninha desta terra cearense, Samia Paula dos Santos Silva; ela caminhou e vem caminhando ao meu lado com sua fé, sempre muito

humana, solidária e forte nas determinações; partilhamos bons e maus momentos onde em perfeita harmonia se permitiu ser minha amiga. Muito obrigado, amiga, por ser quem tu és, muito obrigado por ser minha amiga.

Algumas pessoas não são meras amigas e sim luz boa e generosa que o divino faz brilhar nos nossos caminhos em virtude da generosidade que recebi da minha amiga e doutora Eliane Cornélio. Quero agradecer e dizer-lhe, assim como a todos aqui nestas notas, o quanto fez parte e continua fazendo parte da minha felicidade hoje e sempre lembrarei e trarei comigo esta gratidão por ter sido generosa comigo, muitíssimo obrigado por tudo.

Agradeço também enormemente a companheira do meu orientador Patrícia D'Jonu que tem depositado fé em meu trabalho junto ao professor Henrique, sempre me otimizando. Agradeço também a Neide amiga que também sempre me incentivou com seu otimismo e fé.

Lembro-me que quando vim para cá recebi o apoio dos amigos Reginaldo Domingues e Alexsandra Oliveira; este casal me hospedou em sua casa em Juazeiro onde fiquei por alguns dias e devo-lhes muito pelo carinho, atenção e confiança. Alexsandra, muito obrigado por aquela mesa, cama, bancos e cadeiras, foi de enorme ajuda, obrigado por me ter coorientado no meu projeto para entrar na UFC, nunca me esquecerei dessas passagens.

Quero agradecer às professoras que fizeram parte da minha banca e dizer-lhes que me sinto honrado e agraciado com suas presenças e valiosas considerações. Profa. Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro e Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales. Lembro-me das orientações e o quanto foram amigas. Para mim foi um privilégio de carinho, humanidade e minha forma de agradecer a genialidade e o vosso profissionalismo é pedindo em reza sempre ao divino para abençoá-las. Muitíssimo obrigado por acreditarem em mim.

Èsú Encaminha, Èsú¹ Ensina

Cantiga

E Barabô e mo júbà, àwa kò sé
E Barabô é mo júbà, e omodé ko èkò èkó ki
Barabô e mo júbà Elégbára Èsú l'òònòn.
E Barabô é mo jubá auá cô xê
E Barabô é mo jubá ê omódê có é có qui
Barabô mô jubá Élébára Exú lonã.

Nós acordamos e cumprimentamos Barabô,
A vós eu apresento meus respeitos,
Que vós não façais mal.
Nós acordamos e cumprimentamos Barabô
A vós eu apresento meus respeitos.
A criança aprende na escola (é educada, ensinada)
A Barabô eu apresento meus respeito, ele é
Senhor da Força, o Exú dos caminhos.

Meus respeitos pai amado (Mo juba)!

Gratidão e cumplicidade eterna!

Suplico bons caminhos e ensinamentos a todos!

Jair Delfino

¹ Èsú ensina e mostra o caminho. A criança é tida como aquela que necessita aprender a caminhar e olhar para o horizonte. Em face dessa questão ele detém a habilidade, genialidade e sabedoria para ensinar. Èsú é a expressão viva da sabedoria que provém de Orunmilá (conhecido como a sabedoria e a fala que vem do céu).

RESUMO

Dentro dos estudos de história e cultura africana e afrodescendente a presente dissertação faz uma inserção inovadora dentro da tradição do Ifá. O Ifá é um corpo literário e filosófico, que descende de uma divindade entre dois mundos entendidos como o físico e o espiritual. As sistematizações das representações do Ifá trabalham as questões sobre álgebra binária e a organização dos significados do Ifá foi o objetivo da pesquisa idealizada. A importância deste tema está em examinar conhecimentos específicos de uma cultura e tradição que tem como processo educativo a oralidade e a preservação da cultura interdisciplinar. Adicionamos à nossa proposta o exame sistemático dos conceitos e proposições de vida que abrange desenvolver a coletividade e individualidade, no aprender e entender através do exercício das virtudes filosóficas, específicas do pensar yorubá, partindo da concepção da natureza e da genealogia divina da criação dentro da tradição africana herdada do Antigo Egito. Ifá é pluralidade cultural que pode ser ciência, religião e sociabilidade. Além do que já foi explanado, trazemos para este corpo de trabalho a geometria, estética e medicina dentro do aspecto inter-relacional, a fim de mostrar como acontece a absorção de conhecimentos. Pretendemos ficar distantes da base teórica universalista e eurocentrista buscando o aprofundamento da filosofia africana e a interdisciplinaridade para contemplar os aspectos culturais e étnico-brasileiros bem como estar de acordo com a Lei nº 10.639/03. Assim, com base na oralidade presente nas religiões de matriz africana e, através do corpo literário do Ifá, embarcaremos na complexidade da razão e da lógica metafísica e atemporal para entendermos a cognição no aspecto da cosmovisão institutiva de valores e princípios.

Palavras-chave: Lógica binária e filosofia africana. Ancestralidade. Interdisciplinaridade. Mitos. Estética africana.

ABSTRACT

Within the history of studies and African culture and afrodescendencia this dissertation is an innovative integration within the Ifa tradition. Ifa is a literary and philosophical body, which descends from a deity between two worlds understood as the physical and the spiritual. The systematization of Ifa representations work questions on binary algebra and organization of Ifa meanings was the purpose of the idealized research. The importance of this issue is to examine specific knowledge of a culture and tradition that has the educational process orality and the preservation of interdisciplinary culture. We add our proposal for the systematic examination of the concepts and propositions of life that includes developing the collectivity and individuality in learning and understanding through the exercise of philosophical virtues, specific thinking Yoruba, starting from the design of nature and divine genealogy of creation within the African tradition inherited from Ancient Egypt. Ifa is cultural diversity that can be science, religion and sociability. We bring to this body of work beyond what has already been explained geometry, aesthetics and medicine within the inter-relational aspect to show as is the absorption of knowledge. We intend to stay away from the universalistic, Eurocentric theoretical basis seeking the deepening of African philosophy and interdisciplinarity to contemplate the cultural and ethnic-Brazilian aspects as well as being in accordance with Law No. 10,639 / 03. Thus, based on orality present in religions of African origin, and through the literary body of Ifá, embark on the complexity of reason and metaphysics and timeless logic to understand cognition in the aspect of institutiva worldview values and principles.

Keywords: Binary logic and philosophy. Ancestry. Interdisciplinarity. Myths. African Aesthetics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Genealogia de Ólodùmarè	33
Figura 2 - Ideograma Elemental	40
Figura 3 - Ideograma do Ar	41
Figura 4 - Ideograma do Fogo	42
Figura 5 - Ideograma da Água	42
Figura 6 - Ideograma da Terra	43
Figura 7 - 16 Ideogramas	44
Figura 8 - Odús das posições cardeais principais	45
Figura 9 - Os Odús e suas posições cardeais	47
Figura 10 - A Tradição filosófica do Ifá	50
Figura 11 - Tabuleiro iconográfico	63
Figura 12 - Tabuleiro redondo	66
Figura 13 - Tabuleiro quadrado	66
Figura 14 – Ikins	68
Figura 15 - Mapa esquemático metafísico	69
Figura 16 - Divisão cosmogônica no Tabuleiro	70
Figura 17 - Constituição elemental dos Odús	72
Figura 18 - Estrutura dos Odús	72
Figura 19 – Os dezesseis Olodús (Odú)	73
Figura 20 - Òpèlè Ifá	75
Figura 21 - Irofá de Chifre	76
Figura 22 - Irofá de Madeira-Marfim	76
Figura 23 - Representação geométrica dos elementais	87
Figura 24 - Formação de ideogramas estéticos através dos Odús	88
Figura 25 - Mapa iridológico e a disposição cardeal dos Odús	98
Figura 26 - O mapa iridológico sobreposto na íris humana	99

LISTA DE MAPAS

Quadro 1 - Odús e a geomancia dos povos	74
Quadro 2 - Ideogramas geométricos dos Odús na confecção de tecidos	88
Quadro 3 - A natureza da estética africana	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	MITOS DAS DIVINDADES O SEU SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA NA TRADIÇÃO DO IFÁ	28
3	A ESTRUTURA DO PENSAR FILOSÓFICO DO IFÁ	35
3.1	O nascimento da filosofia da tradição do Ifá	39
3.2	Os Odús e os mistérios da vida	50
3.3	A estrutura do pensar filosófico	55
3.4	Ifá, o patrimônio da herança oral intangível da humanidade	59
4	REFLETINDO SOBRE O TABULEIRO DE IFÁ RELACIONADO À QUESTÃO DOS MITOS E SUA INTERPRETAÇÃO EM VIRTUDE DA ESTÉTICA E SEMIÓTICA	61
4.1	Análise dos significados dos símbolos entalhados no tabuleiro de Opón-Ifá .	62
4.2	A sinalização das representações: significado simbólico e estético dentro do arquétipo	65
4.3	A semiótica dos signos envolvidos na importância da iconografia dos tabuleiros de Ifá	68
4.4	Búzios, Ikins, Òpèlè de Ifá e Irofá: apetrechos sagrados utilizados, que compõem a semiótica iconográfica	71
4.5	A importância da matemática na tradição do Ifá em virtude da interpretação por meio dos Odús	76
4.6	Como é o raciocínio matemático na tradição africana	80
4.7	A interdisciplinaridade fractal dos tecidos africanos	83
4.8	O contexto estético e sua importância interpretativa na tradição do Ifá	89
5	A MEDICINA DE IFÁ	95
5.1	Ifá e a microssemiótica da íris humana	96
5.2	O mapeamento microssemiótico da íris e sua relação direta com os Odús e a saúde humana	97
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

As culturas africanas se encontram entre as mais antigas da humanidade e as civilizações africanas produziram um legado de importância para o conhecimento e a história dos seres e das comunidades humanas. Devido à formação histórica brasileira a estrutura de produção escravista criminosa aqui implantada, durante a Colônia e o Império, o Brasil recebeu um contingente apreciável de africanos e herdou parte significativa da cultura das civilizações africanas. Estes fatos até pouco tempo recebiam diminuta consideração e importância na cultura e educação brasileira, principalmente na pesquisa científica nacional.

Os movimentos sociais da população negra conseguiram nos últimos 20 anos colocar estas questões na pauta das preocupações da sociedade brasileira e em particular no campo da educação através da edição da Lei nº 10.639/2003, que tem como finalidade o ensino da história e da cultura africana e afrodescendente em todos os níveis da educação.

Nas culturas africanas os conhecimentos religiosos e científicos se entrelaçam, sendo que as sociedades são regidas por pensamentos filosóficos diversos relacionados com os conhecimentos produzidos na antiguidade, nas civilizações do rio Nilo, ou seja, tendo como fonte o Egito, Etiópia e Núbia, como veremos mais adiante no curso desta dissertação. As religiões africanas conservam a importância da ancestralidade e a palavra, onde estão contidos acervos de conhecimentos necessários para interpretação das sociedades e para preservação da vida humana de maneira solidária, equilibrada e harmônica. Dentre os conhecimentos africanos existe um campo da filosofia e da espiritualidade, da cosmovisão do sagrado e religioso ligado ao jogo do Ifá. O Ifá é um campo amplo do conhecimento pouco conhecido no Brasil e com raros trabalhos de pesquisa e estudo. O Ifá, num número limitado dos seus aspectos, é o tema central deste trabalho de pesquisa.

A pesquisa de teor afrodescendente implantada no programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Ceará, desde 1996, tem como prática e diferencial a participação de pesquisadores que tenham ampla vivência dentro dos seus temas de pesquisa. Assim é meu caso, que vivo os princípios e práticas religiosas ligadas ao Ifá, desde minha adolescência. Embora dentro da religião não tenha me consagrado à categoria de iniciado e nem de babalô de Ifá, sou um devoto e praticante assíduo deste campo do conhecimento religioso de base africana. Os iniciados são aqueles que além de praticarem, participam de ritos de consagração e de votos de compromissos com a ancestralidade dos Orixás, fato que eu ainda não pude realizar. Considero-me um conhecedor não consagrado.

Nas culturas de matriz africana encontramos a oralidade, como conceito e prática de transmissão de conhecimento do povo africano, que tem na vida social das comunidades a sua dinâmica de expansão e aperfeiçoamento. Devido às condições adversas sob as quais as populações africanas e seus descendentes se inseriram na sociedade brasileira, esse acervo de antigas civilizações foi inviabilizado na sua difusão, como partes esquecidas ou perdidas, isto em consequência da dinâmica excludente existente na sociedade e na estrutura da educação brasileira, embora sejam conhecimentos que persistem e precisam ser reorganizados de forma sistemática dentro da cultura brasileira. De acordo com a pronúncia do professor Cunha Junior, no curso *História dos Afrodescendentes* (UFC, 2015), parte desse conhecimento é apresentado nas religiões de matriz africana e desde o Brasil Colônia o conhecimento religioso se manteve vivo em decorrência da transmissão oral e das práticas realizadas nos espaços dos terreiros do nosso país. Neste trabalho de dissertação tomamos como preocupação a organização e sistematização de parte da cultura do Ifá² relativo às suas representações numéricas e iconográficas.

Eu, Jair Delfino, sou afrodescendente nascido em 14/10/1973, natural da cidade de São Paulo. A minha trajetória até chegar ao curso de mestrado em educação da Universidade Federal com o tema - **“Ifá e Odús: interdisciplinaridade, lógica binária, cultura e filosofia africana”** - começa na minha infância, dentro das escolas de ensino básico, que ficou marcada por questionamentos e discriminações sofridas nas salas de aulas. Recordo momentos em que me via excluído dos demais alunos e muitas vezes eu era motivo de piadas por causa de uma professora que devido à minha dificuldade na disciplina dela chegou a dizer na sala que eu era portador de deficiência mental.

Como não bastasse acabei por ser perseguido e por me sentir segregado comecei a desenvolver certa distância dos alunos como tentativa de evitar que as pessoas me olhassem com outros olhos. Com isto a minha dificuldade foi aumentando e comecei a buscar meios de externar os pensamentos em poemas e desenhos, sempre buscando dentro da sala de aula ser recluso e distante dos grupos de alunos.

Minha professora de português continuava me perseguindo e um dia solicitou através de bilhete a presença da minha mãe na escola. Foi o pior dia da minha vida quando ouvi a professora dizer para minha mãe que eu não era normal e sendo assim enquanto minha mãe não trouxesse uma comprovação de sanidade eu não poderia acompanhar os alunos da

² Ifá, palavra yoruba, é o nome de um oráculo africano. É um sistema de adivinhação que se originou na África ocidental entre os iorubas, na Nigéria. É também designado por Fa entre os Fon e Afa entre os Ewe. Não é propriamente uma divindade (orixá), é o porta-voz de Orunmilá e dos outros orixás.

mesma sala de aula. Minha mamãe, Firmina de Toledo Delfino, era uma pessoa muito simples e educada e mesmo se sentindo ofendida com as colocações da professora, não a contestou, mas me disse: filho nós iremos buscar um profissional para provar a ela que você não é o que ela esta afirmando.

Lembro-me como hoje e não entendia por que tanta perseguição, pois não tinha as piores notas. Lembro-me somente de ser desolado, mas atento às disciplinas, mesmo com dificuldade, e quando sabia ou não entendia algo perguntava discretamente ao professor em que sentia confiança ou quando chegava em casa pedia para minhas irmãs ensinarem.

Minha mãe conseguiu um tratamento em uma clínica e levou um documento para a psicóloga por parte da professora descrevendo a minha personalidade. Fiquei mais de um semestre fazendo tratamento em que ficava em uma sala com a psicóloga com brinquedos de madeiras de formas geométricas, sendo incitado a fazer o que vinha na minha cabeça e depois eu tinha que explicar o significado das coisas. Eu também tinha que fazer desenhos e gostava quando podia escrever.

Na presença da psicóloga me sentia livre e isto marcou um interesse maior na minha cabeça de manifestar o que sentia nas coisas que tinha nas mãos. Neste ínterim fui levado a outras repartições da clínica. Lembro-me de ter feito vários exames, até encefalograma deitado em uma mesa fria para averiguarem se em mim havia algum distúrbio cerebral.

Ser tratado desta forma fazia-me questionar por que estava passando por isto, mas ficava quieto sempre e tinha medo de ser considerado anormal segundo os critérios da clínica. No dia em que recebi alta a minha mãe questionou a psicóloga e a mesma respondeu: “Seu filho é uma criança normal, não apresenta nenhum distúrbio”. Disse que meu QI³ estava na média e segundo os testes de raciocínio lógico, desenhos desenvolvidos por mim, minha conduta com os brinquedos pedagógicos e o resultado dos exames incluindo o encefalograma, não apresentei nada de incomum.

Mãezinha recebeu um laudo e uma pasta com todos os meus desenhos e as coisas que eu tinha escrito; lembro-me que a psicóloga disse: “Seu filho só precisa que dialoguem mais com ele”. Tudo que minha mãezinha havia recebido da psicóloga ela fez questão de no mesmo dia apresentar na escola para o diretor e o mesmo disse que mesmo ela apresentando o

³ **QI** significa Quociente de Inteligência, um fator que mede a inteligência das pessoas com base nos resultados de testes específicos. O **QI** mede o desempenho cognitivo de um indivíduo comparando as pessoas do mesmo grupo etário.

resultado positivo eu havia perdido aquele ano, devido à ausência e de muito do conteúdo ter sido perdido.

Contei esta história porque foi a partir do que ouvi e de como fui tratado na escola que comecei a me questionar qual seria a melhor forma para eu entender e aprender os conhecimentos que me eram passados. Comecei a buscar entender por que as pessoas tratavam outras com indiferença, com descaso, e passei a perceber isto dentro do âmbito familiar e na rua quando percebi que para algumas pessoas a sua cor de pele chega na frente do seu nome como forma de descredenciar ou diminuir a pessoa humana. Fui vítima de preconceito e racismo e me incomodo muito em ver as pessoas sendo vítimas também até hoje.

No tocante a esta situação vim percebendo ao longo dos tempos que o negro, ao ser vítima de preconceito e racismo, também lhe foi negado o direito a conhecer a sua verdadeira cultura e tradição com sua exata complexidade. Ao falar sobre isto quando me referi no primeiro parágrafo ao descredenciamento do negro me remeti à forma como foi apagada da história do negro a sua importância, na filosofia, ciência, tradição, bem como exercer o seu direito de conhecer o que lhe pertence. Sempre me questioneei quem é o afrodescendente em uma sociedade que o renega como ser intelectual; baseando-me nisto iniciei uma busca por respostas.

Fui cabeleireiro por 23 anos da minha vida depois de ter trabalhado em empresas em diversas ocupações. Escolhi a profissão no ramo da beleza e estética por conta do encantamento que me provocava em virtude da possibilidade de criar. Foi neste campo profissional que recebi meus primeiros incentivos como profissional por conta da minha professora hoje falecida, chamada Delhi, mas confesso que não foi fácil quando me deparei com as críticas de meu pai dizendo que isto não era profissão de homem. Foi então que meu professor de corte de cabelo, esposo da minha professora, procurou na minha formatura o meu pai para conversar e disse a ele que minha profissão não me impediria de ter uma família, pois ele mesmo era exemplo disto.

Tive dificuldade de arrumar emprego como cabeleireiro por ser negro e isto foi para mim um grande embaraço. Ouvi vários tipos de absurdos de donos de salão e clientes, como exemplo “O meu salão não comporta negro”, “não quero que aquele ali coloque a mão no meu cabelo ele não tem cabelo bom”, “não faça coisas de negro no meu salão do tipo tranças jamaicanas” e muito mais. Foi então que resolvi, com dificuldade, montar o meu próprio salão e percebi que as pessoas que me procuravam eram as negras que sempre eram

vítimas das ignorâncias e despreparos de donos de salão, mas também havia sempre pessoas não negras que vinham por se sentirem bem acolhidas.

A minha trajetória como profissional na arte do cabelo me enriqueceu com a comunicação e os debates diversos que fazíamos todos os fins de semana. Sempre foi muito prazeroso para mim porque me sentia acolhido em um grupo. Então comecei a fazer parte da União de Negros pela igualdade (UNEGRO) e participar de plenárias como militante, debatendo meios de viabilizar a sociedade do bairro como mais humana e menos racista. Para isto buscamos parcerias para promover eventos, levar debates dentro de escolas e viabilizar cursos e ações culturais de conscientização. Foram bons tempos.

Nesta trajetória que me marcou também tive minha passagem buscando a tão sonhada estabilidade financeira. Foi quando decidi a contragosto de meus pais entrar para o corpo de soldados da polícia militar paulista. Para mim foi uma fase ruim porque nesse ínterim nos impunham que a pátria é nossa mãe e se fosse preciso um dia você deveria dar voz de prisão até mesmo à sua mãe. Aos soldados eram sempre impostas regras que desumanizam onde se impõe a lei do mais forte. Neste meio aprendi que o dogma cerceia o homem porque a lei é limitada para reconhecer ou vislumbrar as qualidades dos seres quando os discriminam como marginais. Pedi baixa da polícia e continuei como cabeleireiro.

Realizei minha graduação em Química, pela Universidade de Guarulhos e trabalho na área da educação. Como professor, leciono as disciplinas de Química, Física, Biologia e Ciência da Natureza, dentro das escolas de base do estado e das Unidades Prisionais Femininas em São Paulo, especialmente no Presídio (Casa de Reclusão) Sant'Ana que mantém um contingente carcerário de brasileiras e o Presídio Capital que tem um contingente carcerário de mais de quarenta idiomas falados. As experiências por mim vivenciadas, como professor, deram-me a oportunidade de conhecer as histórias de presas contadas por elas e pelos carcereiros e nesse meio pude enxergar a diferença social gritante que marginaliza os que por muitas vezes estão atrelados à discriminação e ao preconceito. Esta foi outra fase importante para mim quando percebi o quanto podemos ser “marginalizados” e “vitimados” diante do descredenciamento social desumano em que vivemos.

Sou também iridólogo, acupunturista e trabalho com ventosas que são também ciências médicas conhecidas do Egito Antigo. A ventosa trazida pelos africanos ao Brasil, no período escravista, oferece testemunho da sua prática africana entre os povos escravizados na gravura de Debret (1820) - *barbeiros-cirurgiões no Rio de Janeiro* - e também na gravura de Bauch (1859) - *Escravos de ganho no Rio de Janeiro: carregadores, aplicadores de ventosas*.

A iridologia⁴ é considerada um estudo que aponta possíveis debilidades orgânicas. Em alguns países é permitido através da íris humana observar as possíveis patologias existentes em uma pessoa. A iridologia será parte do nosso assunto nesta dissertação como demonstração de como a ciência do Egito Antigo é precisa e avançada até hoje.

Tenho uma íntima e forte relação com as religiões de matriz africana, a qual começou na minha infância quando presenciei muitas vezes minha mãe recorrer à ciência das religiões e à espiritualidade para curas de enfermidades do meu pai, José Geraldo Delfino e das minhas irmãs Valquíria Cecília Delfino e Silvana Delfino. Meu pai nascido e criado em cultura italiana, da medicina de terreiro foi beneficiado com a cura da tuberculose e mesmo ele sendo de descendência europeia e não gostar das religiões de matriz africana presenciamos uma vez o transe mediúnico marcando a presença do Orixá Ogum nele.

Os acontecimentos espirituais se tornaram um grande ponto de indagação para mim e comecei por meio disto a pesquisar sobre os fenômenos que presenciei, e foi desta forma que passei a entender, através dos livros, que os ensinamentos são passados oralmente. Com o decorrer do tempo comecei a frequentar os terreiros próximos da minha casa, de Umbanda e Candomblés (nações: Ketu, Angola, Nagô e Jeje), aprendi bastante e me encantei, mas nunca pude me iniciar, pois meu pai não aceitava.

Desde os meus nove anos de idade frequento as casas de cultos afro-brasileiros, conhecidas como terreiros. A princípio conheci casas de culto bantu conhecidas em São Paulo como Umbandomblé e Umbandangola; frequentava quase todos os fins de semana quando meus pais deixavam. Havia períodos em que se podia ir para se consultar com divindades ou pais e mães de terreiros conhecidos como Babalorixás e Iyalorixás e também frequentar os terreiros em datas comemorativas consagradas aos orixás.

No decorrer dos anos fui conhecendo as casas de culto mais puro como Angola, Ketu, Nagô e Jeje, em que pude perceber entre todas aqui citadas algumas diferenças nos cultos tradicionais, mas todas com a mesma base, que está contida nos ensinamentos e na troca de ensinamentos. Às vezes até entre terreiros de diferentes nações pude participar a convite de Babalorixás e Iyalorixás de vários tipos de cerimônias, sem haver a necessidade de ser iniciado nos cultos.

Dentro das casas não somente como frequentador e sim ajudando, pude aprender rezas, cantos, culinárias, que fazem parte da minha vida até hoje. Nesse período em que venho participando nas casas de culto pude sentir a importância e força que tem a oralidade na

⁴ **Iridologia** é o estudo da íris através de análises das alterações existentes, representadas por raios, desenhos, pontos, buracos ou mudanças de cores, revelando, assim, estados físicos e emocionais.

transformação da pessoa. Dentro dos ambientes nos sentimos acolhidos com carinho e atenção e aprendemos a dar importância a coisas que na vida cotidiana nunca paramos para perceber. Posso dizer que é o momento em que cada um se descobre, não somente na religião e na comunidade, mas na vida e na busca pelo bem viver.

Todo ensinamento dentro da religião não é dogmatizador e sim instituidor de valores. Na prática se respeita o livre arbítrio de cada pessoa, aprendemos a ser conectados com a espiritualidade e nos harmonizamos facilmente quando passamos a entender as diferenças. Todo este processo de entender o que se passa com o próximo e com nós mesmos é muito profundo e muito forte dentro dos terreiros, pois é uma ciência que ajuda a conhecer os limites e as potencialidades dos outros em relação ao meio em que se vive.

Ao buscar entender mais um pouco sobre esta ciência do conhecer descobri que existem dentro da ciência social africana os Odús e que são eles que trazem luz a toda herança dos conhecimentos africanos acerca do que a filosofia e religião africana buscam entender sobre o ser humano e seu comportamento, passado oralmente dentro dos terreiros e que ajuda o Babalorixá ou a Iyalorixá a saber como proceder para ajudar o iniciado a buscar um caminho. Todo esse processo de análise dos Odús no Brasil só era possível através da análise dos oráculos dos Búzios, conhecido como Merindinlogun, e para mim foi importante me encontrar diante da hipótese de poder conhecer minhas dificuldades e conseqüentemente buscar um caminho melhor através do jogo de adivinhação conhecido também como oráculo de Ifá.

Como meu pai não aceitava a religião não pude me iniciar para compreender os presságios dos Odús nos meus caminhos. Mesmo assim não desisti de buscar respostas para minhas inquietações e muitas vezes soluções para meus problemas relacionados à minha família. Foi quando comecei a buscar conhecer os Odús através dos livros.

Além de buscar entender os Odús procurei conhecer, através de livros, a tradição africana, além da forma preconceituosa e folclórica, como nos foi imposta pela sociedade de ritos cristãos e encontrei um mar de riquezas através de revisões literárias de Leo Frobenius, Willian Bascom, P. Raul Ruiz de Asúa Altuna, Wander Abimbola, Henrique Cunha Junior, Muniz Sodré, Mircéia Eliade e Pierre Verger e todos me conduziram à tradição africana do Ifá. Percebi que a cultura europeia e dos descendentes europeus no Brasil trata o povo africano como povo de tribos nômades, sem reconhecer a genialidade e a contribuição social, científica e filosófica para a população afro-brasileira que advém do Ifá.

A tradição do Ifá é a forma genealógica dos povos antigos, que migraram da região do Egito para quase todo o restante do continente africano, através de Setilu, sendo este

o primeiro sacerdote entronado de Orunmilá, como veremos mais adiante, podendo ser considerado hoje como os pilares da estrutura social, religiosa, científica e política de muitas sociedades africanas tradicionais. São princípios filosóficos que regem a interação entre os seres humanos e os elementos da natureza. Estes princípios contribuem e ajudam a preparar os povos para o convívio em harmonia e trocas de conhecimentos instituídos nas famílias através do aprendizado amplo e cíclico. Dentro da nossa concepção, para efeito desta dissertação, definimos o IFÁ da seguinte forma:

- IFÁ é também filosofia baseada na energia vital que delega um corpo de princípios e valores formadores da tradição africana e assimilados nos seus hábitos e costumes.
- IFÁ é a filosofia advinda da concepção africana (egípcia) partindo do princípio que toda obra da criação divina é fruto de uma energia vital e no contato com a subjetividade metafísica se busca reconhecer, entender e aprender com o que se materializa na natureza e estrutura a tradição africana. A mesma filosofia não estabelece doutrinas e dogmas, mas informa os princípios do bem viver baseado no coletivo, para instituir os valores individuais em reunião com o coletivo, traçando relação do material com o imaterial nos vários segmentos da criatividade, raciocínio lógico, probabilidades, geometria, estética, filosofia, ciências médicas, sociologia, religião e botânica.
- IFÁ é a inquietação de uma criança querendo resposta, seria a própria criança que nasce dentro de cada ser humano em meio à curiosidade, querendo entender, compreender e se instituir. Definindo Ifá ele é uma forma divina de se despertar o encantamento e procura dar respostas a uma criança sobre a coisa mais forte dentro de cada um, a chamada subjetividade, o mesmo é a sabedoria que nos é recorrente.

Ao entrar no mundo da tradição africana do Ifá pude perceber muita identidade comigo na forma de absorver conhecimentos através de expressão e introspecção de conhecimentos a partir de uma interdisciplinaridade específica dos povos africanos. Trata-se de uma forma de interagir o máximo possível com todos os conhecimentos diversos que um aprendizado pode proporcionar, interligando o que na visão da tradição africana nunca está separado, porque se completa, resumindo-se em uma episteme interdisciplinar.

A maneira como a interdisciplinaridade é tocante para mim deu-se nas minhas experiências que relatei durante o meu período de infância. Foi quando buscava várias formas de ser introspectivo e expressar o que sentia. Outra questão importante para mim foi quando

descobri no meu estudo que Ifá é uma tradição cíclica, porém viva na tradição africana e tem uma estrutura social baseada na coletividade e nos princípios, valores e virtudes muito importantes que chamaremos de filosofia africana.

Existe também dentro da tradição do Ifá a cognição de pensamento totalmente interdisciplinar baseada na forma de raciocínio binário e herdada pelo povo africano através do Egito Antigo. A mesma contempla o desenvolvimento lógico paralelo à criatividade. As virtudes de um iniciado na tradição africana do Ifá são amplas e privilegiam o desenvolvimento da capacidade de memorizar para não esquecer por que se foca em se adaptar o que se aprende na vida cotidiana com interação com a natureza e a metafísica de forma interdisciplinar que explicaremos mais adiante.

A importância do corpo e do pensar africano para a formação do indivíduo afrodescendente está diretamente focada não somente na identidade negada pela política de descredenciamento, mas também para a formação interdisciplinar que existe dentro do Ifá como um sistema que agrega ciência, filosofia, botânica, medicina, arte, matemática, história e principalmente a forma de raciocínio que ensina a intercomunicar todos esses conhecimentos, como cada um complementa o outro na forma de aprendizado do ser humano.

Em 2013 conheci o professor Henrique Cunha Junior, através da prima Maria Cecília Felix Calaça. O professor começou a fazer parte da minha vida ao saber através da minha prima que eu queria fazer um curso chamado Iridologia Sistêmica e sem me conhecer, somente pelo que ouviu falar da minha pessoa se propôs a pagar o curso de Iridologia Sistêmica. Hesitei em aceitar, uma vez que ele não me conhecia e me sentia envergonhado em aceitar sua proposta. Minha prima se propôs a ajudá-lo a pagar, mesmo assim hesitei por algumas vezes e só depois da insistência da minha prima aceitei, com a condição de poder pagar-lhes com sessões de tratamentos, pois foi o que aconteceu.

Lembro-me que certa vez eu estava passando na catraca do metrô Santa Cruz em São Paulo e de frente comigo, na mesma catraca, encontro o professor Henrique Cunha. Achei este fato inusitado, dadas as circunstâncias de raras vezes eu me descolar para essa estação e também pelo fato de o professor morar em Fortaleza e não em São Paulo. Pois bem, iniciamos um diálogo e ele começou a me falar no que ele trabalha em nível de pesquisa. Foi quando ele entrou no assunto sobre energias e me identifiquei com o que ele falava. Passamos a discutir sobre esse assunto e sobre a dimensão dele dentro das africanidades. Depois desse diálogo ele disse que antes de voltar para Fortaleza gostaria de fazer outra sessão de acupuntura e ventosa comigo e então marcamos para o dia seguinte.

Ao chegar em casa minha prima me ligou dando a boa notícia que havia chegado de viagem da Nigéria e gostaria de me ver. Comuniquei que o professor viria à minha casa no dia seguinte para fazermos uma sessão de tratamento, então ela disse que ligaria para ele e iríamos juntos. No dia seguinte, como combinado, dirigi-me ao metrô e ao recepcioná-los ele me dirigiu um convite surpresa irrecusável de vir a Fortaleza, Ceará, tentar vaga, mediante avaliação, para o Mestrado em Educação, pois ele completou dizendo que gostaria de me orientar nos assuntos sobre Ifá. Ocorre que hoje sou ingresso nesse Curso e tenho o imenso prazer de ser orientado por Henrique Cunha Junior. Quero salientar que diante dessa possibilidade vislumbramos a todo o momento a importância de Ifá para a educação, é a concretização de todo aprendizado que tive e busquei em minha vida, fazendo valer a pena por ter acreditado que existe um meio de apreender e entender os conhecimentos de forma interdisciplinar.

A forma do pensar africano, por meio da ciência que envolve a forma como filosofam, é também o complexo conhecimento que envolve medicina própria e se tornou a estrutura do povo africano, sendo que o seu corpo de princípios é a hermenêutica do bem viver e para entender a mesma nos aproximamos de Henrique Cunha Junior (2010):

São formas filosóficas de refletir e ensinar e aprender sobre as relações dos seres da natureza, do cosmo e da existência humana. São filosofias pragmáticas da solução dos problemas da vida na terra, profundamente ligados ao existir e compor o equilíbrio de forças da continuidade saudável destas existências, sempre na dinâmica dos conflitos e das possibilidades de serem postas em equilíbrio. A contradição e a negociação. Os problemas da existência física e espiritual fundamentam-se nos da existência de uma totalidade que governa as gerações e que permite a continuidade dinâmica da vida pela interferência humana. São formas de pensar, tomadas dos mitos, dos provérbios, dos compromissos sociais que formam uma ética social, [...] (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 2).

O exemplo da relevância deste assunto para a educação se dá através de como raciocinar a fim de entender, apreender e fazer memória, em virtude de uma técnica interdisciplinar de interpretar todo conhecimento africano a que pretendemos dar destaque. Vislumbramos que as projeções dos conhecimentos são de grande importância para a educação devido ao fato de as informações de hoje em dia dentro das salas de aulas serem mais complexas e dependerem de mais informações conexas a outras disciplinas para serem entendidas; surge a viabilidade através da interdisciplinaridade.

Atentamos que o corpo do Ifá é inusitado para nós afrodescendentes, educadores e afins porque, devido à política do descredenciamento desde o período colonial, não nos foi permitido o seu acesso. O mesmo é uma chave para entendermos a complexidade da tradição

africana que nos foi herdada, a fim de desmitificarmos a ideia de que não existe ciência na tradição africana.

Trata-se de uma tradição singular muito rica que ensina uma forma diferente de apreender o conhecimento, introduzindo outra forma de raciocínio, para que haja interação com outras formas de aprendizado que chamaremos de interdisciplinaridade. Nessa tradição se busca desenvolver o pensar decodificador do iniciado levando-o a interagir com enigmas e a cosmovisão geral que abrange tudo que foi criado pelo divino e pelo homem.

A tradição do Ifá é forte e marcante, não somente na riqueza do raciocínio lógico, e sim na expressão estética e simbólica por meio de mitos, parábolas, matemática e filosofia que, conseqüentemente, devido à dificuldade interpretativa de outras culturas não são entendidos no seu real valor e significado para a humanidade.

O nosso objetivo geral é trazer o contexto da tradição interdisciplinar africana do Ifá em virtude das potencialidades e habilidades que são desenvolvidas durante o aprimoramento do raciocínio humano pautado na filosofia do educar.

O primeiro objetivo específico busca responder como se desenvolveu a forma de raciocínio pautada na interpretação cosmovisionária da tradição africana. No segundo objetivo específico buscamos a interpretação da arte pautada nos conhecimentos ancestrais que dão significado e ressignificação por meio da interdisciplinaridade. O terceiro objetivo é buscarmos dentro da subjetividade e lógica humana compreender a dimensão de conhecimentos milenares que demonstram a estética racional africana e sua medicina não invasiva na atual Europa.

Estes pontos não recebem o mesmo tratamento na literatura existente, sendo portanto, uma abordagem pretendida como original no seu conjunto.

A presente proposta metodológica se insere na análise qualitativa e pretende ser realizada por meio de revisão literária e pesquisa documental e diante das discussões trazemos à reflexão e sistematização do conhecimento. Buscamos durante este processo o aprofundamento nas literaturas a fim de fazermos comparações e entendermos as diferenças dentro da tradição do Ifá no aspecto geral que contempla todo o corpo do conhecimento africano. Também nesta vamos fazer o recolhimento de material imagético sobre o Ifá.

A pesquisa documental presente no trabalho é provinda das literaturas analisadas. No trabalho se destacam nas citações Babalawós (sacerdotes do Ifá) tidos como referências mundiais dentro da tradição do Ifá. O material documental relata a tradição do Ifá a mais de 6.000 anos, bem como anos de experiências dos Babalawós.

O material apresentado neste trabalho, na parte que compreende a arte e a estética, foi desenvolvido por nós com a finalidade de esclarecermos o simbolismo, a semiótica e a filosofia contada através dos mitos. Um tabuleiro de barro foi desenvolvido por nós para exemplificar iconograficamente a disposição dos animais e seus significados bem como o tabuleiro e toda parte estética simbólica e imagética em virtude da filosofia, mitos e enigmas contidos também através dos signos representados no tabuleiro.

Meu orientador Henrique Antunes Cunha Junior certa vez me apresentou um tecido com fractais africanos e ao olhar o tecido vi que se tratava de códigos representados através de signos odúnicos (representação através de ideogramas dos elementos da natureza). Os Odús são formados pela disposição de dois elementos da natureza sendo eles terra, fogo, água e ar. Estas combinações aos pares é a nascente da matemática binária que detalhamos neste trabalho.

Ao longo do trabalho se destaca uma linguagem filosófica codificada através dos Odús que inspira o enigma e o aprofundamento de uma enorme gama de significados. A interpretação dos tecidos fractais parte da visão lógica e aprofundada nossa nos conceitos e traduções do significado do Ifá de forma que sugerem uma linguagem por detrás da imagem.

O caminho percorrido a partir dos princípios e conceitos que apresentaremos neste trabalho é, além de simbólico, codificado, e nos permitiu através de identificações e comparações reconhecer que as figuras geométricas construídas a partir dos ideogramas dos elementos da natureza, formam o que chamamos de desenhos geométricos africanos e fractais africanos. Estamos falando de uma linguagem inter-relacional que ao longo de milhões de anos se introduziu como tradição interdisciplinar na sociedade africana.

Fazemos luz neste trabalho à estética filosófica e artística como uma só forma de expressão codificada dos princípios e pensamentos africanos. A mesma retrata a oralidade como memória viva em seu código de imagem. A imagem presente na arte geométrica africana é uma forma inteligente de codificação do saber ao longo dos tempos que trazemos inusitadamente como exclusiva do nosso trabalho.

Mostramos como o resultado de muitos anos de estudo pode trazer ao corpo deste trabalho a materialização dos significados do Ifá na vida cotidiana, nas formas geométricas codificadas onde a interpretação é uma mistura de arte, filosofia e mitos que somente agora podem ser decodificados pelo método apresentado no corpo do trabalho.

Buscamos neste trabalho fazer luz à interdisciplinaridade uma vez que a mesma é a base que estrutura a sociedade Yorubá africana na qual herdamos através dos nossos ancestrais conhecimentos e tradições. Introduzimos neste trabalho os princípios e conceitos da

interdisciplinaridade africana como método de absorção do conhecimento onde no mesmo método se busca valorizar a memória tão desvalorizada no nosso tempo.

As habilidades e competências têm sido o foco do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). Buscando-se valorizar os eixos cognitivos do Enem temos como caminho começar a introduzir a pedagogia interdisciplinar do Ifá nos moldes da nossa herança de pertencimento afrodescendente.

Neste trabalho desenvolvemos um mapa das posições cardeais dos Odús que nos foi de supranecessidade para destacar os significados imagéticos contidos na arte dos tabuleiros de Ifá e também para fazer luz à ciência médica da iridologia na qual pudemos através dele constatar a importância do Ifá em vários segmentos da vida. Este mapa foi desenvolvido com base nas posições cardeais que cada Odú ocupa segundo os tratados sobre Ifá.

A forma de analisar a estética, imagem de forma iconográfica, também é algo novo desenvolvido por nós com base no legado de conhecimentos do Ifá ao qual tivemos acesso. Este caminho vem sendo desenvolvido tendo como base os símbolos dos elementos da natureza que formam o que chamamos de Odú de onde provém um grande corpo literário de significados que nos presenteiam com as virtudes dos conhecimentos e da genealogia ancestral.

As etapas a serem seguidas obedecerão à seguinte ordem: levantamento bibliográfico, observação da comunicação social, dos processos de aprendizagem do Ifá e a relação filosófica com o meio de vida, aprofundando a relação entre a filosofia, a estética e a interpretação do Jogo de Ifá no campo da matemática.

Realizamos levantamentos bibliográficos com a utilização de autores que versam sobre todos os aspectos relacionados à tradição filosófica do Ifá, com a intersecção da arte e da estética africana. Também focaremos nossa pesquisa na matemática binária para entender como acontece a interdisciplinaridade dentro dessa tradição em virtude da busca pela epistemologia africana de forma a contribuir para a pedagogia da afrodescendência brasileira.

O capítulo **Mitos das divindades o seu significado e importância na tradição do Ifá** apresenta os mitos, o seu significado e a sua importância diretamente ligada à tradição religiosa. Mito para a tradição africana do Ifá é a forma de se veicular o conhecimento, através da oralidade, que se dá em forma de parábolas, mitos, versos, contos, poemas, adivinhas e enigmas que contemplam a genealogia africana sobre a criação do universo (Gênese). A princípio neste capítulo procuraremos mais nos atermos à concepção do divino criador (Olódùmarè), à etimologia da sua palavra e toda descendência divinal que provém

dele, a fim de entendermos como e através de quem se originaram todos os conhecimentos que estruturam a tradição do Ifá.

No capítulo **A estrutura do pensar filosófico do Ifá** damos destaque à estrutura do pensar filosófico que nasce da visão do homem em relação à cosmovisão geral que ele tem do mundo, a forma como foi instituída a ideologia do pensar bem como os princípios adotados. Também neste capítulo daremos relevância à importância do homem dentro da estrutura filosófica do Ifá e como ele passa a analisar o universo e codificar os conhecimentos adquiridos, baseados no princípio tido como da renovação ou ciclicidade. Prosseguindo dentro do mesmo capítulo relataremos como nasce esta filosofia e se codifica através dos elementos da natureza aqui conhecidos e codificados como Odús⁵ e, por fim, por meio da tradução ou compreensão do mesmo como a filosofia se consuma ideologicamente e qual a sua função bem como seus princípios, valores e virtudes que contribuem para a forma de raciocínio lógico e criativo como base para uma metodologia interdisciplinar que será apresentada mais adiante. Em menção à importância que tem hoje a tradição do Ifá, apresentaremos o seu reconhecimento como patrimônio da herança oral intangível da humanidade.

No capítulo **Refletindo sobre o tabuleiro de Ifá relacionado à questão dos mitos e sua interpretação em virtude da estética e semiótica** faremos uma abordagem buscando refletir através dos signos semióticos e da visão subjetiva sobre a importância dos mitos e sua interpretação através da estética. Nesse contexto buscaremos analisar os símbolos entalhados no tabuleiro de Ifá (Opón-Ifá) em virtude da estética filosófica e estética artística presente na tradição africana do Ifá como duas formas de estética que se completam. Em virtude dos inúmeros detalhes a serem apresentados trataremos sobre a importância do significado codificado através de sinalizações de acordo com os arquétipos dos entalhes dos tabuleiros. A semiótica ganha também importância quando buscamos atribuir aos signos significados não somente cardeais, mas também mitológicos e filosóficos. Existe o motivo para cada entalhe ou elemento presente no tabuleiro, e o fato de o tabuleiro ser um objeto de divinação (de uso religioso), há apetrechos utilizados pelo sacerdote no culto conhecido como Babalawó que serão apresentados com o intuito de tornar mais clara a importância semiótica. A lógica e a matemática binária são conhecidas há mais de 6.000 anos pelo africano e usadas de forma genial que contempla o desenvolvimento de potencialidades e habilidades ligado ao

⁵ Odú, esta palavra vem da língua yoruba e significa presságios, destino e predestinações individuais. Cada Homem (Ser) possui o seu, com passagem que se assemelha à de outros, mas sempre com alguma particularidade. São conhecidos através dos mitos chamados pelos africanos de Itan-Ifá.

desenvolvimento da memória que introduziremos neste capítulo. Buscaremos familiarizar-nos como o cérebro assimila, compara e apreende o conhecimento dentro da tradição africana e traremos nesse elenco de informações sobre a importância da interdisciplinaridade como forma cognitiva e pedagógica para trabalhos posteriores. Apresentaremos exemplos através dos quais daremos importância à estética africana pautada na arte e na filosofia como forma de materialização do conhecimento. Contudo, a estética africana neste capítulo ganha outra dimensão além da agradabilidade que é a de encantamento e fundamento.

Seguiremos com o capítulo **A medicina de Ifá**. Neste capítulo, buscamos retratar a complexidade interdisciplinar do Ifá que está presente também na medicina que inclui a catalogação das ervas curativas (botânica) e métodos de curas diversos, bem como variados métodos de diagnósticos. Este estudo se faz importante para entendermos como a filosofia, o metafísico, a medicina e a sociedade estão ligados à tradição de forma inter-relacional e disciplinar, mas será discutido posteriormente. Apresento neste capítulo a iridologia, conhecimento advindo do Egito Antigo e que se encontra de outra forma presente no Ifá, pois o mesmo apresenta uma relação direta da disposição dos Odús, cardinalmente, com os órgãos assinalados nos mapas iridológicos conhecidos na atualidade. Neste capítulo também observamos o que chamo de mapas microssemióticos, por se tratar de uma visão semiótica⁶, mas com a ressalva de ser voltada ao diagnóstico medicinal e não artístico.

No capítulo **Considerações finais** apresentamos as conclusões sobre o trabalho, mostrando as suas inovações, contribuindo para história e cultura africana na área da educação, em virtude da filosofia africana, geometria, estética, medicina. Concluímos que a tradição africana, através do Ifá, traz, na sua cultura do dia a dia, um comportamento interdisciplinar de viver a vida e por meio desta tradição passamos a vislumbrar, *a posteriori*, em outro trabalho, o desenvolvimento de uma pedagogia interdisciplinar africana.

⁶ **Semiótica** é a ciência geral dos símbolos e da semiose que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação.

2 MITOS DAS DIVINDADES: O SEU SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA NA TRADIÇÃO DO IFÁ

A comunicação entre os povos de matriz africana sempre foi oral, como princípio filosófico. Embora existindo um grande corpo literário escrito (CUNHA JUNIOR, 2007, p 1-10), essa comunicação se faz presente na cultura e tradição africana no Brasil e o legado das africanidades veio e permaneceu no nosso país através da oralidade africana, sendo os mitos uma das formas presentes em nossa tradição.

Dentro do contexto estamos por tratar de uma história que vai além do escrito, transforma-se e através dos tempos se constituiu uma “herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (BÂ, 2010, p. 167).

Os mitos dentro da cultura africana e afrodescendente não são mentiras contadas e sim a forma cognitiva de relatar conhecimentos. É através dos mitos que se formam as parábolas, adivinhas, versos, contos, enigmas e poemas dentro da cultura africana e é também através deles que oralmente se passa o conhecimento coletivo para se incitar o entendimento lógico para dele se suprir das informações que ajudarão na apreensão dos conhecimentos.

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, ab initio. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. Por esta razão suas gestas constituem mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhe fossem revelados. O mito é, pois a história do que se passou in illo tempore, a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo. “Dizer” um mito é proclamar o que se passou ab origine. Uma vez “dito”, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta. “É assim porque foi dito que é assim”, declaramos esquimós netsilik a fim de justificar a validade de sua história sagrada e suas tradições religiosas. O mito proclama a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma “criação”: conta como qualquer coisa foi efetuada, começou a ser. É por isso que o mito é solidário da ontologia: só fala das realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente. (ELIADE, 1992, p. 50).

O mito é a forma da continuidade do conhecimento e detém toda base do filosofar onde sobrevive como alma de um povo que enxerga e vive nele a essência do bem viver. É a continuidade e ao mesmo momento o testemunho através do que se repete de tempos em tempos a chamada ciclicidade da vida. De acordo com Vansina (2010, p. 14) o mito na tradição oral “pode ser definido, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra” (VANSINA, 2010, p. 140).

Devido ao mito ser uma forma dinâmica de conhecimento podemos denominá-lo de mito vivo, aquele que se transforma. Mitos, lendas e parábolas na sociedade africana são

simulações criativas que agregam todos os valores, assimilações, princípios de um povo. Pode ser o relato e assimilação frente aos mistérios ontológicos e antropológicos com a intenção de relatar a linguagem lógica em virtude dos costumes e tradição de uma sociedade ou um povo e também a representação da origem que conecta o ser humano ao que chamamos de subjetivo, que pode ser interpretado através dos fenômenos chamados de naturais, materiais e imateriais, do nosso pertencimento (artes, estéticas e costumes), de maneira que o metafísico e o físico nunca estão separados dentro do pensamento africano.

O corpo literário que envolve os mitos yorubás é a genealogia que detém o Ifá para ensinar sobre a ciência, a religião e o social. De forma subjetiva os mitos influenciam a cognição epistêmica e os costumes dentro da cultura africanista. Parte-se do princípio que a forma contada (oral) instiga a quem ouve a fim de pensar e questionar a subjetividade e a genialidade envolvida na oralidade, a interação leva-nos à indução e à dedução de conhecimentos que são as bases do raciocínio lógico.

Para isto o Educador pode, nas suas temáticas que envolvem o mito, perceber o quanto é possível a criatividade fazer parte da lógica e ao mesmo tempo harmonizar os conflitos internos no estágio do entendimento do educando que busca o aprendizado. Dentro da tradição africana os mitos constituem um meio de interação com o todo e as partes e a forma de interagir do ser humano com tudo que permeia a vida à sua volta, é a forma lógica em busca da verdade acrescida da forma subjetiva de interagir com o universo e a criação. Do mito também pode se dizer que nele está a memória ancestral de um povo em virtude da oralidade.

Percebemos que os mitos estão endereçados a explicar fatos que antecedem os nossos tempos, assim como buscam, dentro da cosmovisão, explicar elos com a criação, o criador e a criatura. Para isto temos mitos milenares que informam em relação ao que foi supracitado como tudo aconteceu no início de tudo, ou seja, na gênese que compreende a vida e a história da humanidade até os dias de hoje. De acordo com Cunha Júnior (2010), “a ancestralidade está presente nos mitos da criação dos diversos povos africanos”.

Seguiremos falando do mito vivo na tradição oral que nos remeterá ao início dos tempos e à formação dos pilares do pensamento africano. Para os povos do continente africano Deus possui muitos nomes, sendo Olódùmarè o nome mais antigo. As partes que compõem o nome de Olódùmarè têm o seguinte significado: Ol' (Oni) = senhor de tudo, parte principal, líder absoluto, chefe, autoridade, onipotente; Odu = muito grande, recipiente profundo, muito extenso, pleno; Ma re = aquele que permanece, aquele que sempre é presente (onipresente) ou Mo are = aquele que tem autoridade absoluta sobre tudo o que há no céu e na

terra e é incomparável; Mare = aquele que é absolutamente perfeito, o supremo em qualidades. Olódùmarè é o ser superior dos yorubás (Onisciente), que vive num universo paralelo ao nosso, conhecido como Òrún, por isso ele é também conhecido como Àjàlórún e Olórun "Senhor ou Rei do Òrún", ou seja, Senhor ou rei dos nove reinos.

De acordo com o corpo literário do Ifá e a tradição africana Olódùmarè criou o céu e a terra, domina as leis da física e assim governa o universo. Neste contexto consideramos Orunmilá como a primeira divindade criada por Olódùmarè. Dizem os mitos que ele é quem testemunhou toda criação, a formação das galáxias, estrelas, sistemas solares e planetas e por conta disto tem o título de **Elérí Ìpín** - "o testemunho de Deus", **Ibikéjì Olódùmarè** - "o vice de Deus", **Gbàiyégbòrún** - "aquele que está no céu e na terra", **Òpitan Ìfé** - "o historiador da cidade de Ìfé". Segundo Abimbola (1977, p. 1), o yoruba acredita que Ifá (também conhecido como Orunmilá) foi um das quatrocentas divindades que vieram do Orun (céu) para Aye (terra). A partir destes conceitos consideramos a importância e competência de Orunmilá bem como sua responsabilidade com Olódùmarè.

Segundo os mitos Olódùmarè passou e confiou de maneira especial toda a sabedoria e conhecimento possível, imaginável e existente entre todos os mundos habitados e não habitados à Orunmilá, que passou a ser o representante de Olódùmarè que, em seguida, criou os Irunmolés (luz que tremula) que são aqueles que habitam o universo do cosmo chamado de Orun, (céu ou cosmo para os yorubás aonde existem nove reinos, ou seja, nove sistemas planetários como o nosso). Estes somam em número quatrocentas divindades que habitam o lado direito do criador.

Olódùmarè também criou os Igbamolés (luz muito antiga) tidos como o lado esquerdo de Olódùmarè e que representam duzentas divindades, conhecidas como não humanos cuja força é respeitada e contam os mitos que suas forças suplantam as forças de outras formas de vida. Segundo Ademola (1991), estas divindades por sua vez viveram na terra por milênios e depois foram destruídas com a terra. Os Igbamolés são conhecidos do povo Ewé tendo ligação através dos cultos aos Orixás Oxalá, Obaluaye e Nana Buruku.

Na tradição africana dizem que as quatrocentas divindades da direita de Olódùmarè são masculinas e as duzentas divindades da esquerda são femininas sendo também conhecidas nesse contexto feminino as divindades-filhas chamadas de Eborás ("Ebó" aquele que mantém o "ara" – o corpo da pessoa ou o que sustenta a vida) ou Orixás. Os mesmos são energias da natureza que participam da criação e são tidos como seres encantados. Os Eborás compreendem todos os orixás exceto Oxalá, Orunmilá, Olorum e Olódùmaré. Segundo Santos (1986), "entre esses Eborás temos Exu, que pertence tanto aos Irunmalés da direita quanto aos

da esquerda, pois serve de veiculação da força imaterial divina, o axé, entre os Orixás e os Eborás, ‘intercomunicando todo o sistema’” (SANTOS, 1986, p. 75).

De acordo com a citação acima Exú pertence ao grupo dos Eborás, esta divindade de grande expressividade e função dentro da adivinhação ou ciência do Ifá onde se destacam os seus arquétipos de significados e simbolismos no tabuleiro como mensageiro de Ifá-Orunmilá.

Quando se diz quatrocentas divindades da direita e duzentas da esquerda não podemos deixar de atribuir mais uma presença, que é a de Exú que também é tido como a divindade que caminha entre mundos, o mundo dos Irunmolés, dos Igbamolés e o Aye (terra). “Exu é uma das divindades iorubás, considerada o olho que tudo vê, o mensageiro divino entre mundos e detentor do asè (poder divino) com o qual Olódùmarè criou o universo e manteve as suas leis físicas” (IDOWU, 1962, p. 19).

Exu também significa para os yorubás, a ordem, disciplina, organização, comunicação, equilíbrio mental e emocional, tolerância, paciência. Sendo que ele foi criado por Olódùmarè para ser o guardião protetor de toda essência emocional que o ser humano precisa ter para ter sucesso, equilíbrio, alegria e satisfação na vida. Nesta a divindade Exú se tornou a mais humanizada que existe.

Para outros a união de forças dos Irunmolés com os Igbamolés geraram os Orixás desenhando na visão geral a compreensão que existe uma descendência genealógica que veio na totalidade de quatrocentos do Orun (céu ou cosmo na compreensão iorubá) para o Aye (terra) e se destacam na origem dos ancestrais da humanidade na visão iorubana assim como a concepção da vida e tudo que permeia a mesma. Esse discurso é de suma importância para o entendimento iconográfico dos tabuleiros de Ifá e diante deste conceito se torna possível explicar quem é Ifá. O mesmo é o texto sagrado de Olódùmarè para a humanidade, foi cedido a Orunmilá, tido como primeira divindade que habitou os dois mundos. Na figura 1 temos o exemplo da árvore genealógica de Olódùmarè.

Contam os mitos que os primeiros sacerdotes dos povos da África foram discípulos de um sacerdote ancestral, considerado o maior dos sacerdotes chamado de Shetilu que foi entronizado como depositário de todo conhecimento de acesso ao divino através de Orúnmilà e dele vieram os herdeiros do conhecimento chamados de primeiros discípulos de Ifá, na cidade de Ile-Ifé, conhecidos como Akoda e Aseda, que viajaram e levaram os ensinamentos e a forma de comunicação com as divindades.

Shetilu segundo Johnson (1921, p. 33) era cego de nascença e cresceu com extraordinária capacidade de adivinhação. Com a idade de cinco anos ele tinha a fama de ter começado a predizer com exatidão os eventos. A trajetória de Shetilu envolve a migração do mesmo da área de Nupe (noroeste da cidade de Oyó) por imposição dos inimigos de religião tradicional que não gostavam das suas habilidades. Ele fugiu através do rio Níger indo parar em Ile-Ifé.

Durante a estadia de Orunmilá na terra, através da vontade de Olódùmarè, ele participou da criação da terra e do homem e foi quem auxiliou o homem em seu dia a dia; portanto, foi nesse paradoxo que surgiu o caminho de se suprir a necessidade humana, através da consulta ao Ifá, por parte do sacerdote, com o fim de auxiliar os adeptos ou somente consulentes.

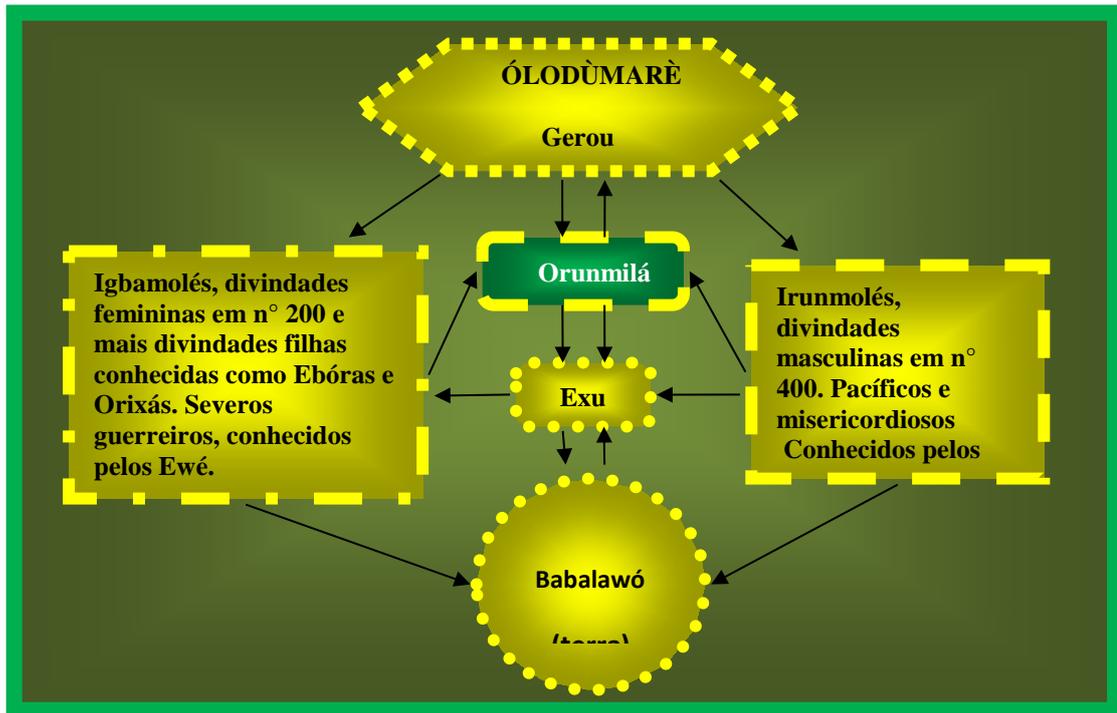
Ifá é a estrutura de formas de pensamento dos povos yorubás e também está presente em etnias mulçumanas. Na África ele não é somente um tratado alegórico e filosófico, funciona também como a ontologia e antropologia de um povo, representa o próprio divino criador e toda sua genealogia que permeia a vida e permite-se ser tocado pelo ser humano como o Deus acessível, o próprio Arkhé. Ifá é quem detém o conhecimento sendo o primeiro porta-voz de Orunmilá. “É por isso que o nome dele de louvor é Akerefinusogbon, a pequena, aquele cuja mente está cheia de sabedoria” (ABIMBOLA, 1977, p. 1).

Os povos yorubás seriam os iniciadores e iniciados neste conhecimento, segundo Bascom (1969). A prática de Ifá também pode ser encontrada entre os Fon da República do Benin. De acordo com Maupoil (1988), temos também a palavra fá ou fa'lun que significa sorte, augúrio, e Mujarríb El Fal é aquele que prevê o futuro, adivinho. Hoje sabemos que sua cultura se encontra difundida em diversos países, principalmente naqueles que escravizaram os povos africanos.

Os sacerdotes de Ifá são conhecidos como Babalawós que significa detentores do segredo. Eles são considerados discípulos de Shetilu ou sacerdotes de Orunmilá, que representam o mesmo no Aye (terra), valendo-se da consulta ao oráculo divino.

O corpo literário do Ifá-Orunmilá compreende 1.600 mitos em forma de parábolas que mostram todos os conhecimentos e sabedorias nas profecias deste, que não representam só a profecia e sim um meio de comunicação com o metafísico para suprir através do conselho do seu porta-voz, o Babalawó, a necessidade do adepto ou daquele que deseja somente se consultar.

Figura 1 - Genealogia de Ólodùmarè



Fonte: Figura do autor, Jair Delfino (2015).

O mesmo corpo literário delega e exige o conhecimento e o saber do Babalawó quando se trata de absorver o entendimento e aprendizado de 256 versos odúnicos, onde cada verso é composto por mais 16 subversos, exigindo do Babalawó a memorização por comparação e derivação de onde fica subentendida uma matemática binária. Desta forma o mito na cultura africana é o legado do conhecimento ancestral. Para cada um dos 256 Odús (destino) tem narrativas extensas (em prosa ou poema) sobre a vida dos Deuses, humanos e animais na visão cosmológica (ABIMBOLA, 1977).

Remontando ao que foi supracitado sobre os mitos e a concepção divinal da tradição africana temos a dizer que não se busca nos mitos fazer afirmativa, mas ascender o conhecimento da humanidade e também o mais importante à concepção da base da inteligência que é aprender a filosofar. Consideramos que isso é importante para a cultura e educação brasileira, dadas as circunstâncias do nosso pertencimento. Portanto, os mitos são responsáveis dentro da cultura do educar africana como forma de entender para aprender, mas com uma peculiaridade inerente a essa tradição que busca através das suas descobertas uma forma de contar e fazer memória, é um dos meios do educando africano se autodesenvolver com o censo do filosofar através da lógica. Este é o meio genealógico da tradição africana de educar dentro da coletividade para formar a individualidade dos seres responsáveis e integrados no sentimento coletivo do bem viver, chamado de base filosófica.

Os mitos e versos (Itans) é uma forma de diálogo interdisciplinar no qual a cultura interage com as informações e aprendizados, ou seja, não se trata somente de um entretenimento, é o veículo que ajuda a estruturar a sociedade africana que flexivelmente se adaptou de forma atemporal na sociedade contemporânea, moderna e pós-moderna.

Dentro desta analogia podemos dizer que o entendimento do educando enquanto forma de organizar o pensar é o ato de filosofar como forma de questionar, comparar, experimentar e deduzir o que foi ouvido; podemos então compreender que o filosofar é o ascender do educando à personalidade crítica. A indução quando alimentada dentro do educando se condiciona a buscar respostas para a criticidade frente ao desejo pelo bem viver em harmonia com o meio em que vivemos.

3 A ESTRUTURA DO PENSAR FILOSÓFICO DO IFÁ

Nos mitos, parábolas e adivinhas da tradição africana percebemos que existe um pensamento subjetivo e a reflexão apresenta um processo de análise dedutiva e indutiva que implica em analogias e processos empíricos de coletas de dados para posteriores avaliações sobre fatos de vida do ser humano e da natureza.

Falar de pesquisa na tradição do Ifá é remeter a uma ciência cosmovisionária que desenvolveu uma técnica de tratamento dos dados de origem egípcia e ao longo dos tempos se manteve por meio da oralidade sendo todo conhecimento adquirido pela tradição do Ifá, codificado por meio de parábolas, enigmas e signos odúnicos (Odús).

Os princípios instituidores do pensamento filosófico africano pensam o ser humano racional como descendente divino de Olódùmarè, ligado ao cosmo metafísico. O universo da filosofia do Ifá se fundamenta na compreensão de formas de energias inteligentes que se manifestam em tudo que é material e imaterial.

Essas inteligências são tidas como proposições de acontecimentos que marcam começo, meio e fim de tudo que está na terra e no universo. Para a filosofia africana as energias se aplicam ao todo e à parte e coexistem de formas diferentes que se manifestam na vida e a chamamos de Odús, que para os adeptos presidem a vida das pessoas através de presságios (anúncios). Odú é a inteligência que tudo transforma ou que tudo pode transformar e de acordo com Costa (1995) Odú é “inteligência viva”. Enfim, Odús são proposições de acontecimentos que levarão a um destino.

A filosofia provinda de Ifá nos deu como legado uma ciência codificada; a mesma continua avançada como padrão de raciocínio binário. É o tratado mais antigo que remonta à forma como o homem raciocina e externaliza as coisas. Trata-se da maneira como o homem analisa o universo e o meio em que vive e também como ele deve tratar esse meio de forma que continue cíclico (renovação).

Faz-se necessário afirmar que as sociedades africanas estão sempre relacionando todo corpo existente e não existente, o mundo visível e invisível, a energia vital, que pode ser compreendida de acordo com a cultura bantu nas citações abaixo:

O banto, em resumo, distingue o “existente imóvel” (minerais), o “existente assimilativo” (vegetais), o “existente sensitivo” (animais); o “existente inteligente” (a pessoa humana), o “existente com inteligência desencarnada” (o antepassado) e, por fim, o Preexistente (Deus) (KAGAME, 1976, p. 186-256).

O mundo visível está integrado por forças pessoais e impessoais. A força pessoal é o homem, centro da pirâmide por ser o único existente ativo inteligente capaz de aumentar a sua vida e de dominar as forças inferiores. Toda criação se centra na

pessoa humana. Todos os seres estão destinados a realizar com plenitude a pessoa humana, centro do sistema. “O homem é a força suprema a mais poderosa entre os seres criados” (TEMPELS, 1965, p. 66).

É do princípio de como o ser humano forma ideias sobre as coisas que ele passa a perceber suas potencialidades ou habilidades de combinar, comparar, identificar, deduzir e materializar algo. São padrões concebidos há milênios de forma binária, que sabemos hoje ser a forma como o cérebro raciocina.

A função da filosofia africana se aplica na necessidade de estarmos em contato com a natureza e o universo, compreendê-los, interagir, com o que entendemos e não entendemos dentro subjetividade metafísica. Ela se fundamenta e se estrutura em ensinar o ser humano a buscar resposta em virtude do contato e relações com todas as coisas, a fim de que através das ações e contato dos mesmos elas se renovem no seu ciclo natural de vida, ou seja, se torne cíclico. Enfim, toda ação ou meio criado ou adotado deve dentro desta filosofia valorizar a vida e a memória como a regra para perpetuar através da renovação (Àtúnwá).

A memória na filosofia africana é o maior bem que ajuda a renovação (ciclicidade), pois nela está o orgulho de pertencer a uma tradição milenar, é tida como a biblioteca viva e renovável, movida pela prática da oralidade. Ela é além de um padrão binário de comparações e identificações a forma de liberdade do pensar e criar de acordo com o que temos de conhecimentos adquiridos, ou seja, memorizados.

Dentro dessa filosofia nada morre, simplesmente deixa de ter um corpo, nada é intocado, seja divinal ou ancestral. Nessa filosofia nada é impossível porque a mesma se baseia em princípio na mutação, renovação e transformação, nessa filosofia nada é inimaginável que por isso se tornou divinal a ponto de não ser tocado. Não podemos deixar de dizer que na filosofia do Ifá a renovação é uma forma de agregar os conhecimentos dos ancestrais, também é a forma de manter a memória e se tornar memória a fim de se ter raízes, tronco e os galhos da árvore genealógica da vida bem estruturada. Em outras palavras renovar não significa, para a tradição e filosofia do Ifá, esquecer seus ancestrais e suas memórias.

Na representação dos pensamentos sintetizados em frases ou em mitos podemos ter a designação numérica binária que foi e é uma forma de codificação da ciência filosófica do Ifá. A maneira como os padrões estão representados binariamente é semiótica, ou seja, através de signos, sendo estes formados cada um por dois elementos de um grupo de quatro que são conhecidos como terra, fogo, água e ar, citados posteriormente como estruturas dos signos dos Odús.

Devido à natureza da representação binária e estrutura dos quatro elementos é que os Odús existem em 256 formas de inteligência conhecidas e podem ser consultados na adivinhação por meio do Ifá e jogo de búzios. Ademais os textos sobre os Odús discorrem sobre os seus significados em forma de presságios que conseqüentemente estão codificados em forma de parábolas que muitas vezes requerem conhecimentos de base sobre a dinâmica do processo civilizatório africano para interpretar a verdade dos fatos, atos estes que resumem o que poderemos chamar de filosofar para a vida. “A religião é ao mesmo tempo conhecimentos, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor nos permite remontar à unidade primordial” (Bâ, 2010, p. 169).

É importante falar sobre os Odús que estão expressos nos versos odúnicos. Estes estão divididos em duas gerações: os Olodus ou Odùs Agbas sendo estes os dezesseis mais velhos e os únicos que habitaram o Orum (céu ou cosmo para o yorubá). Em seguida temos os Omo-Odús que representam os 240 Odús que nasceram no Aye (terra) e foram gerados pela união aos pares de cada Olodu; sendo assim, são Odús conhecidos como filhos e são tidos como aqueles que contribuíram com ciclos naturais de acontecimentos e desenvolvimento na vida dos seres humanos.

Os Odús (Olodús) carregam dentro de si a energia, matrizes que contribuíram com a formação de vida na terra. Os Odús que abrangem os geradores e filhos são mais do que energia da natureza, são forças cíclicas de renovação e presidem na adivinhação ou ciência do Ifá os pré-destinos de acordo com o livre arbítrio de cada ser humano. Esses Odús vão ser consultados dentro da tradição do Ifá pelos Babalawós através dos jogos de adivinhação conhecidos por Merindilogum, Ikins o Òpèlè Ifá, para definir quais são os presságios no caminho do consulente e os conselhos a serem dados. Através do Merindilogum conhecido no Brasil por jogo de búzios o Babalawó na Nigéria se utiliza dos búzios numa peneira redonda ou esteira para fazer a consulta que é no chão e com os Ikins (Caroços de dendê). Através de movimentos entre mãos com os caroços se determina pelas sobras em um símbolo par ou ímpar que veremos mais adiante ser riscado no tabuleiro sobre um pó chamado Yerossun. Os mesmos traços serão marcados quando o Babalawó consulta o Òpèlè Ifá que é um colar com nozes de palmeira (*Mangifera gabonensis*). O colar de Òpèlè Ifá é também, assim como os búzios, consultado pelo Babalawó sentado sobre uma esteira.

A interpretação do Babalawó exige dele uma iniciação no culto religioso e na tradição que pode demorar muitos anos. Nesse ínterim ele se submete a estágios probatórios que irão ajudar a definir com o passar do tempo um grau como título e responsabilidades a serem assumidas. Nesse processo a interação do iniciado exige dele conhecer 4.096 Itans

(versos de Ifá) que falam de mitos, e todo tipo de relação com a natureza e tudo que existe nela. Os Itans também falam de Olodumare e toda sua criação e nesse contato passam a conhecer tudo que está codificado nos Odús.

O corpo literário do Odú é também interpretado através de ideogramas sagrados, os mesmos são formas gráficas específicas de cada Odú que os sacerdotes riscam na interpretação do que Orunmilá, “a fala que vem do céu”, revela ao sacerdote. Os ideogramas e suas derivações vêm de encontro às representações e referências simbólicas, estéticas e semióticas que podem estar representadas nos tabuleiros ligadas ao ontem, ao amanhã e ao hoje, são os presságios que sugerem as afirmações e probabilidades de acontecimentos na vida dos seres humanos e também podem estar presentes na arte africana ligada a formas geométricas fractais.

Podemos presumir que os destinos são descritos pelos presságios trazidos pelos Odús e se apresentam como possíveis probabilidades de caminhos, que muitas vezes não foram imaginados pelo consciente, mas seguidos pelo inconsciente do ser humano de acordo com a hereditariedade e a lei de atração e repulsão que exercemos em contato com o universo. E os mesmos podem se tornar conhecidos e mudados como for necessário através do Babalawó que detém o conhecimento sobre Ifá e desenvolve a habilidade binária e de memória para se tornar porta-voz dos conhecimentos e mistérios da vida segundo a tradição africana do Ifá.

Odú é a forma básica do conhecimento e da dinâmica desse conhecimento. Assim entendemos os Odús como a inteligência do saber para se equilibrar com a vida. Os dezesseis Odús principais são estruturais no campo do pensamento dentro da cultura africana que comporta várias ciências ou várias áreas do conhecimento.

Para a tradição africana do Ifá os seres humanos são indivíduos integrantes da natureza e dependem do equilíbrio através da harmonia, para manter a vida sendo esta harmonia a base da hermenêutica do bem viver, que na filosofia africana é a forma de tocar e interagir com o divino.

Conforme Epega (1987), o povo yorubá afirma que os Odús são originados de Orunmilá em Ile-Ifé, são milenares e similares a outros signos usados em diversos lugares da África, como Egito, Líbia, Senegal, Futa e os Estados Haussá.

A importância de se comentar os Odús e sua genealogia serve para entender que deles decorrem 4.096 versos que traduzem conhecimentos sobre os presságios. Esses presságios estão descritos nos versos de Ifá (Itans), parábolas e mitos. Desta forma podemos perceber até aqui que através da cultura oral e do que foi supracitado se desenvolveu uma

forma de codificar o conhecimento através dos signos que são combinações dos elementos da natureza para explicar sobre os conhecimentos acerca de tudo que está à volta do ser humano.

3.1 O nascimento da filosofia da tradição do Ifá

A filosofia do Ifá começa a se moldar através dos princípios que obedecem ao desenvolvimento de ideias com base na lógica binária de interpretação do Odú em face aos fenômenos naturais bem como aos fatos do cotidiano dos seres humanos. A forma de raciocínio concebida por Orunmilá 6.000 anos atrás contempla o raciocínio binário como o meio pelo qual o cérebro desenvolve e amplia suas potencialidades. A filosofia detalha codificadamente a estrutura do pensar inter-relacional em relação a como tudo que compreende as formas da natureza e vida, seja material ou espiritual, está relacionado aos fatos e acontecimentos do dia a dia.

Os princípios do pensar filosófico africano se baseiam nas premissas lógicas de que o par e o ímpar podem se unir e também formar outro elemento considerando que os dois podem ser opostos ou diferentes entre si. Poderíamos interpretar que o masculino e o feminino podem se unir e dar vida a outro elemento; logo, os dois são diferentes, dentro da lógica esta seria uma premissa verdadeira. Mas devemos atentar que esta premissa atende somente à condição sexuada, mas também existe a condição assexuada na qual um organismo adulto (matriz) se multiplica, originando descendentes com características genéticas idênticas, que também se explicam pelo princípio da bipartição onde um se transforma em dois e dois vão gerar mais dois.

Também é possível o raciocínio que parte do ponto de vista que no princípio de tudo havia as energias geradoras e criadoras e as mesmas compõem o universo sendo que as criadoras seriam os Odús. Seguindo este conceito a energia criadora assume o papel de fecundadora. Seja de acordo com o princípio anterior (assexuado ou sexuado), ou não, o critério para que haja geração de vida por parte do órgão gerador é que deve haver um equilíbrio do organismo com o meio no qual se vive.

Dentro da tradição do Ifá o equilíbrio natural só é possível quando atende ao critério da ciclicidade. A mesma significa o intenso movimento da vida (energia vital) que deve estar em constante renovação atemporal que só é possível através do ganho e perda do corpo físico, da importância que envolve o mistério da vida de cada indivíduo (evolução), a reprodução e principalmente o significado e importância de tudo para o meio no qual vivemos seja de valores ou renovação.

Toda estrutura do filosofar através do Ifá está fundamentada nos quatro elementos da natureza (terra, fogo, água e ar); só através deles é possível a concepção do plano físico em que vivemos como manifestação de toda forma de vida ou matéria e dentro deste conceito preside todas as combinações possíveis dos quatro elementos que darão forma à vida e somam-se no total de 256 proposições que chamamos de Odús. Daqui em diante para entendermos a filosofia é necessário estudar as combinações no mínimo dos dezesseis Odús principais.

As combinações dos quatro elementos da natureza são exemplificadas por símbolos aos pares que chamaremos de Odús; os mesmos sugerem muitos significados que nos levam à compreensão da evolução dos seres humanos bem como à organização cognitiva do raciocínio binário que nunca separa o pensamento subjetivo do lógico dentro da tradição africana.

A representação é garantida pela função simbólica, mas só é desenvolvida no contexto social, uma vez que nasceu, no decorrer da filogenia da espécie, justamente como forma de contato entre os membros de uma comunidade. “As mesmas causas que fizeram do homem o animal social que ele é, deram-lhe também a aptidão para formar representações.” (WALLON, 1942/1970, p. 190).

Toda representação simbólica dos Odús assim como sua tradição é filogênica, mas com extrema importância no desenvolvimento do raciocínio humano uma vez que raciocinamos binário; é também a estrutura de base sólida do pensamento filosófico africano. Para entendermos todos os versos, poemas, palavras e mitos, precisamos compreender os princípios simbólicos do pensamento que nascem de dois sinais verticais que seguem:

Figura 2 - Ideograma Elemental



Fonte: Imagem do autor, Jair Delfino (2015).

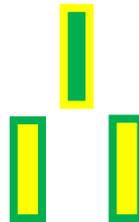
Um único sinal vertical representa a expansividade e dois sinais paralelos e verticais representam a contração. O símbolo (ideograma) ímpar é decodificado como aquele que se remete a energia criadora explicada anteriormente como fecundadora e a mesma

poderá ser simbolizada como masculina, que assume o caráter expansivo. O símbolo (ideograma) par é decodificado como aquele que se remete a energia geradora, ou seja, aquela que foi fecundada gerará o corpo para a vida poder habitar e representa a contração. É importante dizer que o sexo é somente figurativo nessa interpretação a fim de entendermos os princípios da Filosofia de Ifá, pois a questão transcende gênero.

Seguimos a interpretação dos sinais informando que o símbolo ímpar (masculino) se refere a dois elementos da natureza que no caso identificaremos como ar e fogo sendo que estes estão ligados aos orixás considerados masculinos chamados dentro da tradição Ifá de Okunrin, descendentes dos Irunmolés, “Luz que tremula”, citados anteriormente como aqueles que habitam a direita do divino Olodumarè.

Os elementos assumem significados que serão as bases do pensamento, ou seja, os princípios do pensamento filosófico e começando pelo elemento ar podemos dizer que ele significa o pensamento, o intelecto racional lógico e subjetivo ligado à busca pela evolução, o futuro e o planejamento do mesmo. É representado simbolicamente por um elemento ímpar sobre o par, sendo considerado masculino porque o elemento ímpar sobrepõe o par. Segue abaixo a figura simbólica (ideograma) do elemento ar:

Figura 3 - Ideograma do Ar



Fonte: Imagem do autor, Jair Delfino (2015).

O segundo elemento masculino é o fogo, representado pelo elemento ímpar sobre ímpar e significa a vontade, o envolvimento, a transformação e a manifestação do destino pessoal. Tanto o elemento ar como o fogo inspira o caráter expansivo na humanidade. Segue abaixo a representação simbólica do fogo:

Figura 4 - Ideograma do fogo



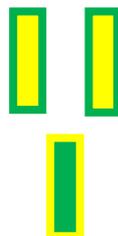
Fonte: Imagem do autor, Jair Delfino (2015).

O símbolo par (feminino) se refere a também dois elementos da natureza que são conhecidos como água e terra que se remete como dito antes ao significado de contração (retenção, ligação e hereditariedade) e em Odú Ifá é onde preside os orixás Obinrin (femininos) ou aqueles que ocupam a esquerda de Deus chamada Igbamoles, “Luz muito Antiga”.

Ao nos referirmos ao elemento água seu significado está atrelado ao lugar onde se iniciou a vida, de acordo com a tradição africana foi no útero e no mar. Seu significado está ligado à formação da matéria como parte do que a compõe e se repõe a fim de manter a vida; também está atrelado à lua como o signo da noite que influencia diretamente os corpos femininos e as marés altas e baixas, ou seja, é o elemento que assume papel agregador na filosofia do Ifá, pois a mesma sofre influências da pressão atmosférica, assim como nós.

Segue abaixo o símbolo ou ideograma do elemento água como sendo feminino pelo fato de ser o elemento para sobrepor o elemento ímpar.

Figura 5 - Ideograma da Água



Fonte: Imagem do autor, Jair Delfino (2015).

Como último elemento “par” a terra tem significado simbólico feminino como elemento que nos une (o coletivo) e para onde voltamos, representa a necessidade de voltar, reciclar e até mesmo de nos tornarmos o alimento para outros que voltarão para ela; é

necessário voltar para renascer ou para outro renascer (a terra o alimenta para a vida e você a alimenta com sua morte). Seguimos com a ilustração abaixo do símbolo do elemento Terra.

Figura 6 - Ideograma da Terra



Fonte: Imagem do autor, Jair Delfino (2015).

Sabemos agora como é a simbologia dos quatro elementos e seus significados, mas ainda não sabemos como surgem os princípios de pensamentos; daqui em diante por meio destes símbolos apresentados faremos comparações aos pares que se tornam a chave do pensar filosófico.

Os elementos aqui apresentados (terra, fogo, água e ar) na forma de ideogramas é nada mais e nada menos que o princípio do raciocínio interdisciplinar. A concepção desta forma de raciocínio se dá por comparação e identificação. Sugere esta base de raciocínio que ao se unir um ideograma de um elemento com outro elemento eu terei o que chamamos de Odús e a mesma combinação de dois elementos também sugere duas formas de sobreposição ao serem alternadas. Um exemplo pode ser: terra sobre fogo apresenta a outra possibilidade de ser o inverso fogo sobre terra.

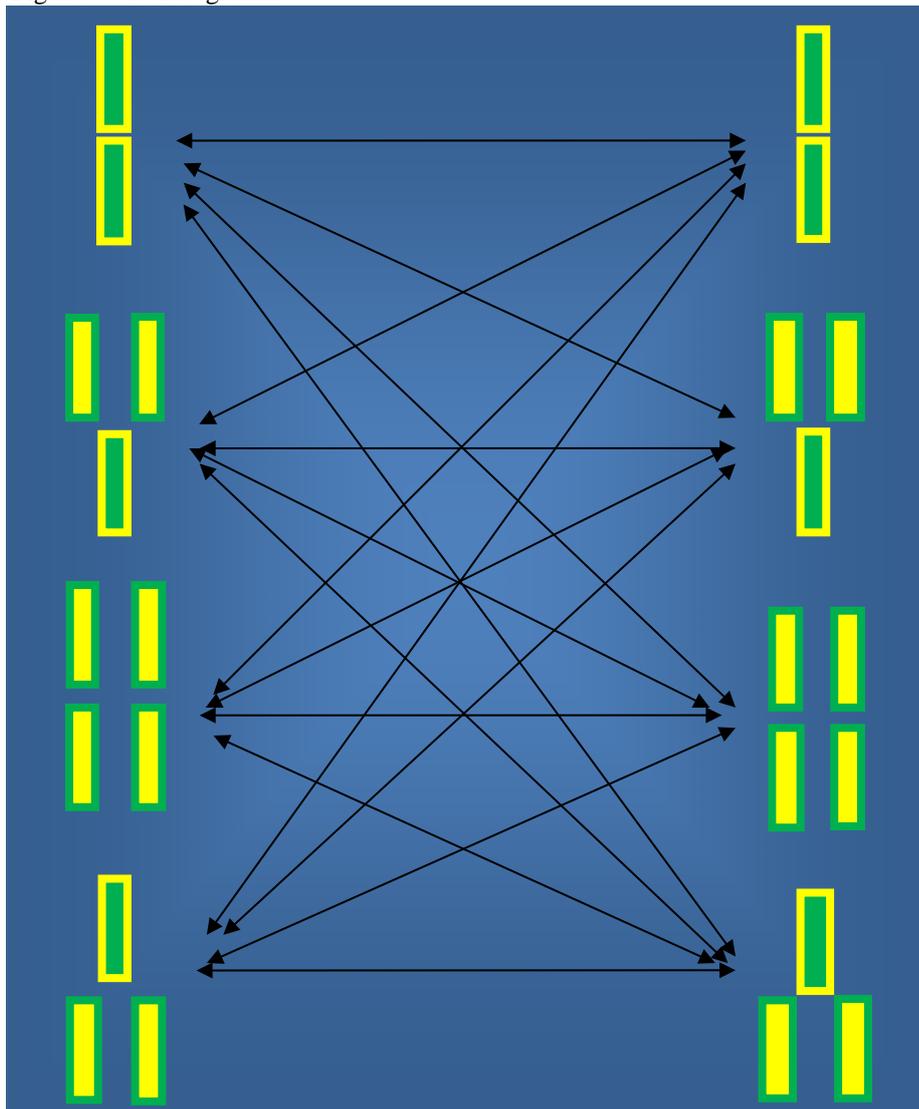
Percebemos no exemplo acima que existem probabilidades quando juntamos dois elementos; esta forma de análise, comparação e identificação viabiliza possíveis probabilidades de pensamentos e associações. Os pensamentos buscam o entendimento que por sua vez acontece em virtude do contexto de significado que abrange cada elemento. Cada elemento quando associado com outro gera um significado enquanto que o inverso dele gera outro significado. Repare que se trata de uma forma diversa de comparações e probabilidades, que detêm peculiaridades diversas, mas não são totalmente distintas, porque às vezes um exato elemento se repete em outra combinação com outro elemento.

Podemos chamar isto de padrões de pensamento binário que se traduz como forma interdisciplinar de como o cérebro entende para poder apreender o conhecimento. E o que encontramos de epistêmico e cognitivo na tradição do Ifá é justamente como se traça o caminho do conhecimento efetivo porque auxilia o ser humano a fazer memória.

Até aqui falamos somente de princípios que buscaremos inserir como caminho epistemológico para facilitar a absorção, interpretação por comparação dos conhecimentos que poderiam ser passados como distintos dentro de uma escola de base. Entendemos que o caminho para a interdisciplinaridade na formação das crianças possa ser desenvolvido de meios pedagógicos de interação que possibilite a interação da criança com as bases de cada disciplina futura de modo que haja a possibilidade de comparação e identificação. Conseqüentemente, é necessário viabilizar o entendimento e o aprendizado de forma indutiva e dedutiva para que o cérebro desenvolva as suas potencialidades e habilidades.

Abaixo segue o quadro com os quatro elementos formados por ideogramas representados binariamente onde poderemos encadear 16 possibilidades de sobreposições atendendo a posições das setas nas posições vice-versa, ou seja, indo e voltando:

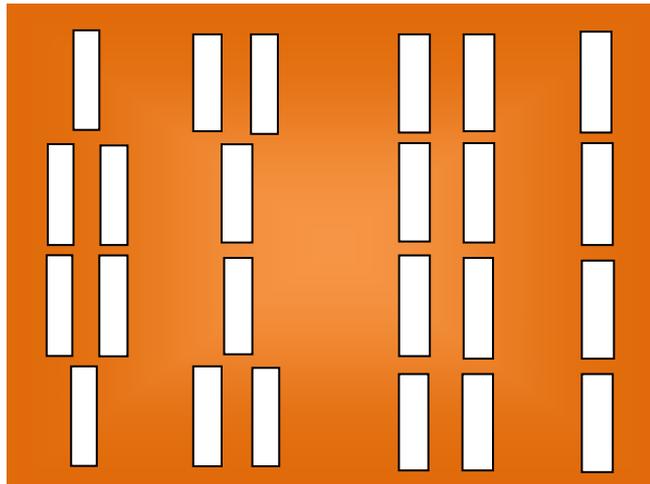
Figura 7 - 16 Ideogramas



Fonte: Imagem do autor, Jair Delfino (2015).

Das 16 probabilidades de combinações por sobreposição dos elementos surgirão o que chamamos de 16 Odús principais e destes 16 existem 4 Odús que marcam os pontos cardeais principais que mostraremos mais adiante, sendo que estes merecem algumas observações à parte como segue adiante:

Figura 8 - Odús das posições cardeais principais



Fonte: Imagem do autor, Jair Delfino (2015).

Como vemos acima, temos Odús representados simbolicamente a partir da sobreposição de dois elementos repetidos. Os Odús da direita para a esquerda seguem a seguinte descrição e significado: o 1º Odú é formado pelo elemento fogo/fogo, conhecido pelo nome: “O gbè”; é um Odú masculino, portanto, expansivo, quer dizer o espírito traz e com ele vem o ciclo da vida, ou seja, a missão de cada ser. Ele invoca a ideia do que nos faz únicos diante dos outros (identidade), ou seja, cada um tem um caminho e está ligado a tudo que o faz semelhante, mas não igual ao outro ser, ocupa a posição cardeal leste e representa o Sol.

O segundo Odú, da direita para a esquerda, feminino, portanto, contraído, é formado pelo elemento terra/terra, ocupa a posição cardeal oeste e é conhecido pelo nome “O yèyé Ikú” que significa a mãe do espírito da morte, significa algo que retorna de outra forma e alimenta a continuidade. Aqui o espírito vive sem matéria, significa a continuidade da vida de outra forma, também invoca a ideia de acúmulo a partir de tudo que a terra pode gerar ou que venha a ser extraído dela e pode gerar lucros ou fartura.

O terceiro Odú, da direita para a esquerda, é feminino, portanto contraído e formado pelo elemento água/sobre ar, ocupa a posição cardeal sul e é conhecido pelo nome “I áwo Ori” (Ìwòrì Méjì), que invoca a ideia de reunião, coletividade (pais, parentes, irmãos,

amigos); significa o mistério da ancestralidade, da consciência, do caminho a ser seguido, o mistério da vida espiritual, a importância da instituição da família, a importância de uma nação ou do todo.

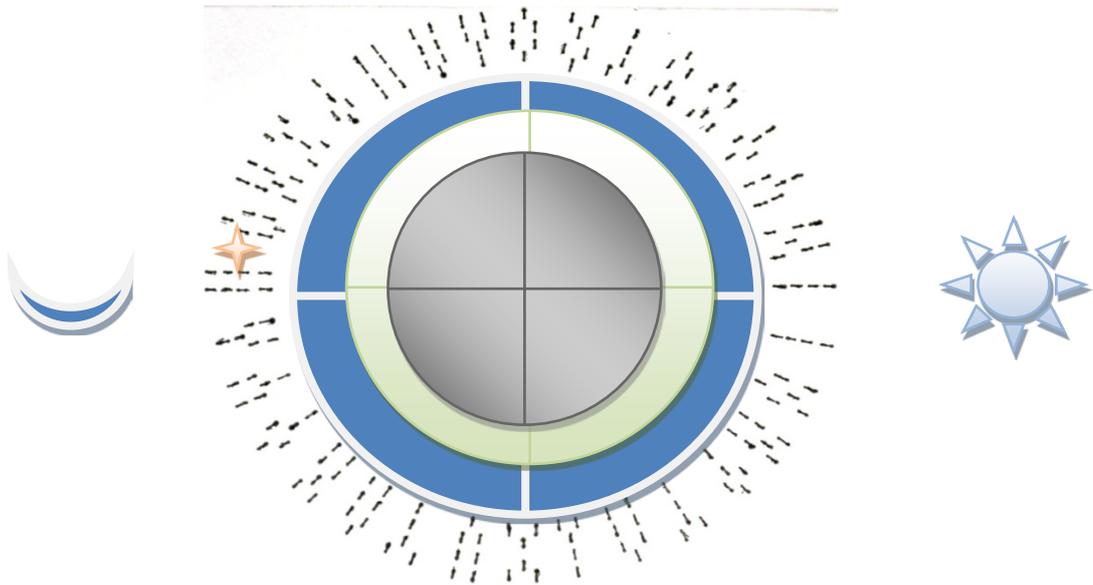
O quarto Odú, da direita para a esquerda, é masculino, portanto expansivo. Ocupa a posição cardeal norte é formado pelo elemento ar/água, conhecido pelo nome “O idi” e significa o espírito da reprodução e invoca a ideia de algo que está preso ou internalizado buscando a chave para evolução humana que pode ser relacionada aos obstáculos a serem vencidos por cada ser humano para evoluir.

Percebemos que ao falarmos sobre a ideia invocada sobre os elementos que compõem os Odús estamos introduzindo os princípios do pensar filosófico da tradição do Ifá que se mesclam no sentido da concepção do universo, das coisas materiais e imateriais, do conhecimento humano e da subjetividade. É de suma importância para este trabalho face à interdisciplinaridade haver as possibilidades de comparação e interpretações como processo inter-relacional do aprendizado para entendermos como ocorre a absorção de conhecimentos mais adiante.

Os princípios de possibilidades de comparações e interpretações filosóficas da tradição do Ifá não contradizem o princípio da identidade, da não contradição, do terceiro excluído e da razão suficiente, pois os mesmos, dentro da filosofia contemporânea, estão de acordo com a forma de raciocínio binário de comparação e identificação que ocorre na tradição filosófica do Ifá há mais de 6.000 anos. A diferença que ocorre na adoção de tais princípios está em como eles podem ser cognitivos e epistemológicos, a fim de desenvolverem as habilidades mentais que no caso do Ifá estão ligadas à lógica, à potencialidade da memória e à relação do aprender e entender partindo do ponto de vista interdisciplinar e transdisciplinar do desenvolvimento humano.

O elenco de informação sobre como se formam os Odús abre a porta para a estrutura de todo pensar em volta da criação, geração e o pensamento em confluência com o “todo e a parte” e pode ser chamado como estrutura de base da filosofia da Tradição do Ifá. Vimos nos ideogramas demonstrados acima como surgem os 16 Odús principais, também conhecidos como Olodús, como estão representados. Conhecemos quatro Odús na figura 8 que ocupam posições cardiais principais e ainda nos restam doze principais que irão ocupar posições cardiais específicas intermediárias. Ao observarmos a figura 7 entenderemos como as projeções de combinações permitem reconhecermos as 16 principais proposições de Odús. Na figura 9 temos a distribuição cardeal das 16 proposições de Odús encontradas na figura 7:

Figura 9 - Os Odús e suas posições cardeais



Fonte: Imagem do autor, Jair Delfino (2016).

As posições intermediárias entre os pontos cardeais principais, que no quadro acima estão sendo ocupadas pelas demais probabilidades de sobreposições elementais (Odús), também invocam ideias filosóficas e as mesmas estão introduzidas através do conhecimento humano por meio de versos chamados Itans, enigmas e parábolas. A forma como são ensinadas ou apresentadas incentiva o aprendiz a buscar o mistério e desenvolver o ato cognitivo como forma de aprendizado e entendimento epistêmico, pois os demais 12 Odús (Olodús) representam também, igual aos quatro Odús das posições cardeais principais, o ciclo da vida, a morte, a transformação e o renascimento, só que em níveis de evolução diferente que irão servir de estágio para o desenvolvimento pessoal, grupal, nacional e universal.

O que se busca nestes aprendizados (educação) é sempre a constante renovação que na tradição Ifá quer dizer Àtúnwá no seu sentido mais amplo da vida para onde todo conhecimento verte inovações na vida social, saúde, política, ciência, religião e vida emocional. A tradição filosófica do Ifá por estar em constante renovação é um ensinamento que se inova para o ensino pedagógico e andragógico, ou seja, é o caminho que se relaciona na renovação, conseqüentemente, o aprimoramento do mais novo e do mais velho.

A educação na tradição do Ifá é técnica, trata-se do processo contínuo no qual os seres humanos se inserem no desenvolvimento das suas capacidades morais e intelectuais, a fim de se integrarem ou interagir com a coletividade. É desta forma técnica que a tradição do Ifá vem contribuindo para a estruturação social do seu povo. Também é desta forma na qual

se prioriza desenvolver as potencialidades interdisciplinares do Ifá que vislumbramos ser de grande importância para a pedagogia brasileira, de acordo com a Lei 10.639/03.

Anteriormente foi dito que as formas de inteligências chamadas de Odús se manifestam na vida do ser humano através de presságios (anúncios, acontecimentos). Os mesmos significam na tradição o que poderemos chamar de princípio da renovação, conhecido como ciclicidade. Muitas vezes as pessoas procuram os Babalawós para saberem sobre o seu destino e dentro da tradição do Ifá o entendimento do destino é atemporal (o futuro e o presente é agora), de forma que se somarmos o passado com o presente, surgem as proposições futuras, assim como o futuro e o presente é consequência do passado.

Mas o Destino não está no futuro, nem no além. Está aí mesmo, no instante em que se vive, no aqui e no agora, como um processo que absorve os seres sem deixar resto, sem permitir valor. Cada momento é singular, cada objeto único, cada palavra é tributária de sua circunstância particular – e assim tudo se repete, morrendo e renascendo ciclicamente. Por isso, Ifá pode conhecer o Destino: quando se está no domínio cíclico, basta conhecer as espirais do ciclo para que a predição se torne possível. (SODRÉ, 1983, p. 146).

Para a tradição, a hereditariedade representa a conexão com a ciclicidade e também é uma forma biológica e espiritual por onde se garante a renovação dos nossos ancestrais e ao mesmo tempo um meio de eles e nós nos perpetuarmos. É por onde também caminham os presságios sejam eles bons ou ruins na vida de uma pessoa; por consequência desta prática filosófica de pensar se desenvolveu a memória viva através da oralidade como uma forma de prevenir, manter ou mudar um presságio com o fim de se buscar o bem viver.

Podemos entender, de acordo com o que foi dito anteriormente, que presságios são proposições de acontecimentos ou não acontecimentos que passam a fazer parte da vida do ser humano a partir do que ele atrai para sua vida ou repulsa, de acordo com o seu livre arbítrio (ações), é a consolidação do pensar da tradição do Ifá.

Setilu, o primeiro sacerdote (Babalawó) de Orunmilá foi quem introduziu os princípios e valores de uma filosofia através das parábolas contadas através de versos (Itans) que até hoje são a base que estrutura os pilares de toda a tradição africana.

Os presságios descrevem os cuidados que a sociedade africana incorporou ao modo de vida para viver em harmonia com a natureza e a sociedade e também a busca do bem-estar individual de cada um. Este é um exemplo: coletividade e individualidade conviverem de forma humanizada através do que chamamos de identidade, ou seja, os presságios são, também, para a cultura africana a maneira de descrever a personalidade ou

traços de personalidade de cada pessoa, conhecer os seus presságios é estar lidando com algo chamado de identidade e renovação.

Identidade é de fato algo implícito em qualquer representação que fazemos de nós mesmos. Na prática é aquilo que nos lembramos. A representação determina a definição que nos damos e o lugar que ocupamos dentro de um certo sistema de relações. O idem latino faz referência à igualdade ou estabilidade das representações, possibilitadas pela ordem simbólica e pela linguagem, mas também à unidade do sujeito consigo mesmo. A consciência, enquanto forma simbolicamente determinada, é lugar de identidade. (SODRÉ, 1999, p. 35). A identidade individual e coletiva tem suas bases ou pontos de referência em conhecimentos vividos pessoalmente e em ensinamentos, na tradição em grupo, etc. Esses itens são encontrados na memória. É ela que guarda as diretrizes de organização e de aceitação de um grupo social. (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

Não poderíamos deixar de falar da identidade, caráter e personalidade sem os valores e virtudes que contribuem para a formação e equilíbrio do indivíduo. De acordo com Xavier (2004), os yorubás têm quatro grandes valores e virtudes que permanecem na ciclicidade chamados de Iwá Pele, Abá, Axé e Suru. Os mesmos se inserem como princípios da hermenêutica do bem viver.

O Iwá Pele significa o bom caráter paralelo à integridade. Estas combinações garantem a inserção e aceite do indivíduo na sociedade, exercendo o papel de credibilidade aos propósitos da criança que precisa de apoio na formação identitária, sendo este valor a base da oralidade através da fala dos ancestrais que trazem credibilidade e segurança e como transmissores do valor existem os mitos com versos e parábolas, contribuindo com o seu significado para aquele que vem para saudar a terra, viver em harmonia com a terra, ou seja, compreender o mundo em que vivemos.

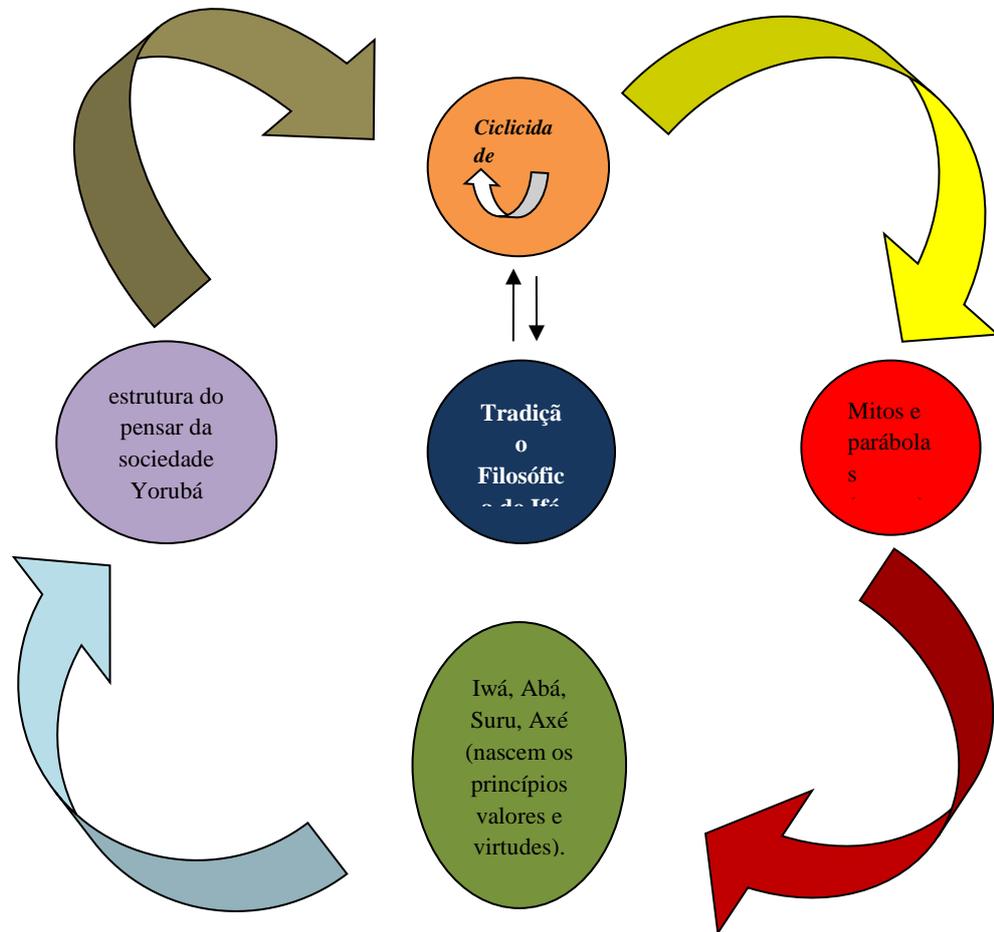
Em seguida temos o Abá (valores) que significa desígnio que retrata a definição do seu lugar como ser humano na história do seu povo em virtude do que ele representa e de sua árvore genealógica, de onde um indivíduo se fortalece na relação com o outro.

No tocante ao Axé o mesmo significa a força de realização, sendo desta forma a força que move e faz história (memória), a energia que liga o ser humano à presença divina e à ancestralidade, é a interação com o espiritual como parte que o completa e permite as transformações. O Suru é o exercício constante da virtude por se tratar da paciência para saber esperar certo resultado que irá se resumir no exercício para o equilíbrio com a natureza e a vida em geral.

Os princípios, valores e virtudes que ajudam a formar a identidade, o caráter e a personalidade, contudo, irão contribuir não somente na formação e renovação da criança e do

adulto, mas também no constante ato de filosofar para o bem viver individual consigo próprio e o coletivo.

Figura 10 - A tradição filosófica do Ifá



Fonte: Imagem do autor, Jair Delfino (2015).

3.2 Os Odús e os mistérios da vida

Dentro da cosmogonia africana que envolve os Odús, coube-nos dizer que toda a genealogia que os envolve é o que possibilita o Babalawó interpretar o que Ifá quer falar no jogo através de Exú. A princípio de acordo com o Bâbálórìsà Gomes (2015), “se quisermos sabedoria temos que adentrar a porta dos mistérios”. De acordo com Eliade (1992), mito é no mínimo o relato do que é sagrado, ou seja, um evento primordial ocorrido no início dos tempos, do que se passou *ab origine* que na filosofia se explica como origem do que somos. Segue abaixo o mito sobre a sabedoria que versará sobre os dezesseis Olodús comentados

anteriormente. De acordo com Gomes (2015) temos os paradigmas abaixo como história contada:

Houve tempo que, Òrúnmílá era jovem e de excepcional possuía apenas a vontade imensa de saber tudo o que pudesse. Em suas andanças sobre os países então conhecidos, soube da existência de um grande palácio, onde havia 16 quartos, num dos quais encontrava aprisionada uma belíssima donzela denominada Sabedoria. Muitos jovens aventureiros, guerreiros poderosos, príncipes e monarcas já haviam sucumbido na tentativa de resgatar a bela jovem. Determinado a conquistar Sabedoria, Òrúnmílá dirigiu-se ao local onde estava edificado o palácio e no caminho encontrou um mendigo que lhe estendeu a mão pedindo um pouco de comida. Colocando a mão em seu embornal, Òrúnmílá dali tirou um pequeno saco com farinha de inhame, que era tudo que tinha para comer e de uma cabaça um pouco de epô (dendê), misturando tudo e dividindo com o mendigo, comendo uma pequena parte do alimento. Depois de alimentar-se, o mendigo revelou a Òrúnmílá o seu nome, dizendo que se chamava Èsù e como agradecimento ofereceu ao jovem aventureiro um pedaço de marfim entalhado, dizendo: “Com este marfim denominado Irofá deverás bater em cada uma das 16 portas do palácio, pois só assim elas se abrirão”. Do interior de cada quarto ouvirá uma voz que te perguntará quem bate? (GOMES, 2015, [s.p.]).

De acordo com Gomes (2015), Orunmilá bateu na porta do primeiro quarto guardado pelo Odú Èjì Ogbe e uma voz lhe perguntou o que estava procurando e Orunmilá lhe respondeu: “Estou procurando conhecer a vida e a competição entre os homens e quero conquistá-la”. Èjì Ogbe representa o princípio da vida e os segredos da mesma e sua individualidade invoca a ideia de destino, de futuro, conhecer os obstáculos, as opções.

Conforme Gomes (2015), Orunmilá bateu à porta do Odú – Òyèkú Méjì, que representa o conhecimento sobre a morte e foi avisado por Èsù que durante sua estada na presença desse Odú não poderia ter medo. Nessa porta, ao bater, Orunmilá se identificou e disse que desejava conhecer Ikú (morte), aprender sobre as almas ou seus mistérios e horrores. Aqui se presume a ideia de que estar diante dos mistérios e horrores se faz necessário como um estágio a ser superado ou passo necessário à evolução. O fato de essa ideia estar atrelada à morte significa que para que haja superação ou evolução se faz necessária a relação do homem com seu lado metafísico.

Gomes (2015) disse que Orunmilá bateu na terceira porta que pertence ao Odú – Òrún -Ìwòrì Méjì senhor, que representa o conhecimento da vida espiritual com as forças do Òrún. Nessa porta encontrou um guardião denominado Ìwòrì Méjì, o ser inteligente que elimina as dificuldades. Orunmilá o reverenciou e Ìwòrì Méjì colocou diante dos seus olhos a determinação do criador sobre a Terra, os mistérios da vida espiritual e mostrou os nove espaços do Òrún (Céus), onde habitam deuses e sombras e todas as classes de espíritos que ele pode conhecer. Nessa morada se adquire o conhecimento sobre a determinação divina sobre a

vida, o lugar onde os obstáculos são vencidos pelos espíritos através da ciclicidade da vida carnal, ou seja, aqui se detém a ideia de que toda vida está atrelada a um destino, conseqüentemente, a uma missão fazendo referência ao extermínio de obstáculos sejam eles materiais ou imateriais.

A quarta porta pertence ao Odú - Òdí Méjì, assim disse Gomes (2015), que Èsù avisou que essa porta representa o domínio da matéria sobre o espírito, onde Orunmilá reclamará por conhecer o domínio da matéria sobre o espírito, a lei da vida e a formação do gênero humano. Orunmilá demonstrou respeito e submissão e seguiu o conselho de não se deixar encantar pelas maravilhas e prazeres que se descortinaram diante de seus olhos, para que não ficasse preso para sempre, interrompendo sua busca. Refletindo sobre essa parábola nos remetemos ao que prende, confina o ser humano até a sua própria autolibertação de paradigmas, medos, prazeres ou até mesmo à falta de maturidade que nos limita a buscar novos conhecimentos.

A quinta porta pertence ao Odú - Ìrósùn Méjì, disse Gomes (2015) que representa o domínio do ser humano sobre seus semelhantes. Nessa porta quando foi indagado disse a Orunmilá que procurava o acaso da vida. Orunmilá dominou todas as técnicas, mas ciente que não poderá se utilizar dela para que a mesma não se vire contra ele. Esse Odú procura sempre um proponente buscando fazer a pessoa entender que o acaso está presente quando nos remetemos às incertezas nas atitudes humanas durante a vida que pode trazer conseqüências; e mais, ele representa a lei da causa e efeito. Como exemplo tem a natureza nos devolvendo nossos maus-tratos com o meio ambiente.

De acordo com Gomes (2015) a sexta porta pertence ao Odú - Òwónrín Méjì, que representa o equilíbrio que deve existir no Universo. Nessa porta será recepcionado por um gigante do sexo feminino que deve ser saudado por Òwónrín Méjì. Nessa porta Orunmilá solicitou ensinamentos relativos à possessão espiritual, o poder da cura dos seres vivos e o equilíbrio que deve existir no Universo. Esse Odú lhe ensinou o valor da vida e a necessidade da morte, o mistério que envolve a existência das rochas e montanhas (Vulcões, erupções). Orunmilá o induziu a obter muita riqueza, mulheres, filhos e bens. Resistiu a essas tentações e trocou poucos dias de luxúria por vida longa. Aqui se percebe a ideia que certas tentações são falsas riquezas que diminuem o valor da vida e conseqüentemente o seu sentido de viver.

A respeito da sétima porta que pertence ao Odú - Òbàrà Méjì Gomes (2015) disse que representa o poder da realização dos desejos e sonhos do ser humano. O habitante desse quarto se chama Òbàrà Méjì, é velho e se apresenta de aparência bonachona. Soube Orunmilá que com ele poderia aprender a curar e solucionar problemas dos humanos. Mas sabia que

tamanho poder era perigoso, pois este Odú não permite erros e se houver pode levar ao desequilíbrio. Ou seja, no presságio desse Odú a pessoa que não admite erros se torna impaciente.

Gomes (2015) disse que a oitava porta pertence ao Odú - Òkánrán Méjì, que representa o poder da palavra do ser humano. Nesse quarto deverá solicitar a permissão de Òkánrán Méjì para conhecer o poder da fala humana. Para Orunmilá foi ótimo porque muitas são as falas e há perigo na fala que mente e não é verdadeiro. Isto fez dele um homem sábio pelo fato de não ouvir muito para não errar no julgamento.

A respeito da nona porta que pertence ao Odú - Ògúndá Méjì, Gomes (2015) que representa os malefícios da corrupção e da decadência no ser humano; nessa porta Orunmilá conheceu todos os vícios que assolam a humanidade e os escravizam. Nesse caminho Orunmilá conheceu a violência, a traição, a ganância e a miséria humana, mas para não se tornar mais uma vítima fugiu.

Disse-nos Gomes (2015) que a décima porta pertence ao Odú - Òsá Méjì (Òsá), que representa o poder do fogo e da influência dos astros no ser humano. E Èsù disse a Orunmilá que no décimo aposento deverá apresentar reverências a uma poderosa feiticeira, cujo nome é Òsá Méjì e que nessa porta Orunmilá deverá entender o poder que tem esse Odú. Poderá conhecer também o bem e o mal através de outros seres. Esse Odú invoca a ideia que devemos conhecer tudo sobre os seres no universo, sobre a influência da Lua na humanidade, os astros e a função dela sobre o ser humano, mas também avisou Èsù que se deve ter cuidado ao pensar que pode tudo, pois aí mora o perigo.

A décima primeira porta de acordo com Gomes (2015) pertence ao Odú - Ìkà Méjì que representa o mistério da reencarnação e o domínio sobre os espíritos. “Bata agora com o seu Irofá na décima primeira porta”, disse Èsù “e Ìkà Méjì lhe dirá onde os peixes povoaram os mares”. Orunmilá nessa porta aprendeu sobre os mistérios da vida e da reencarnação, e assim se livrou do luto e da dor.

A décima segunda Gomes (2015) nos disse que essa porta pertence a Odú- Otúrúkpòn Méjì (Èjì-Okô), que representa os segredos da criação da Terra. Essa porta reserva sustos e surpresas sem fim. Seu guardião se chama Otúrúkpòn Méjì sendo ele do sexo feminino. Orunmilá conheceu esse gênio e através dele conheceu todos os segredos que envolvem a criação da terra. Aprendeu o segredo da gestação humana, o significado de permitir a vida, através de si próprio, ou seja, a vida do outro também depende de nós.

Por meio de Gomes (2015) soubemos que a décima terceira porta pertence ao Odú - Òtúrá Méjì, que representa o pleno poder sobre a matéria, a força mágica. Bata com cuidado

e muito respeito, pois nesse quarto reside um gigante. Orunmilá assim o fez e através dele aprendeu sobre o universo da criação e sua energia, aprendeu como nasceu a raça humana, aprendeu a dominar os átomos e utilizar a sua força. Também pôde aprender a usar a força da fala humana, mas teve que desse Odú se livrar para não ficar preso à sua sabedoria. Aqui aprendemos que quem detém o conhecimento de ÒTúrá Méjì pode usá-lo para seduzir para o bem e para o mal.

Já na décima quarta porta Gomes (2015) nos diz que pertence ao Odú - Ìretè Méjì (Ògbé-Ogundá), que representa o poder dos segredos dos espíritos da Terra. Diante dessa porta irá se deparar com esse Odú, que é o próprio espírito de Ilé, a Terra. Orunmilá teve que desvendar os seus segredos e guardá-los com segurança, pois a sabedoria estava em aprender a guardar e respeitar os mistérios dos ancestrais, ou seja, a busca do conhecimento está no passado.

A décima quinta porta pertence ao Odú - Òsé Méjì, que segundo Gomes (2015) representa os males físicos do ser humano. Nessa porta será recepcionado por Òsé Méjì, que irá ensinar sobre degeneração, decomposição, doenças, perdas e putrefação. Aqui Orunmilá aprendeu que é perdendo que se ganha e deveria seguir sempre pelo caminho mais modesto. Ele soube sanar esses males e fugiu o mais depressa possível para não ser também vitimado por tanta negatividade. Aqui se aprende que a prevenção é o melhor remédio contra uma epidemia.

Na décima sexta porta por meio de Gomes (2015) descobrimos que pertence ao Odú - Òfún Méjì, que representa a união dos poderes dos outros 15 Odús de Ifá. Finalmente a décima sexta porta, o último dos obstáculos que o separam da sua desejada musa. Aqui Orunmilá pode conhecer aquele que ressuscita os mortos, ou seja; aquele que permite a continuidade da vida ao espírito após a morte. Este mesmo representa a junção representativa dos demais 15 Odús aqui explanados, nele tudo se forma à medida que tudo se dissipa. Uma vez que o conhecer e se for à sua busca trará toda sabedoria da vida para o resto da eternidade.

É importante dizer que o Babalawó (aquele que joga Ikin e Òpèlé), assim como o Bábálórìsà (aquele que consulta os búzios), recorrem a essas casas representadas acima para interpretar o que diz o jogo sobre as pessoas. Para tanto é necessário não somente interpretar as parábolas que estão no mito, mas uma série de Itans (versos) sobre os Odús presentes durante o processo. É desta maneira que muitas vezes os mistérios compõem o lado subjetivo da vida social que temos, quero dizer, estamos sempre procurando respostas e o mito é a porta mais próxima para entender o significado das coisas que permeiam a vida. A fim de

entendermos a importância do texto acima sobre a sabedoria, encontraremos a citação de Martins (2012):

É conveniente ressaltarmos que a teogonia afro-negra, principalmente a nagô, é tão ou mais rica que as que comportam lendas dos deuses de origem grega, egípcia, celta [...]. No entanto, este tesouro cultural é ainda hoje visto, no Brasil, como “coisa de gente atrasada” ou numa expressão visivelmente racista, “coisa de negros”. (MARTINS, 2012, p. 38-39).

Um único Odú pode estar diretamente ligado a vários fatores recorrentes e probabilísticos na vida de uma pessoa, seja no campo emocional, social, familiar, físico no que compete à saúde, propensão a doenças ou não ter doença grave e muito mais. O Odú participa do seu desejo, do seu medo, da sua raiva, da sua alegria, da sua determinação ou não e tudo isto pode condicioná-lo. Na concepção africana somos energia em constante movimento que se relaciona constantemente. Este é o motivo pelo qual em nós a vida, ou seja, a energia está em constante movimento. A mesma se distingue ou sintoniza com as demais energias devido aos presságios dos Odús na vida de cada um. Reconhece-se dentro da tradição que os corpos de energia assim como na química (elementos químicos) buscam o equilíbrio, estabilizar, equilibrar com o universo ou o meio em que se habita. Desta premissa surge a concepção e o instinto do ser humano na tradição do Ifá que leva os seres humanos a buscarem sempre viver em equilíbrio com o meio em que se vive e com a natureza em geral.

3.3 A estrutura do pensar filosófico

Ifá é a ciência que ensina a pensar subjetivamente trazendo o conhecimento diverso não explorado e entendido por outras culturas, ele é o corpo do filosofar que trabalha o físico e o metafísico privilegiando as virtudes de duas faculdades cerebrais conhecidas como lógica e criatividade para trabalharem juntas, ao contrário de outras filosofias que jamais permitem tal interação separando os comportamentos dos seres humanos como distintos.

Não somente as potencialidades, mas também as habilidades desenvolvidas dentro do Ifá podem ajudar na educação. Partindo da forma estrutural do raciocínio binário, ou seja, a forma como o cérebro raciocina, construiu-se ao longo de milhares de anos um sistema de codificação que privilegia o conteúdo que a memória pode absorver; prova disto é a habilidade que um Babalawó tem de recitar 4.096 versos. Esta forma de absorção de

conhecimento (memória efetiva) se estrutura através da interdisciplinaridade por identificação, comparação e com tudo que está à nossa volta.

A interdisciplinaridade africana é uma forma estabelecida de epistemologia (teoria do conhecimento) com o foco não somente na evolução, mas também na memória. Ela por sua vez descreve um caminho inter-relacional que pode ser usado na educação. Buscamos dentro da educação um modelo interdisciplinar que possa unir as pontas, ou seja, fazer ligação entre disciplinas de diferentes ciências.

Justamente o foco interdisciplinar não enxerga diferentes ciências e sim ciências que se complementam. A forma como isto é feito está no desenvolvimento da capacidade do educando de assimilar princípios frente a comparações e identificações partindo dos princípios que todas as partes completam um todo. Vemos a partir deste raciocínio que para essa filosofia tudo está conectado e interagindo de forma constante e harmônica.

Entendemos que não basta só mudar o foco de visão na educação, mas também compor a filosofia do pensar binário africano na sistemática cognitiva da educação de forma que todos os potenciais do ser humano possam ser explorados para desenvolver habilidades e competências.

De acordo com o médico e Babalawó Bidarra (2015), Ifá é uma tradição africana que vem dos faraós do Egito e se torna religião quando se faz o rito, torna-se efeito social quando estamos conversando e praticando suas máximas e quando estudamos se torna ciência.

Temos uma ciência do filosofar que se aprende através de mitos e matemática binária. Ademais é o corpo de conhecimentos sobre medicina e religião. O que é extremamente importante é que através dessa filosofia não se tenta dogmatizar o homem e sim instituir valores do bem viver, ou seja, de forma alguma se tenta manipular o seu seguidor (iniciado) e sim se segue regras somente para alcançar estágios de conhecimento.

Ifá é um meio genealógico de educar dentro da coletividade para formar a individualidade dos seres responsáveis e integrados no sentimento coletivo do bem viver chamado de filosofia africana. A mesma não é regra, mas o que chamamos de tradição, esta palavra não representa o que se traduz de um povo porque nesse contexto a base hegemônica é imutável sempre em movimento cíclico, é para nós a própria coletividade, pois revela o conhecimento amplo e diverso passado de boca a ouvido e revivido em todo momento em contato com o metafísico através de interpretação dos presságios vividos por cada indivíduo.

A tradição negro-africana transmite o essencial. “É um sistema de auto-interpretação”. Através da tradição oral, a sociedade explica-se a si mesma... A

história falada dos africanos se aproxima de uma verdade ontológica, ou mais exatamente, ela fixa o olhar do homem nas questões ontológicas ignoradas pela história científica das sociedades europeias. (ZIEGLER, 1971, p. 163.)

Dentro do que podemos chamar de base filosófica para o entender e posteriormente aprender, seja no campo social, cultural ou científico. Ligado à educação existe o fundamento, ou seja, somente a base, o essencial, que não pode ser doutrina ou dogmatismo e sim somente o conceito de valor para que a individualidade tenha a liberdade de expressão. Este é o princípio da base filosófica que ajuda a formar a personalidade e o caráter.

É importante falarmos neste contexto da religião de matriz africana, pois a mesma no Brasil e na África; é o exemplo de tradição oral viva e ao mesmo tempo é parte de Ifá através dos mitos. A religião de matriz africana não é só formas de prática e reverências às divindades, mas o exercício da cultura que faz parte do que podemos chamar de filosofia para a vida, fundida na tradição dos costumes orais africanos seja no Brasil ou em qualquer país que vive a cultura africana, onde os princípios e práticas estão em equilíbrio com a natureza e todas suas formas de manifestação no meio em que vivemos.

Neste conceito, o ser humano praticante da religião de matriz africana se coloca na posição de ser o corpo, a mente e o espírito, como todo e a parte deste todo chamado natureza. Nesta perspectiva eu sou você e você é eu; desta forma seremos mais humanizados porque seremos um só corpo, uma só mente, um só espírito, exercitando os princípios da coletividade. Todo este legado, esta história viva não fica estática em um testamento, tratado teológico e outras formas religiosas de instituir o dogma sobre a sociedade, mas constitui o conhecimento de pertencimento, “herança de toda espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (BÂ, 2010, p. 167). É desta maneira que as diversas interações e competências que são desenvolvidas nesse ambiente levam à interação do adulto com a criança, primeiramente o entendimento e, em seguida, o aprendizado.

A filosofia de matriz africana não dogmatiza os adeptos, mas estabelece o que é axiológico atendendo o conceito de que o conhecimento é coletivo para nos tornarmos mais humanizados instituindo para a individualidade do pensar a subjetividade. A filosofia resgata através da oralidade o que consideramos atemporal por se apresentar na diversidade contemporânea, moderna e pós-moderna, sem perder a sua identidade de valores e tradições; isto é o que chamamos de memória viva da ancestralidade, onde a filosofia é também o ato de confluir todas as informações para o nosso tempo ou tempo atual através da ciclicidade.

A subjetividade africana está diretamente ligada ao Deus acessível, o Arkhé Olódùmarè, sendo que a religião africana filosofa, cultua suas divindades como acessíveis aos adeptos, de maneira que outras religiões veem seu Deus de forma intocável. Neste contexto, na religião africana o espírito é conhecido como uma forma de energia, parte viva da natureza que está em pleno movimento chamado vida e em busca de paradigmas para filosofar sobre o acessível; aproximamo-nos de Muniz Sodré (1999) e observamos que:

Na Grécia pré-clássica, “Deus” podia ser identificado por pensadores como Arkhé. Em geral, designa o princípio de qualquer ordenamento, um princípio que fala ao mesmo tempo da origem e do fim de entes e coisas do mundo. A arkhé afro-brasileira, porém, difere da cristã. Os nagôs concebem um Deus supremo chamado de Olorum/Olodumare, um princípio criador, dos quais se pode deduzir “a quem quer o que Deus quer, vai ter o que Deus quer”. Supremo juiz da multiplicidade diferenciada de princípios, gerador de outras divindades. Isto quer dizer: Olorum é o princípio de algo que não se resolve no plano da causalidade explicativa das coisas postas sob a égide do ponto de partida exclusivamente humano. (SODRÉ, 1999. p. 171-173).

A existência da divindade se completa no ser humano e no todo, na sua onisciência, onipotência e onipresença. Neste caso específico a existência do Arkhé marca o princípio de qualquer ordenamento que fala da origem e do fim de seres e coisas do mundo, para a religião de matriz africana.

A filosofia pode ser interpretada como o conjunto de crenças e saberes que estão inseridos na linguagem, prática e cultura que traduzem a realidade de um povo. O saber nada mais é do que a arte de filosofar através do exercício do amor pelo conhecimento que nutre a alma. O conhecimento são os diversos encantos de um povo. O fator marcante que permite a filosofia africana ou etnofilosofia⁷ é a tradição oral e a mesma está contida de mitos que formam todas as variações expressivas literárias do corpo do Ifá.

A filosofia africana trabalha a dinâmica do pensar conexas a análises de proposições e probabilidades, tudo que pode ser trazido ao conhecimento. Por mais que pareça sem lógica ou subjetivo, é valorizado neste tipo de raciocínio. A princípio o tipo de raciocínio é como silogismo (modelo de raciocínio baseado na ideia da dedução, composto por duas premissas que geram uma conclusão), mas a dinâmica interpretativa por detrás da dedução busca entender primeiramente para posteriormente aprender e confirmar possíveis possibilidades ou probabilidades diversas do cotidiano do ser humano. O corpo de conhecimentos é sempre multidimensional na compreensão e expressão visando a maior absorção de informações interdisciplinar possível, sendo que desse princípio se promove o

⁷ Etnofilosofia: termo que define a filosofia moderna africana.

desenvolvimento da capacidade analítica pautada nas várias vertentes de possibilidades e probabilidade que um aprendizado pode promover. A forma binária de pensar permite a análise comparativa e a expressividade simbólica, estética e geométrica interdisciplinarmente, como veremos nos próximos capítulos.

Tal abordagem nos permite refletir não só sobre os valores da tradição africana, mas também na sua importância histórica presentes no conjunto de crenças e saberes que estão inseridos na linguagem, prática e cultura que traduzem a realidade de um povo. O saber nada mais é do que a arte de filosofar através do exercício do amor pelo conhecimento que nutre a alma. O conhecimento são os diversos encantos de um povo. O fator marcante que permite a filosofia africana ou etnofilosofia é a tradição oral e a mesma está contida de mitos que formam todas as variações expressivas literárias do corpo do Ifá como legado intangível e histórico da tradição africana.

3.4 Ifá o patrimônio da herança oral intangível da humanidade

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer, celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas.

O culto a Ifá, através da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), é assegurado como o patrimônio da herança oral intangível da humanidade, a partir de 2005, sendo que a questão que envolve o patrimônio está diretamente ligada ao fato de o Ifá ser também a identidade do povo africano e participar de forma filosófica, estrutural e científica dessa sociedade. Ademais, universalmente Ifá é conhecido e cultuado com seus mitos, parábolas, adivinhas, através da oralidade, passada de sacerdote a iniciados, ou seja, dentro deste aspecto se reconhece que Ifá é uma crescente cultura universal com matriz reconhecida e protegida pela mesma entidade citada acima, contra credos, políticas e pensamentos contrários. De acordo com Martins (2012) Ifá é:

A manifestação material de Orunmilá. O sistema divinatório e todos os instrumentos que o compõem e que fazem parte da liturgia. Tudo o que é palpável e que possa de alguma forma fazer parte do culto. Os signos do oráculo (Odus), seus versos, lendas e ensinamentos. Os escritos. O próprio Orunmilá. (MARTINS, 2012, p. 30).

O Ifá também é o maior referencial de tradição africana, a resposta dos ancestrais

e tem a sua medicina própria difundida entre povos que o cultuam. A relação de conhecimentos está ligada aos diagnósticos de pacientes portadores de patologias bem como ao tratamento para a cura dos mesmos. Existe na Nigéria o Instituto do Patrimônio Ifá que é uma instituição pós-secundária em Oyo Town, estado de Oyo, patrocinada em parte pela UNESCO e aprovada pelo Governo Federal da Nigéria. O objetivo do instituto é a preservação e propagação de Ifá como um corpo africano indígena do conhecimento dentro das configurações de um sistema educacional moderno e contemporâneo.

Através da UNESCO o Ifá está entre as 86 tradições do mundo que são consideradas como obras-primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Essa organização mantém gravações, registros e arquivos do Ifá, mas considera que uma das formas mais eficazes de preservar o patrimônio imaterial é garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar exercendo seus costumes e tradições bem como transmiti-los. Desta forma, estimula os países a criarem um sistema permanente de identificação de pessoas que absorvem ao máximo as técnicas e habilidades necessárias à manifestação dos costumes, credo, aspectos culturais de um povo e manutenção do seu patrimônio cultural material e imaterial. De acordo com Sodré, “no grupo patrimonial, mesclam-se elementos reais e fictícios, estes últimos inventados segundo a lógica das conveniências. Simbolizações, mitologias, racionalizações genealógicas concorrem para o imaginário coletivo do grupo patrimonial” (SODRÉ, 1999, p. 108).

Em 2003, através de muitos esforços, que incluíram estudos técnicos e discussões internacionais com especialistas, juristas e membros dos governos, a UNESCO adotou a Convenção de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Essa convenção regula o tema do patrimônio cultural imaterial e, assim, complementa a Convenção do Patrimônio Mundial, de 1972, que cuida dos bens tangíveis, de modo a contemplar toda a herança cultural da humanidade.

O Ifá e tudo o que o completa é reconhecido como identidade do seu povo e protegido pela UNESCO. Esta por sua vez reuniu um conjunto de bens culturais classificados de acordo com sua natureza: arqueológica, antropológica, etnográfica, histórica, belas-artes e artes aplicadas. Está relacionado como bem imóvel - núcleo urbano, bens individuais – móveis no que se refere a coleções arqueológicas, acervo museológico, documentais, bibliográficos e arquivísticos. Todo este contexto abrange a conservação, manutenção e divulgação do patrimônio cultural intangível onde abrange as expressões culturais e as tradições de um grupo de indivíduos preservando sua ancestralidade para gerações futuras.

4 REFLETINDO SOBRE O TABULEIRO DE IFÁ RELACIONADO À QUESTÃO DOS MITOS E SUA INTERPRETAÇÃO EM VIRTUDE DA ESTÉTICA E SEMIÓTICA

Temos que o Tabuleiro representa vários aspectos da cultura do Ifá e no mesmo estão codificados vários signos e símbolos ligados a mitos e fatos da história africana, daí o nosso interesse em estudá-lo. O Babalawó se utiliza da madeira dos tabuleiros com toda codificação subjetiva presente nos entalhes ou na memória para fazer a adivinhação. Associado ao tabuleiro tem dois fatores não tratados nas literaturas: o primeiro é a arte ligada ao tabuleiro; o segundo são aspectos e associações da estrutura dos tabuleiros ligados a elementos básicos e aos Odús.

A questão que envolve a arte de fazer as molduras no tabuleiro de Ifá não está atrelada à qualidade da madeira e sim a uma madeira específica de uma árvore sagrada chamada de Irokô (*Milicia Excelsa* ou *Chlorophora Excelsa*), conhecida como amoreira africana que é encontrada na região que compreende a Serra Leoa até a Tanzânia, atingindo até 45 metros de altura e 2,7 metros de diâmetro.

A escolha do Irokô é porque representa a árvore da vida por onde todas as divindades vieram à Terra (Ayé), onde se reúnem todas as divindades; é a árvore que guarda a força da natureza, em outras palavras representa a força vinda das divindades chamadas Orixás. Em suma, Irokô é também a forma de materialização da energia da vida (força da criação, força da geração), o símbolo, o arquétipo que representa a ancestralidade. De acordo com Bascom (1969, p. 11) “a importância dos ancestrais está presente através dos versos que incorporam mitos recontando as atividades das divindades”. Acredita-se, dentro da cultura religiosa yorubá, que a árvore Irokô é o seio da natureza, morada das divindades, também conhecidas no Brasil por Orixás.

As tradições africanas dizem ser a primeira árvore a ser germinada na Terra, sendo que através do Irokô os Orixás vieram à Terra. A ela também é atribuída a questão da dimensão tempo que rege nossas vidas e toda genealogia, sendo que esta representa as mudanças climáticas. Irokô é reverenciado como a divindade guardião das florestas centenárias e também é visto como uma divindade cultuada que representa toda a dinastia das divindades Orixás e que envolve a ligação do Ifá ao metafísico, sendo reverenciada como árvore do senhor do céu (Orunmilá).

Partimos da constatação de que a cultura, a arte e a tradição religiosa africana sempre estiveram diretamente ligadas ao sagrado através dos mitos e simbolismos estéticos. A abordagem sobre a árvore não somente está ligada à questão da escolha da madeira, por ser de

grande significado religioso, que acredita serem provenientes dela os encantamentos para a ligação com o subjetivo que envolve os arquétipos, mas também os signos odúnicos (ideogramas provenientes da combinação dos quatro elementos da natureza - “terra, fogo, água e ar”) e formas de animais que serão entalhadas na madeira, onde tudo representa a vida e a morte, pertencentes aos mitos da divindade Irokô, como é o caso da cobra que o acompanha de acordo com a oralidade que envolve os mitos e será também representada na moldura do tabuleiro.

4.1 Análise dos significados dos símbolos entalhados no tabuleiro de Opón-Ifá

A visão imagética nos permite entender os entalhes de um tabuleiro quando nos referimos aos significados dos símbolos em relação à complexidade de informações.

As molduras dos tabuleiros e as extremidades do círculo interno, ricos de detalhes, estão diretamente ligadas aos arquétipos, que simbolicamente podem representar com ênfase em detalhes a memória e a ideologia do artista e, por sua vez, merece atenção por conhecer os mitos e conseguir traduzi-los para a visão estética com interpretação cognitiva que muitas vezes podem ser repetitivos.

Entre os símbolos representados encontramos em todos, indispensavelmente, tabuleiros, uma face frontal de um homem ou somente os olhos que representam a divindade Exú (Ésú). De acordo com Portugal Filho (2010), “os olhos são parecidos com o olhar do Babalawó que está jogando o Ifá”.

Esta divindade conhecida no panteão africano como mensageiro entre dois mundos, aquele que conversa com Ifá e com o sacerdote adivinho é quem também leva as oferendas para as demais divindades e aponta as direções que levam a caminhos a serem seguidos pelo consulente. Também é o protetor e toda esta atribuição lhe garante lugar de destaque. Existem outros aspectos que merecem ser abordados mais adiante sobre o mesmo nas relações de espaço e posição do tabuleiro.

Temos também recorrente em muitos tabuleiros a presença entalhada da cobra. Mais que uma cobra a sua presença simbólica nos remete à divindade Irokô, abordado anteriormente. A mesma representa o comprimento do Karma de cada um de nós e significa o começo e fim de toda forma de energia ou vida.

Ela pode estar entalhada em forma de círculo, representando o começo e o fim e se estiver no sentido horário também significa a ciclicidade da vida, a renovação. O caminho percorrido do guizo à cabeça da cobra vai de encontro à face frontal ou olhos esculpidos de

Exu. A cabeça da cobra fica representada do lado direito da face de Exu e significa os olhos das divindades na terra. Já o guizo do lado esquerdo da face representa o aviso ou aquele que trará o aviso. Na figura 2 abaixo temos um tabuleiro com exemplos de várias figuras que serão discutidas na sequência:

Figura 11 - Tabuleiro iconográfico



Fonte: Jair Delfino, 2015. Tabuleiro do autor.

O tabuleiro acima foi feito de barro por nós para exemplificar algumas formas importantes; nele existem, além da cobra, outros símbolos de animais equinos que muitas vezes estão com a cabeça entalhada para baixo, significando sua relação com a terra que lhe fornece vida através dos alimentos, sendo que na sua condição também a fertiliza com o estrume, representando a ciclicidade da vida ou movimento de renovação da vida através da energia. Rowland (2000, p. 182) analisou os poemas de Ifá para obter o significado de figuras equestres nos tabuleiros tradicionais yorubá e para ele se destacou a presença dos cavalos como sendo a representação de força, realeza, liderança e sucesso.

Podemos encontrar entre os diversos entalhes até mesmo o Iróké (instrumento usado para chamar Ifá), que pode ser feito de marfim, a partir da presa mestra do elefante, de madeira ou chifre de veado. Nele encontramos formas de entalhes que se mesclam ao subjetivo do inconsciente, muitos deles ligados à representatividade do sagrado. Para entendermos melhor, Bascom (1969) nos enriquece de detalhes:

Esta é conhecida como a baqueta de Ifá (irofa, iro Ifa) em Ifé, como a baqueta de marfim (iroke, iro ike) em Ibadan e região de Oyo, e como orunfa (orun Ifa) ou orunke (orun ike) em Meko; mas os termos i-rofa e iroke são amplamente reconhecidos. A baqueta tem, geralmente, cerca de 20 a 40 centímetros de comprimento, e é esculpida em madeira, com a extremidade inferior, que se bate no tabuleiro, modelada na forma de uma presa de elefante. (BASCUM, 1969, p. 34).

Podemos encontrar a Salamandra entalhada (exemplo figura 2), que tem o significado ligado às divindades de gênero feminino chamadas de Yámis, onde representam a continuidade da vida, além da água, e a evolução dos seres humanos e das espécies que vieram da água. A comparação acontece pelo fato de as larvas da Salamandra serem aquáticas e quando adultas são terrestres. Outro fator importante está atrelado a presságios ligados a um Odú que veremos mais adiante, chamado Osá, que quer dizer água sobre fogo, ou seja, a água apaga o fogo na sua representação elemental.

Tartaruga entalhada (exemplo figura 2) pode significar aquele que guarda o segredo das divindades e também aquela que porta a energia que dá a vida. Está ligada ao mito do Odú, chamado de Otura-meji, no qual existe seu ideograma que será mostrado adiante. Segundo Beniste (2001), o casco da tartaruga da terra ou marinha é considerado bom condutor da verdade para o Babalawó de Ifá. Também existe a presença do homem progenitor (exemplo figura 2) e a mulher geradora da vida representando os ancestrais na moldura para servir de significado positivo para o homem e o oposto para mulher.

Existem traços em forma de oito (exemplo figura 2) que marca a ciclicidade da vida do ser humano e representa também o seu caminho individual em virtude da atemporalidade que significa que o tempo do passado não é separado do tempo do futuro assim como do presente, também representa a ciclicidade, onde cada momento é previsível. Para o africano saber do futuro, a sua análise se resume à soma do passado com o presente e desta forma se estabelecerão as predições prováveis.

Caranguejos (exemplo figura 2) representam aquele que habita a terra e a água e pode representar a transição da vida da água para a terra, mas também pode significar, segundo alguns mitos, aquele que não guarda segredo. O caranguejo também significa interdição ao iniciado nos cultos africanistas, porque significa aquele que anda de lado e para trás, mas nunca para frente, portanto não significa o futuro ou a prosperidade na sua representação no caminho do iniciado.

Podemos ter também no tabuleiro a presença do camaleão, que é encontrado em alguns mitos como o primeiro animal colocado por Orunmilá para pisar na terra para ver se a terra era firme ou fofa e, por sua vez, é considerado sagrado na Nigéria que, conforme Abimbola (1977):

O camaleão é uma criatura sagrada para os Yoruba. Na sociedade tradicional Yoruba, era proibido matar camaleões exceto para propósitos médicos ou rituais. Os Yoruba consideram o camaleão como um *ajéègùn* (aquele que faz medicamentos poderosos). O camaleão é frequentemente incluído em importantes medicamentos para aumentar a sua potência. (ABIMBOLA, 1977, p. 36).

O Entalhe do caracol significa a longa viagem dos ancestrais, o caminho para as alturas, aquele que representa e guarda o mistério divino e que tornou possível às divindades e homens caminharem na Terra. Temos também os peixes e todas as espécies aquáticas que representam o segredo e a verdade da humanidade.

Folhas entalhadas podem significar o acesso à cura, a força dos orixás, a ciência de cura de Ifá, aquilo que alimenta o espírito e cura a matéria e a divindade da cura. Essa divindade é conhecida pelo nome de Osanyìn. Segundo Portugal Filho (2010), esta é a divindade da medicina, é o irmão mais jovem de Ifá, cuja idade ele suplanta em 1.460 anos.

Pássaros por exemplo o papagaio, encontrado na figura 2, representa aquele que percorreu o mundo para trazer a notícia a Orunmilá. Caso seja uma coruja entalhada representa as Yabás feiticeiras (Irunmolés femininos ou Igbamolés), assim conhecidas no panteão africano. Outro tipo de pássaro representaria a divindade conhecida como Orixá Xangô do fogo que tem a atribuição de proteger contra as feiticeiras, também representa a justiça e tem ligação direta com Oyó (Cidade onde existe o culto a Ifá). Em busca das especificidades Beniste (2001) diz o seguinte:

Três pássaros são sempre citados como símbolos da boa sorte: o Agbè, pássaro de penas azuis, simboliza a bondade; o àlukò, pássaro de penas vermelhas, símbolo das boas notícias e o Lékeléke, pássaro de penas brancas, simboliza a paz, [...]. Àwodi é a denominação do Falcão, [...], ele se revela como o pássaro das grandes alturas e como a galinha não voa ela se presta ao sacrifício. (BENISTE, 2001, p. 270).

Enfim, tudo que existe em forma de vida e representação na natureza pode estar atrelado a significados litúrgicos em face dos elencos como axiomas dos arquétipos que enriquecem a obra e por meio de leitura estética, simbólica e representativa poderão ser encontrados nos tabuleiros.

4.2 A sinalização das representações: significado simbólico e estético dentro do arquétipo

Nesta abordagem é importante entender como estão divididos e organizados os lugares em relação ao espaço e quantidade de símbolos neles presente. A importância dessa organização pode estar ou não atrelada à leitura cognitiva. Para isto devemos considerar como

estão distribuídos os elementos entalhados em relação aos olhos de Exú ou face frontal do Exú, no tocante ao assunto das representações que aparecem nos tabuleiros. Devemos atentar para a não necessidade de representações entalhadas além da figura do Exú. Seguem abaixo dois tipos de tabuleiros representados pelas figuras 12 e 13:

Figura 12 - Tabuleiro redondo

Figura 13 - Tabuleiro quadrado



Fonte: Jair Delfino (2015). Tabuleiros do autor.

Exú é de suma importância, pelas atribuições comentadas anteriormente nesta dissertação e agora para completar temos como destaque esta divindade que marca no tabuleiro das figuras 12 e 13 a posição entalhada de frente ao sacerdote adivinho, de maneira que os dois se olhem de lados opostos. Este que é o mensageiro entre dois mundos se encontrará então na posição cardinal norte do tabuleiro e também, dependendo do tabuleiro, poderá se encontrar nas demais posições cardinais principais como sul, leste e oeste. Sendo assim, na leitura iconográfica ele representa o olho que tudo vê e devido às atribuições do seu cargo o colocam nos quatro cantos do mundo que é representado no tabuleiro pelas quatro posições cardinais comentadas anteriormente. De acordo com Portugal Filho (2010):

Existem vários tipos de Opón Ifá, redondos ou quadrados, com um ou mais compartimentos centrais separados da área principal. Quando os Babalawós usam Ikin no jogo, é importante a existência do Opón Ifá, onde se imprimem os sinais que caem dentro dessa tábua, na qual o iyèrosùn é colocado. Há vários desenhos que cobrem o redor da margem do Opón. (PORTUGAL, 2010, p. 17).

Exú é o senhor que conhece todos os caminhos ou ao menos aponta a direção para

outros caminhos. Esta então será a sua importância de entalhe na madeira que divide os quadrantes, onde mais adiante será detalhado aonde acontece a comunicação do homem com o metafísico, por herança, confidenciado ao adivinho.

No momento os destaques das competências servem para entendermos que cada ponto cardeal onde Exú opera cria uma linha imaginária que na intersecção dos pontos cardeais leva o tabuleiro a ser analisado em quatro partes que chamaremos de quadrantes e em cada um deles poderemos, dentro da ordem quantitativa, ter quatro figuras que dentro das probabilidades de combinação possíveis resultarão em dezesseis Odús principais do Ifá. Percebe-se então que as figuras expostas estão divididas no espaço por quantidade e o mesmo não é só estético e sim as figuras entalhadas estão distribuídas significativamente e simbolicamente de forma analítica.

É importante notar que as figuras relacionadas acima possam ser definidas por quadrantes, de acordo com sua referência simbólica, que detalharei mais adiante. Devo lembrar que a posição para onde está direcionada a figura entalhada também merece atenção, em virtude do seu significado. Assim como a cobra citada anteriormente, as demais figuras comentadas também detêm ou não significados de acordo com as posições e elementos da natureza que também são representados nos tabuleiros.

Os arquétipos estão representados nas figuras com muitas informações a serem decodificadas. Fazendo uma memorização do que já foi dito até aqui, podemos dizer que Irokô que é o senhor do tempo, das divindades e formas de vida, que encontra seu significado no simples fato da madeira provinda do Irokô existir, atribuindo-lhe desta forma o seu valor de fetiche ritualístico. Por consequência, toda interpretação do que acontece no processo que inclui os conhecimentos orais do adivinho está diretamente ligada ao mensageiro entre dois mundos, ou seja, Exú, que é o interlocutor entre mundos dentro do tabuleiro. Isto acrescenta ao relato a visão do mundo e suas especificidades na complexidade paradoxal de ciclicidade que envolve a dialética de um povo.

De acordo com Bassani (1994, p. 79) existe o tabuleiro que tem o centro circular na região côncava e o entorno retangular chamado de Ifá Opón Ulm. As formas dos tabuleiros variam conforme o que foi citado anteriormente e são muito aceitas, pois não impedem a interpretação através do seu uso. O tabuleiro de Ifá é composto do centro côncavo onde serão feitas as marcações dos Odús e o mesmo pode ser redondo ou quadrado, de acordo com o gosto do adivinho. Tem tabuleiros com a forma oval e também a parte côncava oval.

Alguns tabuleiros têm um cubo ou meia esfera entalhada no meio do tabuleiro. Este símbolo representa Exú nos entroncamentos dos caminhos cardeais. Desta forma atenta-

se ao fato das multiplicidades de Exú que ora pode ser expresso com face, com olhos ou somente olhos. O fato de Exú ser representado também em forma de círculo é devido à sua atribuição de quem policia o mundo, partindo da ótica que o mundo é redondo. A respeito das tábuas ou tabuleiros divinatórios Abimbola (1977) diz o seguinte:

As tábuas divinatórias são esculpidas em diversos tamanhos e formas. As margens da tábua são dominadas por um padrão intrincado de diversos objetos tais como pássaros, répteis, tartarugas e animais selvagens. O meio da parte superior é reservado para a imagem de Èsù (o divino trapaceiro que mantém o Àse). Desta posição a imagem de Èsù olha para o sacerdote de Ifá como se ele estivesse dirigindo ou assistindo a divinação. O interior da tábua em si pode ser tanto redondo quanto quadrado. (ABIMBOLA, 1977, p. 13).

4.3 A semiótica dos signos envolvidos na importância da iconografia dos tabuleiros de Ifá

Para entender a semiótica dos signos é imprescindível analisar a presença dos quadrantes na parte côncava do tabuleiro, mas o significado de cada uma das subdivisões dos mesmos é que podem ser chamadas de moradas e servem para compor a interpretação do Babalawó conforme a caída dos búzios ou Ikins⁸ no tabuleiro. Estas por sua vez, não estão entalhadas na madeira do tabuleiro, mas podem adquirir seus significados em confluência com os símbolos entalhados na moldura, ou no raciocínio interpretativo subjetivo e cognitivo do Babalawó, ou seja, sua interação com o metafísico. Na intenção de dar destaque ao pensamento subjetivo a fim de enriquecer as informações sobre os tabuleiros temos na sequência a figura 14, os Ikins representando toda a parte do conhecimento metafísico.

Figura 14 - Ikins

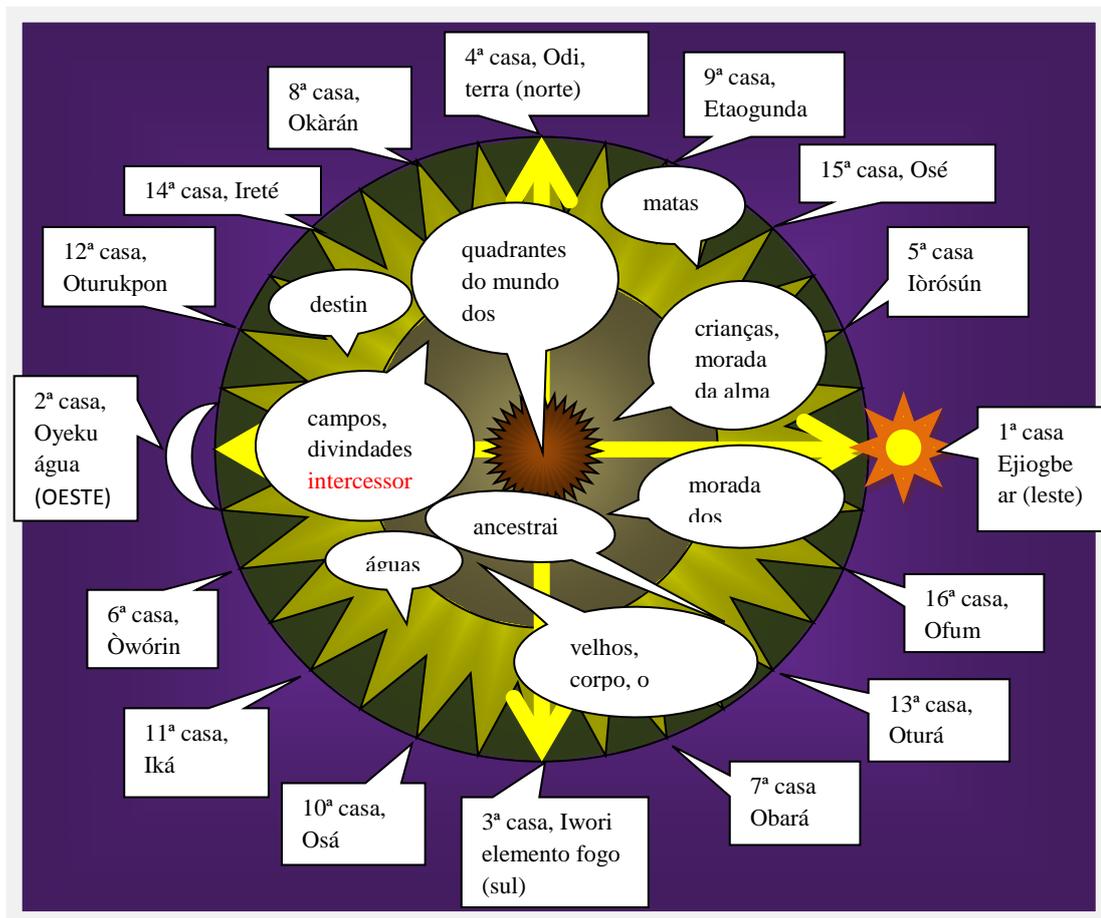


Fonte: Jair Delfino (2015). Ikins do autor.

⁸ Ikins que são sementes de palmeira *Elaeis Guineensis*, conhecida no Brasil como caroço de Dendê.

O significado de cada quadrante obedece à seguinte forma: na porção do norte até leste temos o quadrante do ar, na porção leste até sul temos o quadrante do fogo, na porção sul a oeste temos o quadrante da água e na porção oeste até o norte fechando o círculo temos o quadrante da terra. Através desta observação é mais fácil de entender que as figuras e símbolos dos animais, humanos e formas de vida estão intimamente relacionados aos quadrantes, nos quais cada elemento específico pode estar interligado à sua sobrevivência e afinidade por elemento. O círculo côncavo dos tabuleiros (parte interna) encontra-se dividido da seguinte forma, conforme o desenho abaixo seguido da posição cardeal de cada signo (Odús) em sua volta:

Figura 15 - Mapa esquemático metafísico



Fonte: Jair Delfino (2015). Figura do autor.

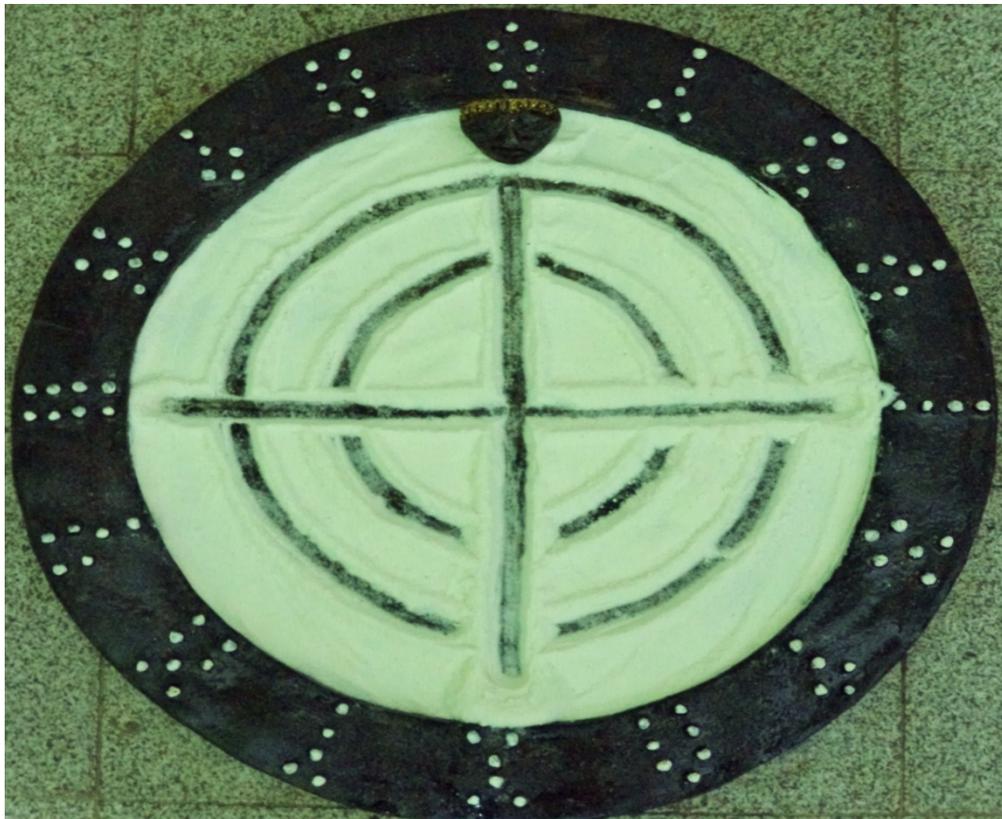
Acima temos um mapa esquemático metafísico criado por nós para exemplificar a disposição dos Odús no tabuleiro, numeradas da 1ª à 16ª casa fazendo referência à posição cardeal dos Odús no tabuleiro. Existem no tabuleiro as subdivisões que podem ser exemplificadas como quadrantes na parte interna que não são entalhadas, mas enxergadas

subjetivamente de acordo com a análise subjetiva e lógica do observador partindo do ponto de vista semiótico para compreensão.

Presente no contexto semiótico dos símbolos não entalhados no tabuleiro se encontram os Odús e no caso dos 256 comentados anteriormente só 16 são distribuídos em volta do tabuleiro com suas posições cardeais físicas como mostra a figura 15 acima. Essas posições se repetem ao longo do círculo e merecem destaque na adivinhação quando são usados os tabuleiros para a consulta com os búzios (cáuris), ou Ikins (sementes de dendezeiro). Em relação ao espaço Drewal, Pemberton e Abiodun (1989) detalham que pode haver padrões decorativos e os mesmos, além das quatro posições cardeais principais, ademais, uma na parte côncava do Opón Ifá agora totalizando nove com a presença de Exú.

A figura 15 se refere à parte côncava interna do tabuleiro, onde na sua extremidade por toda a volta do círculo como exemplificado no desenho, encontra-se a morada de cada Odú de acordo com sua posição cardinal no universo. Abaixo na figura 16 temos uma foto exemplificando exu e a divisão cosmogônica do mundo, onde encontraremos a exemplificação dos espaços internos da parte côncava do tabuleiro:

Figura 16 - Divisão cosmogônica no tabuleiro



Fonte: Jair Delfino (2015). Tabuleiro do autor.

O tabuleiro acima é de barro desenvolvido por nós para exemplificar a divisão cosmogônica na visão subjetiva do Babalawó na hora de fazer a interpretação. Em volta do tabuleiro temos nas posições cardeais os Odús formados cada um por dois elementos da natureza de acordo com o que foi explicado anteriormente no 3º capítulo. O Babalawó e os Babalorixás muitas vezes podem usar a interpretação externa na Urupema (peneira utilizada para jogar búzios), para fazer as interpretações das caídas dos búzios sobre a peneira.

4.4 Búzios, Ikins, Òpèlè de Ifá e Irofá: apetrechos sagrados, utilizados, que compõem a semiótica iconográfica

Seguindo os critérios de sinalização comentados anteriormente e com base no mesmo mapa esquemático metafísico passaremos a mostrar como o Babalawó usando o sistema de divinação do jogo de búzios (conchas marinhas), inicia a análise dos Odús através de 16 búzios dispostos através da caídas no tabuleiro, sendo que a quantidade de búzios é relacionada aos 16 Odús principais que como dito antes estão representados no mapa esquemático em posição cardeal fixa em volta do círculo. É desta forma que o Babalawó através da sinalização da caída dos búzios no tabuleiro, contando também com a relação de quantidade de grupos e posição aberta ou fechada dos búzios, faz a tradução através do que ele conhece sobre Itans de Ifá exercendo o seu papel de adivinho. De acordo com Portugal Filho (2010), vejamos o que é Ikin e como ele é analisado pelo Babalawó:

É o conjunto de noz de palmeira (dendezeiro), um dos mais importantes métodos em divinação. Cada caída de Odu tem um sinal, que é riscado para ser reconhecido pelo Babalawó rapidamente. O Ikin é um conjunto de 16 nozes de palmeira. O Babalawó apanha-o com uma das mãos e, em movimentos rápidos, vai pegando os Ikin com a outra mão e sempre sobra algum na mão que apanha os 16 Ikin. Se sobrarem mais de dois, então é desconsiderado. Se sobrarem dois, ele faz um sinal no tabuleiro coberto de iyerosun, em um sinal vertical com o dedo anular. Se sobrar um, ele faz dois sinais paralelos e verticais com o dedo anular. Se sobrar um, ele faz dois sinais paralelos e verticais no tabuleiro, fazendo, a partir daí, a leitura do Odu. (PORTUGAL FILHO, 2010, p. 17).

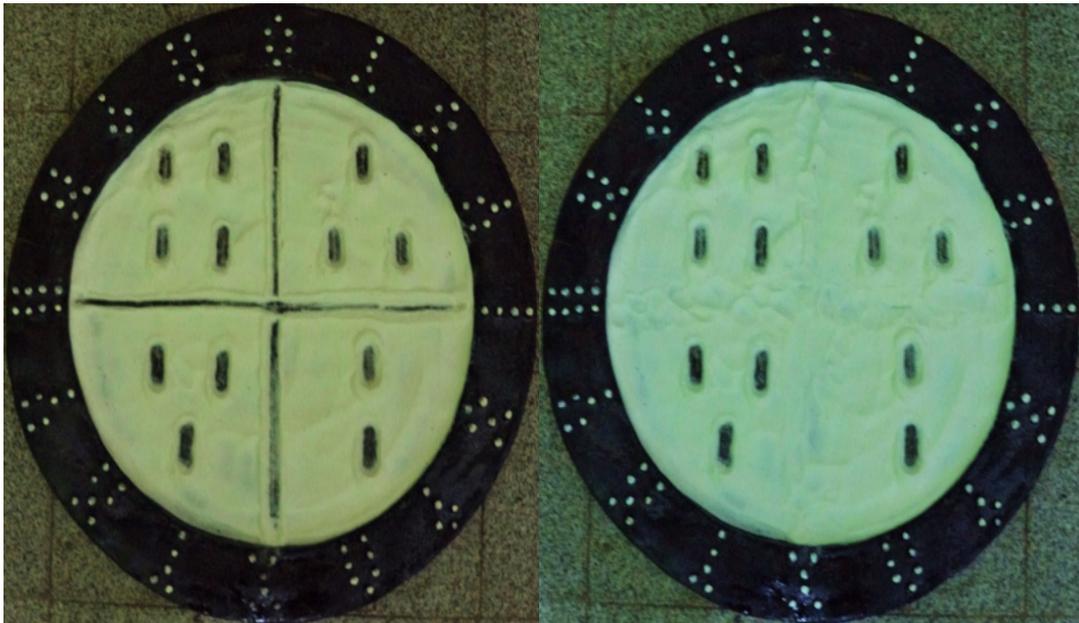
Esse processo de traduzir ou interpretar a disposição dos búzios no tabuleiro e os Ikins consiste na sabedoria e conhecimento do adivinho, que pode relacionar toda sua interpretação das formas dos mesmos em relação ao local e posição ocupados dentro do quadro acima com os versos, poemas e mitos do Ifá comentados anteriormente.

Em relação a todos os Olodus, foi dito anteriormente que eles carregam as energias matrizes da vida; essas energias matrizes da vida seriam os quatro elementos conhecidos - terra, fogo, água e ar - que quando combinados uns aos outros de forma binária,

ou seja, de dois a dois contemplando todas as probabilidades possíveis formam a estrutura dos 16 Olodus. Abaixo a figura 17, com os quatro elementos representados dentro do Opón-Ifá e cada um em seu devido quadrante. O Opón-Ifá está dividido no exemplo abaixo em quatro partes que seriam os quadrantes. O quadrante superior à esquerda representa a terra e está assinalado sobre o Yerossun (pó usado para divinação) com os dedos, justamente o elemento terra; segue à direita deste, o quadrante superior que representa o elemento ar e se encontra assinalado da mesma forma que o anterior com a representação do elemento ar. Em seguida, na parte inferior à do lado direito temos o quadrante do fogo, também assinalado pela representação deste elemento e para finalizar temos à esquerda na parte inferior o quadrante do elemento água, marcado ou assinalado pela representação da água.

A seguir se tirarmos as linhas que separam os quadrantes teremos dois Olodús diferentes que ficam separados somente pelo cubo central do tabuleiro. Segue abaixo a figura 18, exemplificando os Olodús formados de acordo com a foto que representa a figura:

Figura17 - Constituição Elemental dos Odús. Figura18 - Estrutura dos Odús

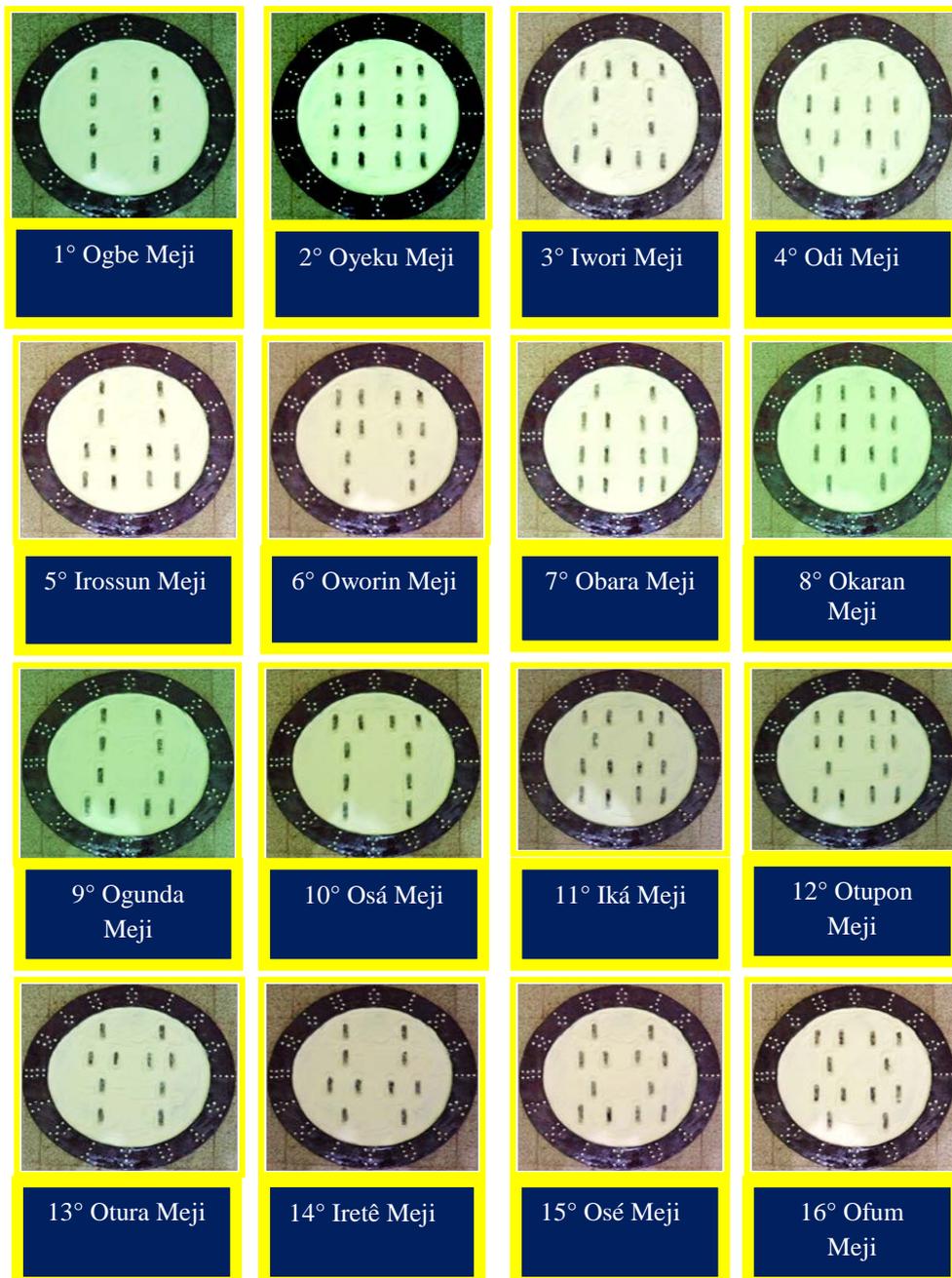


Fonte: Jair Delfino (2015). Tabuleiro do Autor.

Retiradas as linhas imaginárias acima temos os Olodus, lendo da direita para esquerda Oturá que é representado pela água sobre o fogo e Okaran que é representado pela terra sobre a água. As demais probabilidades de Olodus consistem na presença dos elementos alternados em cada quadrante, estes por sua vez irão gerar as dezesseis probabilidades de Olodus, sendo que cada um deles é representado dentro do tabuleiro binariamente e recebe o nome específico yorubá seguido da palavra Meji que significa duplo.

Abaixo temos a representação dos 16 Olodús por ordem de chegada à Terra (Aye), representados, aonde a linha imaginária só serve para entendermos os elementos que os formam. Todos, como dito anteriormente são representados de forma dupla (Meji), mas também existe a representação combinada de um Olodú com outro Olodú que gerará as demais duzentas e quarenta possibilidades chamadas de Omo-Odús, ou seja, Odús filhos que como dito antes seriam aqueles que na terra contribuem com ciclos naturais de acontecimentos e desenvolvimento da vida.

Figura 19 - Os dezesseis Olodús (Odú)



Fonte: Jair Delfino (2015). Foto do autor.

Segundo Martins (2012), para entender todas as vertentes do pensamento que envolve Ifá é importante compreender a Geomancia (adivinhação através da terra), que tem o corpo dos Odús (signos) como base para sua interpretação e traz grande importância intelectual, pois:

Na Pérsia, nos séculos VIII e IX, ou seja, na florescência da cultura Iraniana, a Geomancia era matéria ensinada em universidades célebres, como a de Bagdá, e estudada pela elite intelectual da época. Foram os Sábios formados nessas universidades que, junto com a filosofia e as ciências adquiridas, levaram a Geomancia a Alexandria, ao Cairo, ao Sudão e à Europa, tendo na última como porta de entrada a Espanha, onde a influência da civilização árabe ainda hoje é notável. (MARTINS, 2012, p. 33).

Como demonstração que os Odús estão presentes em diversos tipos de civilizações, encontraremos no quadro 1 os mesmos Odús (Olodús) da figura 15, relacionados aos mesmos ideogramas com outros nomes pelo mundo:

Quadro 1 - Odús e a Geomancia dos povos

Nº	Geomancia árabe	Geomancia europeia	Geomancia africana (Ifá)
1	El Tharik	Via	Ogbe
2	El Haoul	Cauda Draconis	Ogunda
3	El Qouwa	Puer	Irete
4	El Nesra El Kharidja	Fortuna Minor	Irosun
5	El Nakio El Khadd	Puella	Otura
6	El Kbdá El Kharidja	Amitio	Oxe
7	El Okla	Carcer	Odi
8	El Ahian	Laetitia	Obará
9	El Atbat El Dakhila	Caput Draconis	Osá
10	El Adjtimá'a	Conjunctio	Iworí
11	El Kabda El Dekhila	Acquisitio	Ofun
12	El Hamera	Rubeus	Iká
13	Es Sa'ad	Fortuna Major	Owónrin
14	El Baiad	Albus	Oturukpon
15	El Ankés	Tristitia	Okanran
16	El Djemâa	Populus	Oyekú

Fonte: Jair Delfino (2015). Quadro do autor.

Para que o Babalawó possa marcar o Opon Ifá ele precisa contar com o Òpèlè de Ifá que é um objeto com duas correntes ou barbantes, que poderemos chamar de corrente

divinatória, que poderá ser feita de meias nozes de palmeira (*Mangifera gabonensis*), que ficam divididas em quatro metades da direita e quatro da esquerda. “Se a corrente é feita de metal, as meias nozes também são feitas de metal de tal forma que parecem as meias nozes do fruto do Òpèlè” (ABIMBOLA, 1977, p. 10). Segue abaixo na figura 19 a foto de um Òpèlè de nozes de palmeira feito por nós:

Figura 20 - Òpèlè Ifá



Fonte: Jair Delfino. Foto do autor.

O Babalawó se utiliza durante o processo de consulta a Ifá de outros apetrechos, neste caso temos o Iróké que segue a seguinte descrição:

Esta é conhecida como a baqueta de Ifá (irofa, iro Ifa) em Ifé, como a baqueta de marfim (iroke, iro ike) em Ibadan e região de Oyo, e como orunfa (orun Ifa) ou orunke (orun ike) em Meko; mas os termos i-rofa e iroke são amplamente reconhecidos. A baqueta tem, geralmente, cerca de 20 a 40 centímetros de comprimento, e é esculpida em madeira, com a extremidade inferior, que se bate no tabuleiro, modelada na forma de uma presa de elefante. (BASCUM, 1969, p. 34).

O Iroke é utilizado pelo Babalawó e pode conter um sino ou não na sua parte inferior na qual o mesmo agita e respeitosamente bate na borda do tabuleiro para chamar a atenção de Ifá. A ponta do Iroke é em forma de garra. Esse objeto também conhecido como Irofá no qual, Iro (sino) e fá o mesmo que Ifá, ou seja, Irofá (sino de Ifá ou sineta de adivinhação), palavra conhecida na cidade de Ifé e Ibadan. A extremidade superior pode ser

simplesmente decorada ou entalhada, representando uma mulher ajoelhada ou não. Abaixo na figura 21 temos o Irofá de chifre de carneiro e na figura 22 temos o Irofá de madeira à esquerda e à direita o Irofá de Marfim:

Figura 21 - Irofá de Chifre



Figura 22 - Irofá de Madeira-Marfim



Fonte: Jair (2015). Foto do autor.

4.5 A importância da matemática na tradição do Ifá em virtude da interpretação por meio dos Odús

A matemática na tradição africana através do Ifá (Afroetnomatemática) é representada simbolicamente associada aos mitos imagéticos e dentro da Divinação do Ifá o mito está associado ao rito que se constitui de cerimônias, danças, orações e sacrifícios. É importante dizer que o que se pretende é demonstrar que a matemática hoje conhecida como binária é conhecida antes de Cristo pela nação yorubá e para a entendermos não necessitará praticar o rito da tradição; a mesma é representada através de ideogramas (símbolos) dos quais pretendemos discorrer sobre os seus significados. Para tanto é importante atentarmos para a genialidade de povos antigos que não tinham a memória artificial (computador) e sim o seu próprio cérebro como testemunho de capacidade imensurável de memorizar.

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. [...] assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. (JUNG, 2002, p. 20).

Uma descoberta sobre a civilização Ishango prova que o povo africano 15 mil anos antes dos faraós já haviam descoberto a aritmética concreta através de ossos encontrados com três séries de entalhes e ornados com cristais de quartzo. Através dele foi possível

reconhecer que os povos africanos já praticavam a aritmética com base doze e o mesmo permitiu a troca de conhecimentos aritméticos entre os nigerianos, egípcios, cretenses e o povo de Uganda. Segundo Anthony Nogueira em 1976 abre-se um leque de hipóteses sobre a África: ela teria influenciado o Egito dos faraós que tem as suas hipóteses retomadas em 1987 por Martin Bernal que lançou o debate conhecido no mundo científico como a polêmica sobre a “Atenas negra”.

É importante refletirmos sobre este parágrafo acima para entendermos que os povos africanos foram os grandes instituidores da matemática e não os supostos gregos como afirma o eurocentrismo, pois o que segue é um relato sobre o sistema numérico binário conhecido através da tradição do Ifá muito antes de Cristo e difundido na informática com a mesma lógica de raciocínio e o mesmo sistema binário milenar que até hoje é a base tecnológica dos *softwares*.

O sistema binário tem por base dois algarismos, 0 (zero) e o 1 (um) e para efeito de comparação entre a informática e o oráculo de Ifá podemos dizer que os princípios de raciocínio são os mesmos. Os circuitos de comandos de um computador para serem executados precisam do conjunto visível e palpável conhecido como *hardware* e seu complexo invisível conhecido como *software* e as ordens chamadas de comandos são sequencialmente obedecidas pelo dispositivo - “ligado” ou “desligado”, - “0” ou “1”, ou seja, números binários onde uma chave aberta recebe o número 0 e se estiver fechada o número 1. No sistema de divinação através do oráculo de Ifá segue o mesmo princípio. Revendo alguns comentários anteriores a interpretação se dá nas possibilidades apresentadas como aberto e fechado, par ou ímpar, sim ou não, positivo ou oposto, masculino ou feminino onde feminino também representa o par e o masculino o ímpar, ou seja, dependendo da situação todos os significados podem sobrepor-se ou se compor uns aos outros para explicar algo.

Notemos que o sistema binário assim como o sistema de divinação parte do mesmo princípio de pensamento. Contador (2008, p. 42) em seu livro *Matemática, uma breve história* explica e exemplifica que o homem ao raciocinar como calcular qualquer tipo de cálculo ele estrutura e pensa de forma binária inconscientemente, ou seja, separa o cálculo em grupo de dois, [...] mais uma prova de que o homem trabalha binário em tudo que faz.

Assim, temos uma conclusão bastante interessante: podemos dizer que quando o homem inventou o computador passou a ocupar o papel de criador com relação à máquina, acrescentando na história da evolução humana a frase: *façamos o computador segundo a nossa imagem e semelhança*. E não seria possível uma concepção diferente, pois o homem pensa binário. Um computador ternário, por exemplo, seria impossível, pois o homem não pensa ternário. (CONTADOR, 2008, p. 42).

O sistema binário usado na informática tem como a menor unidade de informação o *bit* que representa o algarismo binário ou uma simples escolha entre 0 e 1 e cada grupo de 8 *bits* recebe o nome de *byte*; o mesmo é a potência 2^8 que gerara 256 diferentes combinações ou configurações de informação, indo de 00000000 a 11111111, sendo que nessas 256 opções podemos configurar letras, atribuindo-lhes valores binários por convenção. A mesma coisa acontece no processo de divinação do Ifá onde o Babalawó utiliza o Ifá para adivinhação e através do oráculo ele consulta 256 Odús provenientes da mesma combinação binária partindo dos 16 Odús principais que é o dobro de oito ($2 \times 8 = 16$ e $16 \times 16 = 256$).

A diferença entre o uso do sistema binário na informática e no Ifá diz respeito ao fato de não haver números na tradição da divinação e sim símbolos que representam os elementos da natureza, símbolos estes que obedecem ao mesmo princípio do aberto ou fechado, par ou ímpar, direito ou esquerdo, masculino ou feminino. De fato, o sistema binário na informática existe para tornar possível e somente desta forma o armazenamento de dados e o acesso ao mesmo via *software*, ou seja, memória artificial, na divinação o sistema binário é o meio pelo qual o Babalawó acessa a sua memória em virtude do que os símbolos binários (Odús) têm a dizer e neste caso o mesmo detém o meio de memorizar 1.600 versos (Itans) e como usar a capacidade mental via as potencialidades que o cérebro nos oferece. Isto faz com que reconheçamos a genialidade por detrás do Ifá bem como as potencialidades que não desenvolvemos dentro da educação.

Meirelles (1994) cita em seu livro que, no início da era digital, para a transferência de informações eram necessários de forma satisfatória 7 bits, como os hardwares dessa época eram pouco confiáveis, por esse motivo foi necessário acrescentar mais um bit, chamado de bit de paridade. Com a evolução e o desenvolvimento dos hardwares, essa necessidade de um bit a mais se perdeu, o bit de paridade desapareceu. Mas com a convenção de que um byte tinha 8 bits, assim permaneceu, o que resultou na potência 2^8 (dois elevado à oitava potência), que calculada resultaria em 256 combinações diferentes. Portanto, um byte pode conter uma informação e, quanto mais bytes o equipamento possuir, mais informações poderão processar. (MEIRELLES, 1994, p. 122).

Seguimos dizendo que o estudo da tradição do Ifá é uma prova da capacidade humana frente ao filosofar que tem como ideologia na tradição o pensamento que diz que “não existe o impossível”. É de suma importância para educação, que a cada dia que passa se encontra viciosa na mente artificial esquecendo-se da capacidade da memória, que existam meios de desenvolvermos as potencialidades da memória uma vez que a mesma tem sido pouco desenvolvida e estimulada dentro das escolas. Outro fator importante é que a lógica de raciocínio na tradição africana também é distinta, pois o adepto da tradição do Ifá raciocina logicamente não a partir de números e sim através de enigmas, parábolas, filosofias e versos e

para tanto ainda se faz necessário uma relação com tudo que pode decifrar em virtude da sua relação com a natureza.

Temos a dizer que os conhecimentos não adquiridos pela cultura afro-brasileira devido à desqualificação social da população negra na sociedade fizeram com que a nossa sociedade perdesse não somente parte da identidade, mas também sua base de apoio que prova por si só a sua evolução do conhecimento. É importantíssimo trazeremos para a educação a história desta matemática que ensina a filosofar bem como a trazeremos a essência e os meios de desenvolver o raciocínio lógico milenar e atual até hoje.

Em relação a todos os Odús supracitados para a tradição africana eles carregam a energia matriz da vida. Estas energias matrizes da vida seriam os quatro elementos conhecidos – terra, fogo, água e ar – (assim como é para a alquimia e para que haja reações e transformações no mundo da química), e quando combinados uns aos outros de forma binária, ou seja, de dois a dois contemplando todas as probabilidades possíveis formam a estrutura dos 16 Odús. Martins (2012) nos diz que os Odús são signos componentes de um sistema oracular que tem como base a mais pura matemática e que são representados por combinações de quatro sinais duplos ou simples, dispostos em duas colunas paralelas.

Um Omo-Odú como dito anteriormente se trata de um Odú filho (gerado) do par de Odú (Odú pai) e o mesmo é representado como sendo o par que se uniu para formá-lo. Note que por este princípio se segue aos moldes a representação binária (pares). Os Omo-Odú assim como os Odús nas representações simbólicas de paridade a exemplo do que pode representar o 0 e o 1 (bit) da informática seriam na tradição dentro do Ifá o feminino e o masculino, o aberto e o fechado dito anteriormente.

Devemos atentar ao fato de que o Ifá é um jogo genealógico por ser o mesmo fundamentado nos elementos da natureza que como dito antes por combinação destes elementos geram 256 possibilidades ou probabilidades de acontecimentos em virtude da interpretação dos elementos que formam a vida; mas, além disso, o mesmo não é um simples jogo com probabilidades e possibilidades, mas de reflexão e interpretação filosófica, tanto simbolicamente através dos ideogramas como através dos Itans (sobre o que dizem acerca dos presságios e os mesmos interpretados através dos fatos naturais) sendo ele as portas que se abrem para a subjetividade e o raciocínio lógico.

A menor unidade de informação, chama-se *bit*, que representa um algarismo binário ou uma simples escolha entre 0 e 1 (imantado ou não imantado), um grupo de oito bits recebe o nome de *byte* e pode ter 2^8 ou 256 diferentes combinações ou configurações de informação, indo de 00000000 a 11111111. Nestas 256 opções

podemos configurar letras, atribuindo-lhes valores binários por convenção. (CONTADOR, 2008, p. 41).

O sistema binário faz parte da vida, pois o mesmo reflete a forma como o cérebro raciocina e interage com o meio natural em que vivemos sendo ele a base da evolução humana e apesar do advento da informática nos seres humanos exploramos pouco esta potencialidade dentro das escolas.

4.6 Como é o raciocínio matemático na tradição africana

O cérebro humano é um sistema que trabalha com o entendimento lógico e por milhares de anos a filosofia do pensar africano tem como ideologia o pensamento que não existe o impossível; para tanto o Ifá é o exemplo disto. Percebeu-se dentro desta cultura que o cérebro só não memoriza o que não entende e o mesmo quando não entende induz a pessoa a buscar respostas. Um exemplo do que estou escrevendo, hoje em dia o mal do século que assola a humanidade se chama doenças psicossomáticas. Elas podem ser pensadas como que o cérebro não entende ou que ele não se conforma. Um exemplo disso é a depressão, que é o produto da falta de resposta (as) que o ser humano não consegue dar a si próprio e, conseqüentemente, isto gera um choque.

Uma perda ou algo inesperado que aconteceu na vida de alguém que por consequência fez com que o ser humano não soubesse lidar com o problema, de certa forma irá gerar a ausência do que faz sentido para o raciocínio. Esta falta de algo que faz sentido lógico conduz o cérebro a buscar respostas e quando a resposta não é satisfatória o cérebro desencadeia hormônios na corrente sanguínea que lhe proporciona tal angústia ou depressão referente à sede que o cérebro tem de entender.

Podemos presumir através deste raciocínio que o cérebro tem sede de respostas coerentes ou convincentes; portanto, a cura dos sintomas psicossomáticos pode estar talvez na otimização que provocamos no cérebro através do entendimento que promovemos coerentemente para ele. Podemos pensar e admitir que o cérebro humano segue o princípio binário 0 (zero) e 1 (um), ou seja, entrada e saída (para todo problema uma solução); neste princípio para que haja o aprendizado deve haver o entendimento. O aprendizado na tradição oral africana é algo “que você guarda” – “que você não esqueceu”, é aquilo que foi passado oralmente de pais para filhos na cultura e vem dos ancestrais e se chama memória.

O ponto em questão que nos chama atenção na tradição do Ifá é a forma como se desenvolve o raciocínio cognitivo e se vislumbram as virtudes, valores, princípios e as

potencialidades, competências e habilidades. Decorre que todo processo visa desenvolver o potencial de entendimento interdisciplinar e o desenvolvimento do conhecimento de onde gerará o aprendizado. Na tradição africana vem se trabalhando milenarmente muito bem a importância da memória e o desenvolvimento da mesma. Adentraremos ao desfecho da cultura africana do memorizar onde a semiótica dos símbolos, imagens, são os dispositivos para memorizar e para identificar; usando este lado subjetivo do Ifá, também existem os enigmas que são a forma ou a ponte para o raciocínio lógico.

Para que a mágica do aprendizado possa acontecer tem que haver o desejo e o encantamento através do treinamento do cérebro (semelhante ao que ocorre nas redes neurais). A tradição yorubá como ninguém sabe que havendo a motivação do educando haverá o interesse pela busca do aprendizado.

Como acontece a cognição⁹ do aprendizado no Ifá é muito importante a fim de compreendermos como a civilização vem mantendo a memória e também como é possível memorizar 1.600 versos dentro da tradição oral africana (yoruba), a fim de que possamos buscar mapear o caminho para o desenvolvimento cognitivo.

O cérebro detém a condição de tornar aprendizado somente o que ele entende, ou seja, o que gera sentido e importância e, conseqüentemente, passa a manter o que aprendeu fazendo disto memória e que hoje em dia poderíamos classificar como memória efetiva; e o que o cérebro esquece é o que o cérebro não entendeu, e o que posteriormente não aprendeu, esta seria a memória instantânea ou temporária que classificamos ser aquela que esquecemos rápido.

O sistema binário é o meio pelo qual o cérebro passa a adquirir o entendimento e o aprendizado e é desta forma que a tradição do Ifá vem memorizando centenas de versos. O ato de memorizar está conectado às associações e comparações aos pares. Por isto chamamos de binária, que fazemos cognitivamente, ou seja, usando todos os meios associativos que trazem informações ao cérebro.

O sistema divinatório do Ifá ensina o cérebro passo a passo e para isto acontecer o aprendiz (Awó) passa a analisar a constituição dos Odús através dos quatro elementos da natureza, como foi explicado anteriormente, e aos elementos da natureza serão atribuídos símbolos que imagetivamente (subjetivamente) já conhecemos do capítulo 2 como Odús. O aprendiz é levado a imaginar o tal elemento (terra, fogo, água e ar); desta forma já estamos

⁹ *Cognição*, podemos dizer que cognição é a forma como o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa sobre toda informação captada através dos cinco sentidos.

contribuindo cognitivamente para o entendimento através do que poderemos chamar de identificação. Devemos lembrar que anteriormente foi dito que cada Odú é formado por um par de elementos e este par de elementos nos sugere outro fator importante que servirá para haver o aprendizado do cérebro que se chama comparação.

Identificar e comparar também segue um princípio binário, portanto fica claro que estamos seguindo um padrão binário de raciocínio. Quanto à memorização dos Itans (versos) é importante dizer que o aprendiz assim como o Babalawó repete incontidas vezes o mesmo verso a fim de memorizá-lo. Podemos dizer que o processo de memorização não é só através do que se recorda e sim por meio de várias maneiras associativas para que haja lembrança, mas também pelo que se vê e pelo que se ouve, ou seja, imagetivamente podemos ver as palavras usando a imaginação e ouvir a voz sobre o que é pronunciado. Logo que se identifica a fala que se ouve com a palavra que vemos, então memorizamos. Ao ver e entender o que está escrito deve-se criar a imagem que dará sentido subjetivo ou não; conseqüentemente estaremos memorizando. Este processo parece com as incontáveis historinhas que nossos pais contavam para imaginarmos um conto de fadas e em seguida dormir quando éramos criança. Podemos dizer que nesse princípio binário, vemos, compreendemos (identificamos, comparamos) e traduzimos e ouvimos (encantamento), deduzimos e memorizamos.

É importante notar que existe uma diferença do processo explicado no parágrafo acima com a tradição do Ifá, porque o aprendiz não vai ler e sim vai ouvir os versos, contudo não irá imaginar a palavra para memorizar e sim irá criar na sua subjetividade o corpo daquilo que ouviu como se fosse um cineasta imaginando a cena. Esses dispositivos de aprendizagem e entendimento por comparação e identificação ensinam cognitivamente ao cérebro o sublime arte de memorizar.

A memória é algo que acontece quando podemos não somente assimilar tudo através do ponto de vista lógico, mas também quando damos corpo de significado (imagem) através da nossa subjetividade.

O que memorizamos é o que supostamente não esquecemos. Segundo alguns cientistas o cérebro esquece a memória que não foi acessada a cada seis meses. A tradição do Ifá recomenda aos Babalawós todos os dias conversar com o Ifá. Isto faz com que eles atualizem sua memória sempre, que alguém consulte e reflita o seu conhecimento adquirido. Pautado na renovação da memória por meio da prática do Babalawó ou aprendiz, está a busca em que ansiamos por relacionar o entendimento e o aprendizado com o dia a dia ou a atualidade. Para isto ele recorre a um princípio que faz esta manutenção em busca do não esquecimento e aquisição de mais valores que poderemos chamar de princípio da

identificação.

Identificar algo através do Ifá é a prova do que se conhece e se sabe a respeito de algo. Através desta forma de percepção surge a necessidade que temos de filosofar, ou seja, compreender a natureza dos fatos e os porquês é um meio de se dar respostas para certo consulente. Aqui começa o raciocínio lógico, o quebra-cabeça que depende da base que é memorizada. Através desse princípio ou recurso o Ifá se torna o seu aliado para a solução, pois, para o Ifá, não existe o impossível.

O princípio da identificação está ligado à ciclicidade dos fatos que descreve os passos dos ancestrais ou da memória deixada por eles. A ação de identificar ao acessar o arquivo ancestral na memória permite a comparação; e mais, a assimilação de fatos é o suporte ao qual se recorre na tradição do Ifá para entender passagens e enigmas da vida no dia a dia corriqueiro.

Desvendar um enigma é o propósito da identificação na tradição do Ifá; a mesma parte do princípio binário que podemos chamar de indução e dedução, que serão a base do raciocínio lógico. O fato de induzi-lo a pensar algo dentro da tradição é provocador no sentido de o que se deduz de fato apresenta satisfatória coerência. Esse processo está diretamente ligado a satisfazer a sua curiosidade, mas também à necessidade de buscar respostas aos problemas do dia a dia conhecidos como enigmas. Muitas vezes para se solucionar um enigma do presente se busca resposta com um enigma do passado. Nesse processo é onde há a interação com as memórias (versos chamados Itans). Estamos falando de um encadeamento de princípios e ações que ensinam o ser humano a organizar e explorar as potencialidades da máquina que comanda a vida chamada cérebro.

4.7 A interdisciplinaridade fractal dos tecidos africanos

Os tecidos africanos são importantes nas sociedades africanas, pois eles constituem uma linguagem da comunicação dos fatos sociais e a ligação entre linguagem de tecidos e as representações do Ifá é tratada neste capítulo através de exemplos.

A nossa pedagogia vem buscando meios de tornar a educação integral nos conhecimentos diversos. Nesta dissertação estamos discutindo a questão de como acontece o entender e o aprender dentro da educação apresentando neste contexto a forma diferenciada de pensar de uma sociedade e tradição africana descredenciada da nossa educação por meio do eurocentrismo presente na nossa pedagogia.

No contexto que abrange a educação temos hoje a preocupação de trazer o conteúdo escolar ao prisma interdisciplinar. O significado desta palavra nos diz que é formada pela união do prefixo "*inter*", que exprime a ideia de "dentro", "entre", "em meio"; com a palavra "disciplinar", que tem um sentido pedagógico de instruir nas regras e preceitos de alguma arte ou ciência.

Interdisciplinaridade é um conceito que dentro da educação engloba a ideia de qualificar o que é comum a duas ou mais disciplinas ou outros ramos do conhecimento sendo que nesse processo existe a preocupação do educador em fazer a ligação entre as disciplinas que são lecionadas no ambiente escolar.

Em 1971 a Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71 passa a instituir a interdisciplinaridade para a educação. Desde então sua presença no cenário educacional brasileiro tem se tornado mais intensa e, recentemente, mais ainda, com a nova LDB nº 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Além da sua grande influência na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade se tornou cada vez mais presente no discurso e na prática de professores, mas reconhecemos que ainda não é suficiente, pois os professores na sua grande maioria não estão sendo preparados para cumprir tal currículo interdisciplinar continuando a praticar a multidisciplinaridade.

A multidisciplinaridade é o conjunto de disciplinas que são estudadas de maneira simultânea, mas sem necessidade de estarem relacionadas entre si ao contrário da interdisciplinaridade que visa integrar os conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento. É uma das propostas apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que contribui para o aprendizado do educando.

O aluno que é levado a cognir dentro do ambiente interdisciplinar passa a ser crítico-reflexivo proporcionando um diálogo entre as disciplinas, relacionando o que compreendeu com a realidade de forma linear.

Visando à interdisciplinaridade como forma mais coletiva, integral de entender e aprender devo dizer que não se busca que o professor seja forense dentro da sala de aula e sim que possa discutir ou trazer os conhecimentos fazendo pontes entre as disciplinas e suas possíveis ligações, através do prazer pela pesquisa, otimizando o educando dentro da sala de aula.

O nosso cérebro trabalha, assimila (entende) tudo que vê, ouve e toca (sentir) usando de lógica, mas só memoriza o que aprende. A memória não depende só do entender e sim da otimização que acontece através do que podemos imaginar ou criar subjetivamente

partindo da lógica. A memória é produto de algo que se tornou substancialmente importante na relação do indivíduo com o meio em que ele vive.

O que buscaremos futuramente com o nosso trabalho é mostrar que o que é interdisciplinar facilmente se torna inter-relacional porque existem os sentidos que se favorecem dos padrões disciplinares de identificação e comparação, que viram memória.

O subtítulo acima se remete a palavra fractal que vem do latim e significa fractus (fração de algo, algo quebrado); são figuras geométricas que muitas vezes não podem ser explicadas pela geometria clássica como um ramo da matemática que pode ser aplicado para entender as formas artísticas, arquitetônicas, estruturais, biológicas que precisam do raciocínio lógico e subjetivo para ser entendidas. Os fractais pertencem à áreas da física e da matemática, conhecidas como Teoria do Caos e Sistemas Dinâmicos. A ciência vem usando suas equações para descrever fenômenos que parecem aleatórios, mas obedecem a certas regras - como uma árvore cresce - como segue o fluxo dos rios ou das ondas do mar.

Os fractais não são explicados pela geometria euclidiana usada dentro das escolas, pois possuem dimensão fracionária. A fração está relacionada com a quantidade e as repetidas figuras contidas dentro do mesmo fractal e unidade da mesma; também se observa que sua complexidade tende ao infinito onde muitas vezes as ampliações mostram novos detalhes.

A geometria do fractal é de extrema importância para o estudo interdisciplinar dada a sua interação com a física e a matemática (computador).

Esta pesquisa de mestrado nos confirmou que na tradição africana existe uma lógica binária, como uma estrutura do pensar africano contido de uma filosofia específica provinda do legado da tradição do Ifá. As geometrias desenvolvidas no continente africano foram além da geometria conhecida no ocidente como euclidiana e realizaram a geometria fractal. Neste sentido aventamos que pode ser pensado que a lógica presente no Ifá está contida na ciência dos Odús como uma extensão dessas geometrias.

A sabedoria africana milenar e a sua profunda interação com a natureza lógica e a subjetividade nos trouxeram de presente a interdisciplinaridade onde tudo está ligado ao que traduzimos de significado filosófico dimensional, seja físico ou metafísico, para o mundo real. Seria uma forma de interpretar e interagir com o conhecimento e se trata de uma ciência que auxilia o educando no desenvolvimento de faculdades mentais em que se faz a ponte cognitiva da interdisciplinaridade.

Tem sido um grande desafio entender a lógica de pensamento, bem como tudo que está ligado a ela. A arte dos desenhos fractais africanos nos ensina que há milênios o

homem africano pensa matematicamente através de símbolos e ideogramas que traduzem o seu raciocínio e materializa a sua mensagem.

A tradição do Ifá fundamentou a filosofia que definiremos como dimensional. Dada a sua interação física e metafísica tem como ponte cognitiva entre o mundo físico e metafísico os Odús que traduzem significados e acontecimentos através da lógica matemática, ou, melhor dizendo, por meio do sistema binário, que antes foi comentado neste trabalho e nos relata que existem ideogramas (símbolos) que representam os quatro elementos e a combinação dos mesmos forma os Odús. Pois bem, cada Odú tem um significado e os mesmos são base para a compreensão das formas dos tecidos fractais africanos dentro da Afroetnomatemática.

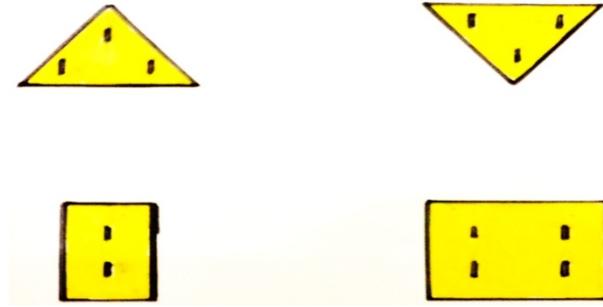
A interdisciplinaridade, através da filosofia africana no seu contexto dimensional, é diversa na comunicação entre as disciplinas e nos ensina como todas as disciplinas cursadas dentro da educação podem interagir e ao mesmo tempo se completarem na cognição do entender e do aprender do aluno, uma vez que todos nós raciocinamos dentro dos princípios de paridade, combinação e identificação. Como exemplo, um aluno de química ao visitar os conhecimentos sobre uma equação química, não deve se deter somente no conhecimento de matemática, física e fórmulas químicas e sim ter a capacidade subjetiva e lógica que ao mesmo tempo, através do raciocínio de paridade (binário), comum em todo ser, identifica e compara não somente o que se busca entender daquele contexto, mas também toda a dimensão que abrange aquele contexto em várias áreas ou disciplinas.

Os ideogramas binários que representam os Odús compreendem um sistema que se corresponde entre si e são semelhantes a um algoritmo¹⁰ que se constitui através de símbolos. Assim como existem no mundo da informática os fluxogramas (diagramas de blocos) como demonstração simbólica e esquemática de programação, existem os Odús propondo ideogramas que se comunicam e em alguns tecidos nos propõem formas pensadas de fractais.

Abaixo no quadro 22 desenvolvido por nós temos ideogramas demonstrando os quatro elementos (ar) no primeiro triângulo à esquerda, (água) no segundo triângulo à direita, (fogo) no retângulo abaixo à esquerda, no quadrado abaixo à direita o elemento (terra), que podem propor figuras geométricas:

¹⁰ Algoritmo: *matemática* sequência finita de regras, raciocínios ou operações que, aplicada a um número finito de dados, permite solucionar classes semelhantes de problemas.

Figura 23 - Representação geométrica dos elementais



Fonte: Jair Delfino (2015).

As figuras acima são pensadas a partir dos ideogramas internos que representam os elementos que formam os Odús (explicados no capítulo 3), partindo do princípio que se ligarmos suas extremidades conseguiremos estes desenhos acima.

As combinações constituem algo imprescindível para entendermos os padrões de desenhos que podem ser formados. Dentro dos estudos dos Odús como disse antes segue o raciocínio binário e para entendermos os fractais temos que formar essas combinações usando os ideogramas (símbolos).

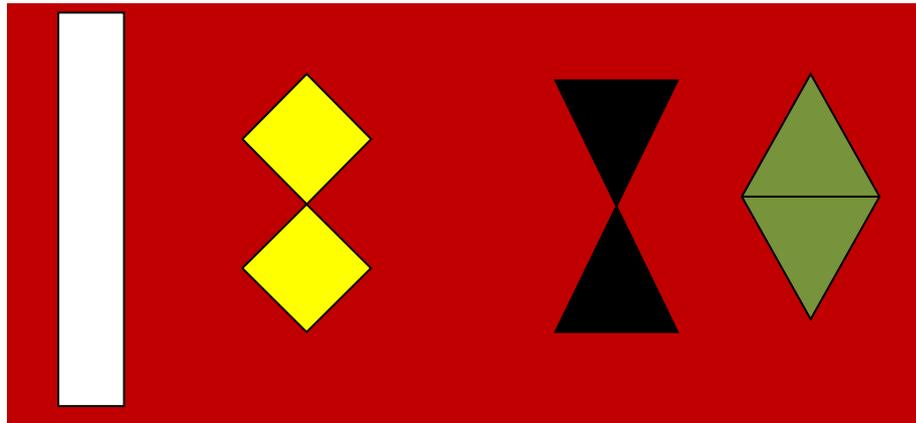
A combinação na verdade é uma soma dos elementos da natureza e segue o mesmo passo mostrado na figura 17, na figura 18, e no quadro 1 de figuras onde explico que as combinações dos elementos formam Odús pais (Odús) que se combinando um ao outro aos pares (binariamente), formarão Odús filhos (Omo-Odús).

Ao olharmos o quadro de figuras podemos perceber que cada Odú representado duplamente (Meji) no quadro é formado por dois elementos, ou seja, temos 2 *bits*. O que é importante é sabermos que quando pegamos qualquer Odú do quadro de figuras e somamos a outro Odú do mesmo quadro, formaremos um terceiro Odú (Omo-Odú) e desta forma estaremos criando o que podemos chamar de padrões de formas (ideogramas) geométricas; como um algoritmo, são usados dentro do estudo científico filosófico para solucionar problemas.

A curiosidade que desperta por trás desta trama da criação é que cada desenho criado ou materializado no tecido tem um significado que se traduz através da filosofia de pensamentos em comum ligada a presságios.

Abaixo desenvolvemos a figura 24 com quatro simbologias geométricas representando cada uma um Odú e cada desenho geométrico é encontrado na figura 23 com a representação geométrica mais o ideograma dentro representando um elemento da natureza:

Figura 24 - Formação de ideogramas estéticos através dos Odús



1° Ogbè-Meji

2° Oyeku-Meji

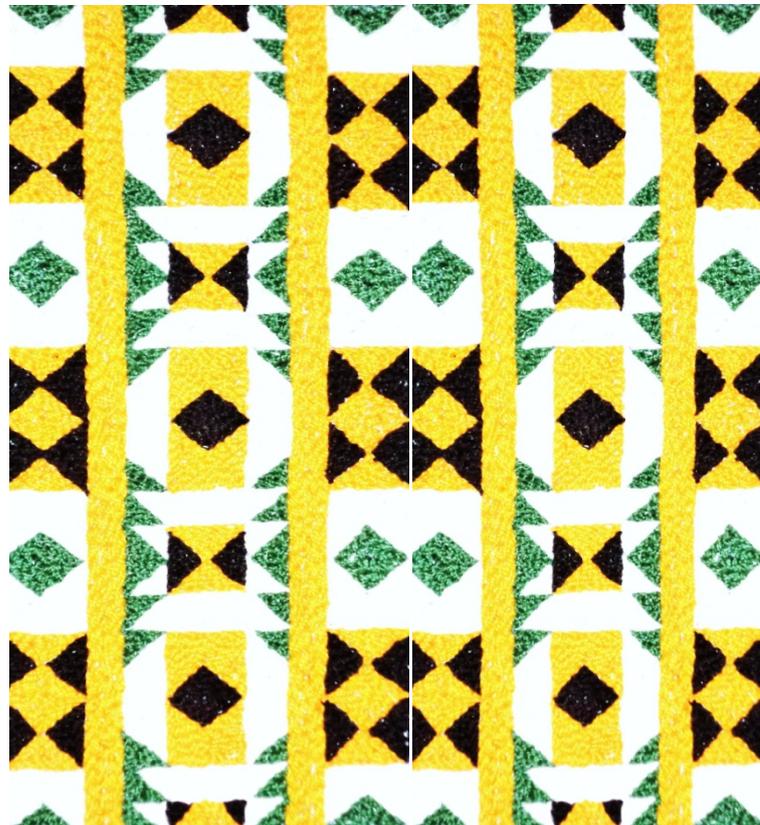
3° Wiori-Meji

4° Odi-Meji

Fonte: Jair Delfino (2015). Figura do autor.

No quadro 2 que tecemos veremos como os símbolos (Ideogramas) geométricos dos Odús formam as estruturas de desenhos binários baseando-se no princípio aberto e fechado, sendo que o mesmo obedece à lei dos opostos:

Quadro 2 - Ideogramas geométricos dos Odús na confecção de tecidos



Fonte: Jair Delfino (2015). Foto do autor.

Com base nos princípios dos significados aberto e fechado observando o quadro (tal) notaremos que o Odú Odí-Meji é o oposto do Odú Wiori-Meji (Ìwòrì Mójì), pois os mesmos apresentam os triângulos opostos em relação um ao outro sendo o significado de Odí-Meji a prisão (segregação) e o significado de Wiori-Meji a reunião (coletividade), ou seja, um prende, outro reúne e obedece à lei dos opostos dentro da filosofia africana bem como na simbologia como pares binários.

Na simbologia do Odú Ogbe-Meji, podemos notar que o mesmo é o oposto do Odú Oyeku-Meji, sendo que o 1º significa o futuro e o Sol e o segundo o passado e a Lua. Notem que sempre há um significado atribuído aos Odús e estes são fixos, ou seja, estabelecidos e a partir deles se analisam os presságios decorrentes da sua aparição positiva ou negativa na divinação do Ifá.

Ressalto que as relações e combinações de padrões encontrados nos tecidos africanos trazem uma ampla visão do significado do pensar filosófico transposto para a imagem simbólica sendo que na mesma imagem podemos encontrar a interdisciplinaridade, ou seja, a filosofia, geometria e raciocínio lógico se conversando para exprimir um significado ou enigma.

A relação entre os elementos da natureza traduz o pensamento filosófico. Os elementos é a codificação e a nascente do pensamento africano e as possibilidades de interpretação das combinações geométricas dos desenhos são em número de 256 que assumem interpretações de acordo com padrões, cores e a relação do ser humano com a natureza lógica e a subjetividade.

4.8 O contexto estético e sua importância interpretativa na tradição do Ifá

A História e Cultura africanas se destacam por terem no seu corpo a sistematização de um grupo social cíclico, diverso e interligado com ações, buscando o bem viver através do legado ancestral contido na tradição cosmovisionária.

Na tradição africana o que se internaliza de conhecimentos é o que o ser humano busca traduzir nas formas de expressão. Este é o meio no qual o humanidade externa a sua arte como parte da profusão do que foi adquirido. A arte da tradição africana não existe sem propósito e por vez acaba sendo observada como abstrata, quando interpretada por aqueles que ainda não conhecem a tradição. É neste contexto que chamamos atenção para a necessidade não somente de conhecer a cultura, mas também a tradição na sua amplitude estética. “A arte é uma representação da vida, dos fatos e das formas. Os artistas são

companheiros dos historiadores e nos informam sobre percepções e valores de uma sociedade. A arte espelha-se na sociedade” (CUNHA; CALAÇA, 2012. p. 69).

Ifá dialoga na sociedade como ciência filosófica e arte e a intersecção das mesmas se dá através da estética. A fim de entendermos a estética podemos dizer que se trata do complemento simbólico de onde se obtém o significado que dará forma e vida à arte que se manifesta nos sentidos humanos como primeiro passo para a percepção da subjetividade de algo imagético ou concreto.

Para a tradição africana a subjetividade é a manifestação do metafísico e o mesmo existe e pode ser perceptível através de nossos cinco sentidos e por meio deste o Divino (Olodumare) pode ser sentido, venerado, observado, alimentado, cultuado e tocado.

[...] Do pensamento grego pode-se eliminar Deus sem que sua arquitetura lógica sofra dano algum. Isto não se poderia fazer no pensamento yorubá. O pensamento medieval poderia renunciar se quisesse, às ciências da natureza. No pensamento yoruba isto seria impossível, pois desde Olodumare (pai dos yoruba) construí um edifício de conhecimentos, segundo o qual o dedo de Deus se manifesta até nos elementos mais rudimentares. “Filosofia, teologia, política, sociologia, direito agrário, medicina, psicologia, nascimento, morte, estão compreendidos num sistema lógico tão compacto que, deixando uma parte qualquer, a estrutura total se desmorona.” (JAHN, 1970, p. 140).

Percebemos que chamamos de subjetividade o movimento que nos leva a reconhecermos como o metafísico dentro da tradição africana do Ifá tem corpo, tem presença ou no mínimo pode estar materializado em algo. Sendo assim, podemos considerar como válido o objeto de fé, como algo subjetivo mesmo que sua representação seja abstrata.

O processo de identificar e interpretar pode depender de codificação através de signos (Odús) para dar significado à arte e necessitar de decodificação dos signos para entender a arte que só é possível através da tradição do Ifá por meio de sua filosofia. A filosofia do Ifá é atemporal, contudo ela é o corpo da ciclicidade ou a codificação da mesma e a estética é a forma representativa ou simbólica da ciclicidade que marca no tempo e espaço a nossa história por versos (Itans) e mitos. Sendo assim, na tradição africana a estética é a ciclicidade presente no ser humano e se permite manifestar através da arte de dentro para fora. A nossa pesquisa trabalha dentro desta perspectiva para o seu desenvolvimento.

Ao contrário do que se afirma, os Itans (versos e histórias) que compõem o modernamente chamado “corpo literário de Ifá não são respostas” para as consultas ao oráculo, embora possam, por vezes, ter também essa utilidade. Muito mais que simples “mensagens oraculares”, os Itans representam a descrição de toda a cultura de um povo, sendo portadores de ensinamentos de todas as ordens, incluindo-se aí orientações religiosas e os mitos relacionados ao culto das diversas entidades que ocupam o panteão deste povo. (MARTINS, 2012, p. 38).

A função da estética africana é provocar e trazer o encantamento, o aviso, a incógnita (enigma) e a mesma procura representar o desejo de harmonia dentro da complexidade da sociedade. As estéticas africanas e afrodescendentes nos informam sobre a compreensão do mundo e valores sociais que são estruturais à formação histórica da população brasileira (CUNHA; CALAÇA, 2012, p. 69).

[...] A moralidade tirada de uma história, de um mito ou conto e acaba por ser reflexão filosófica. E uma vez fora deste contexto, converte-se muito frequentemente num enigma... E eis-nos perante uma particularidade fundamental da expressão filosófica na África negra. O enigma é compreensível, pode ser desvendado, mas apela à inteligência e, sobretudo, à intuição. De qualquer maneira, para compreender é sempre necessário pertencer a um grupo de iniciados, pois só estes conhecem a história, o mito ou fábula de onde foi tirado. De resto, são os iniciados os que habitualmente empregam os enigmas. Eles possuem uma intuição, mais ou menos treinada, para descobri-los e aplicá-los. (KOTCHY-N' GUESSAN, 1986, p. 143).

É importante ressaltar que através da estética como representante temporal da ciclicidade é que nasce a noção exata da sensibilidade e ciência do outro e de outras épocas. A estética é a biblioteca que guarda as expressões e impressões da tradição africana, a mesma retrata simbolicamente virtudes, valores e princípios da tradição do Ifá. São os estatutos de uma tradição, o legado de uma nação.

Dê acordo com Severino (2007) a estética é uma área da filosofia encarregada de estudar a sensação e as experiências vividas nas várias formas de sensibilidade, levando em conta a agradabilidade provocada no sujeito. Dentro deste contexto a filosofia africana da tradição do Ifá e a arte não sugerem na sua estética o padrão de agradabilidade e sim de encantamento no sentido de tudo se tornar memória, pois na tradição africana uma das coisas mais importantes e fortes é a perpetuação da genealogia e conhecimento ancestral.

Entender que o encantamento não é apenas um êxtase como a agradabilidade leva a remeter-se ao enigma ou mistério por detrás das obras africanas, que ao vê-las surge a incógnita produzida pela estética que induz a decodificar (deduzir) os mistérios através dos símbolos (signos). É nesta forma de raciocínio que o caminho para desvendar o enigma nos levará ao encantamento.

Podemos entender que a agradabilidade pode ser tratada por conceito eurocêntrico, o que não é o caso neste trabalho, sendo que na perspectiva do conhecimento africano a estética tem como valores o encantamento e o desejo de harmonia na sociedade. Portanto, podemos dizer que o encantamento é um dos processos mnemônicos para a memorização que parte do raciocínio indutivo e dedutivo que são os mecanismos do

raciocínio lógico que ajuda o cérebro a entender através da decodificação para apreender o conhecimento.

O que é importante ressaltar neste processo de fazer memória é que a criatividade e a razão não são iguais e ocupam hemisférios diferentes do cérebro, mas fabricam ou interpretam o mesmo produto da arte. O encantamento que aqui está sendo escrito é o processo no qual ocorre a otimização como estímulo à absorção (apreensão) do conhecimento que se tornará memória. Em outras palavras o encantamento promove a memória interpessoal.

Percebemos a estética através do entrosamento de cores e padrões geométricos que no caso podem marcar símbolos (Odús) presentes no significado de uma obra de arte. Um exemplo disto seriam os tecidos fractais que contêm a matemática binária dos Odús, podendo através dos mesmos ser interpretados. Martins (2012) diz que os Odús são signos componentes de um sistema oracular que tem como base a mais pura matemática e que são representados por combinações de quatro sinais duplos ou simples, dispostos em duas colunas paralelas.

Se interpretarmos as parábolas que formam a filosofia do Ifá, entenderemos que “versam sobre casos de como eram certas figuras mitológicas – homens, mulheres, animais, pássaros ou plantas – como reagiram diante de diversas situações e quais os resultados de suas ações” (BENISTE, 2001, p. 20) e veremos que os versos irão dar corpos aos vários personagens mitológicos que marcam 256 presságios provindos dos Odús.

Cada um dos Odús está ligado a épocas cíclicas ancestrais assim como tudo que era parte do conteúdo histórico de época (personagens e qualquer outro tipo de especificidade) daquele exato espaço-tempo. Sendo assim, a expressividade na arte pode ser representada com símbolos e ao mesmo tempo ser materializada na arte por figuras ou personagem específico que marca determinado presságio e nestes casos substituem o significado dos símbolos. Pelo conhecimento da filosofia africana temos a oportunidade de conhecer o valor, a importância da arte e a tradição do Ifá, que são objetos desta pesquisa.

É importante falarmos sobre a diferenciação entre estética na sociedade africana e nas sociedades ocidentais. A arte africana não é figurativa, não existe conceito de belo e feio como na arte ocidental. O valor da arte está associado ao significado que está tem dentro do coletivo familiar ou da comunidade local.

As ideias de qualidades abstratas dos seres da natureza (pessoas, animais e objetos) ganham forma e beleza pela sua harmonia e pela complexidade geométrica, sendo um conceito de beleza e harmonia própria da arte africana. O sentido de beleza é associado ao sentido da perfeição das formas geométricas. (CUNHA; CALAÇA, 2012, p. 46).

A subjetividade como exemplificada no quadro 3 é diferente da abstração, ou seja, ela é o contato com a natureza e o divino, de maneira simbólica e codificada que necessitará de percepção, identificação e interpretação para entendermos a sua presença na arte africana; já a abstração neste caso remonta direto à arte de posse dos sinais que a identificam na arte africana. Portanto, podemos definir na representação a seguir que a ciclicidade ancestral é o ponto de intersecção entre a filosofia africana do Ifá e a arte africana onde podemos deduzir ou interpretar a estética.

Podemos refletir neste capítulo a princípio sobre a complexidade presente em signos, símbolos e sinais a fim de compreendermos a arte, os seus elementos básicos e os Odús relacionados ao processo de adivinhação por parte do Babalawó. Priorizando a forma de raciocínio na tradição africana, buscamos por meio da matemática binária dos símbolos odúnicos entender como acontece a cognição e a absorção de conhecimentos. Desta forma se tornou imprescindível falar do processo interdisciplinar desta cultura e para dar exemplo de como tudo que se internaliza e se expressa na cultura da sociedade está interdisciplinarmente interligado com a tradição do Ifá, damos o exemplo dos ideogramas dos Odús que estão representados nos tecido fractal. Posteriormente pretendemos explicar como os pensamentos filosóficos estão inseridos nos costumes sociais de se vestir, falar, pensar, agir, através da filosofia de tradição do Ifá.

A estética africana é ímpar. Podemos entendê-la como o produto de uma tradição que na cultura se renova por ser cíclica, sendo a confluência dos conhecimentos entre o exercício da filosofia do Ifá que reúne encantamento, harmonia, memória e enigma com a arte africana que compreende a possibilidade de identificar, interpretar, codificar e decodificar tudo que é percebido pelos órgãos dos sentidos.

5 A MEDICINA DE IFÁ

Hoje em dia são constantes as reclamações sobre a medicina alopática e crescente a busca por medicinas alternativas e isto se tornou uma tendência mundial. A busca pelo alternativo está focada no equilíbrio do ser humano com a natureza em virtude das variadas descompensações do dia a dia. Torna-se necessário buscar o bem-estar e o equilíbrio, depois de exauridos pelo cansaço mental, físico, emocional, seja do trabalho ou de qualquer outra coisa que não está fazendo bem.

Somos parte da natureza, portanto estamos em contato com tudo à nossa volta e tudo que afeta o equilíbrio natural nos afeta. Somos átomos (energia) e esta energia é que Ifá nos ensina a tratar. Hoje em dia são recorrentes os desequilíbrios psicossomáticos que podem ser depressão, ansiedade, transtorno bipolar do humor, transtorno obsessivo compulsivo e muito mais. Este é o “mal do século” e os remédios alopáticos não têm dado grandes efeitos sem causas e uma das causas é justamente a dependência da droga química.

No Brasil, assim como em Cuba com o Lukumi e a Santeria, temos como forma de tratamento médico os chás de ervas, banhos de ervas, rezas para cura, benzimentos e Ebós (processo ritualístico feito com folhas e tudo que a boca come). A Medicina do Ifá, assim como as religiões supracitadas, procura diagnosticar o problema, mas com o fim de avaliação e com enorme elenco de possibilidades de cura. Para os povos yorubás o Ifá é mais profundo devido à sua prática ser o primeiro recurso medicinal a ser esgotado antes de se procurar qualquer médico convencional e acredito ser por este motivo uma das importâncias do seu resgate a fim de compor nosso pertencimento perdido em virtude do seu valor social, histórico científico e religioso.

É importante dizer que se tratando do equilíbrio do ser humano e o meio físico e espiritual, tanto a medicina chinesa como o Ifá têm relação direta com os elementos da natureza, visto que os Odús também são conhecidos através de um jogo de adivinhação chinesa chamado, I Ching. O mesmo é usado na Geomancia árabe, europeia e africana há milhares de anos. De acordo com Verger (1995), a chave para a saúde e boa vida é o equilíbrio e isto pode ser adquirido através das folhas separadas e relacionadas com os elementos da natureza (terra, fogo, água e ar).

5.1 Ifá e a microssemiótica da íris humana

O postulado do Odú é enorme e um fator curioso que vem sendo objeto dos nossos estudos, em virtude da presença negra no Egito antigo. Havia indícios da cura através dos olhos nos papiros do Egito antigo (1500 a.C.). Através de estudos hoje em dia existe o que podemos chamar de mapeamento microssemiótico da íris humana, conhecida mundialmente através de uma ciência chamada iridologia. O assunto que decorre sobre a íris humana neste capítulo é em virtude dos nossos estudos sobre Ifá apresentar relação direta com a posição cardeal dos Odús em relação ao mapa microssemiótico da Íris.

Sabemos hoje em dia que o sistema nervoso do nosso organismo, ao detectar alguma patologia no corpo imprime um sinal (semiótico) na íris e a posição deste sinal é precisamente em um ponto cardeal referente ao órgão afetado patologicamente, ou seja, de acordo com a posição cardeal aonde eu tenho um sinal ou marca, dependendo como ela estiver; sabe-se que se trata de uma aparente deficiência de um exato órgão no corpo do paciente. Supostamente era desta maneira que os egípcios procuravam diagnosticar a olho nu a patologia do seu paciente.

Cada posição cardeal do mapeamento iridológico onde o profissional iridólogo observa a íris humana tem relação direta com determinado órgão e partes do corpo.

Iridologia é a ciência da leitura da condição do tecido por meio da íris do olho. É possível mediante esta ciência, adquirir um insight do grau ou dimensão daquilo que ocorre no organismo. A íris é capaz de revelar muito ao profissional bem treinado. Ela revela se há uma inflamação, onde está a inflamação no corpo e quão séria ela é. Revela a constituição física do corpo, debilidades inerentes e a interdependência entre todas as suas partes. (BALLESTEROS, 2005, p. 11).

O que é importante nesta questão é que as posições exatas de cada órgão por toda a orla da Íris, ou seja, nos 360°, mapeado hoje em dia pela Iridologia, e justamente a que Ifá cita como os órgãos submetidos à influência de um determinado Odú que fazem morada nas mesmas posições específicas dos órgãos no mapa microssemiótico. Não acreditamos em coincidência e de certa forma fica claro que Ifá é uma ciência e sua ciência tem outros nomes dentro da medicina convencional.

O que queremos dizer é que cada Odú rege ou influencia certos órgãos do corpo humano e especificamente cada órgão está no mapa microssemiótico na mesma posição cardeal que o Odú que o rege também ocupa.

No antigo Egito foram encontradas cerâmicas onde foram pintados olhos, inclusive com sinais iridológicos, com referências a patologias, sendo sua aproximação

cronológica de 1.500 a.C., o que reforça nossa tese de que o Egito tenha sido o berço da microssemiótica da íris para fins diagnósticos medicinais.

A medicina egípcia para cura das patologias tem muita semelhança com a usada dentro da religião e ciência ancestral do Ifá.

A história da Iridologia surge com indícios no Egito antigo como dito antes e foi lá que Hipócrates, com os sábios e sacerdotes do Egito, estudou a adivinhação e as propriedades dos olhos e do mesmo temos a frase: Como os olhos, assim é o corpo.

A iridologia se desenvolveu como medicina nas escolas austro-húngaro-alemã, italiana, francesa, espanhola e americana.

5.2 O mapeamento microssemiótico da íris e sua relação direta com os Odús e a saúde humana

A iridologia é a ciência que revela os desequilíbrios patológicos e funcionais do organismo através de linhas, manchas e descolorações que afetam a trama da íris. O motivo pelo qual aparecem sinais de debilidades na íris se dá pelo fato de a íris ser a parte pigmentada do globo ocular, conectada diretamente ao encéfalo de onde recebe sinais do sistema nervoso.

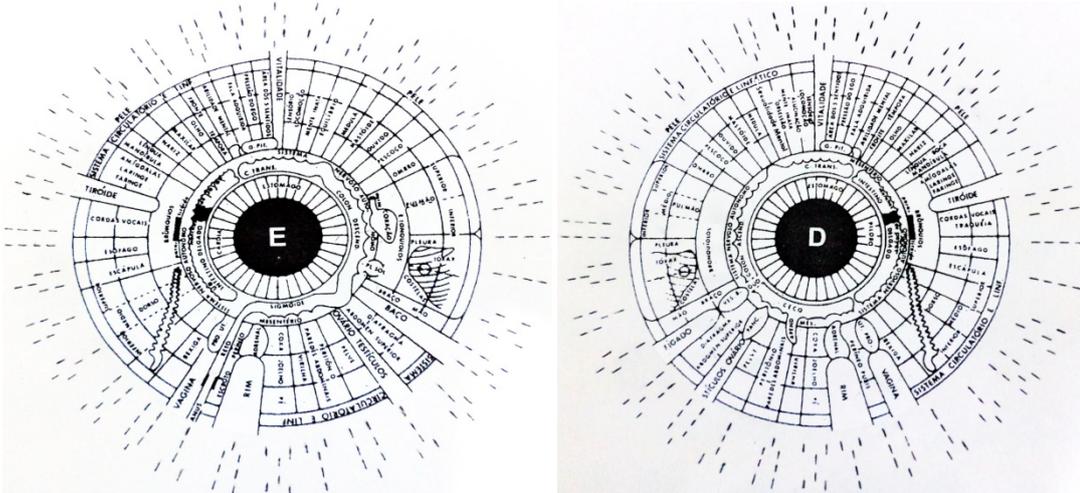
Em outras medicinas também consideradas alternativas como a medicina chinesa é possível analisar patologias orgânicas através da língua, mão, pé e orelha.

Através dos sinais é possível analisar o comportamento psicológico do ser humano e também é possível analisar as etapas de uma enfermidade. Ela revela a deposição de drogas no corpo, debilidades genéticas e da constituição orgânica bem como hábitos tóxicos e patologias crônicas. Com a iridologia assim como acontece com o Ifá é possível ver o presente, passado e o que resultará para o futuro.

A princípio, para que o profissional iridólogo possa fazer uma análise das possíveis patologias que ocorrem no organismo humano ele deve contar com um mapa microssemiótico da íris humana em suas mãos. Esse mapa apresenta a disposição dos órgãos cartesianamente onde estão desenhados como pontos fixos alternados entre a íris direita e a pupila direita e íris esquerda e pupila esquerda. Encontramos todos os órgãos representados na íris do olho esquerdo e direito com exceção do baço e do coração que estão presentes na íris esquerda e o fígado e a vesícula biliar presente na íris direita. Tendo em vista o nosso trabalho de interpretar as diversas facetas do Ifá é que procuramos uma comparação entre a representação da Íris e dos Odús.

Abaixo temos o mapa iridológico (microsemiótico) do olho esquerdo e direito com a representação dos órgãos e em volta do mapa os dezesseis Odús principais nas devidas posições cardeais, desenvolvido por nós em relação aos órgãos que eles representam dentro da tradição do Ifá:

Figura 25 - Mapa iridológico e a disposição cardinal dos Odús



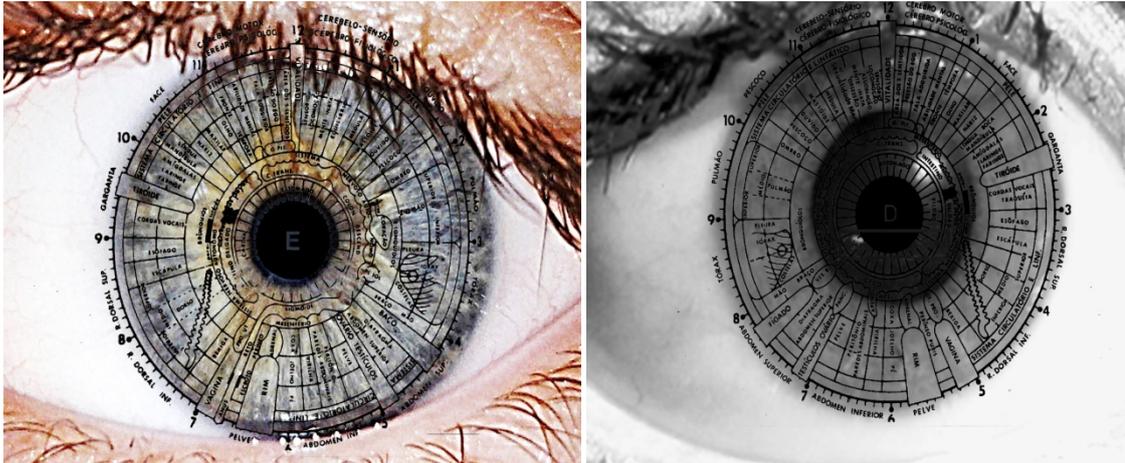
Fonte: Montagem do autor: Jair Delfino (2015).

É importante ressaltar que os dezesseis Odús principais se repetem em volta da íris de acordo com sua disposição ao longo dos 360° em volta da íris. A disposição semiótica dos Odús pode estar diretamente relacionada a um novo estudo chamado esclerologia, em que a esclera humana também é relacionada a patologias.

A comparação feita nos mapas acima nos remete à ciência existente na tradição do Ifá, que veio do Egito antigo, sendo ela no mínimo uma forma de demonstrar que os Odús a que fazemos relação neste texto se dispunham dentro da tradição africana na mesma posição cardinal e fazem relação aos mesmos órgãos citados acima.

Por se tratar de algo no mínimo inusitado é que damos ênfase a esta questão dentro da tradição africana Ifá. Esta medicina até os dias de hoje pode ser considerada um importante avanço da medicina tradicional africana do Ifá considerada popular. Devemos atentar que o que é visto como subjetividade ligada ao metafísico existe como ciência, matemática binária, filosofia e medicina própria.

Figura 26 - O mapa iridológico sobreposto na íris humana



Fonte: Imagem do autor: Jair Delfino (2015).

Pensamos ser de suma importância dar destaque à importância do Ifá, pois o mesmo é a estrutura, ou seja, a base que sustenta a tradição trazendo luz sobre a genialidade africana tão atual nestes tempos. Pretendemos mostrar o quanto foi omitido da cultura e tradição africana mesmo a que habitou o Egito antigo reforçando as hipóteses e teses desse povo como o berço de conhecimentos antes do povo mesopotâmico. Queremos trazer luz aos moldes educacionais que ainda não visam à valorização e à história do africano no Brasil em virtude do resgate da cultura e conhecimentos para o povo brasileiro bem como da identidade verdadeira do afrodescendente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia que perpassa na composição deste trabalho de revisão bibliográfica e proposições de interpretações diversas se desenvolve a princípio em virtude da importância de resgatarmos a essência dos conhecimentos e aprendizados da tradição africana presente na cultura brasileira.

Nosso trabalho parte da perspectiva que existe uma filosofia africana que há mais de 6.000 anos foi fundada nos costumes egípcios e persiste até hoje com os mesmos princípios, valores e virtudes, na sociedade africana, sendo considerada a estrutura, o pilar dessa civilização. Essa tradição filosófica abrange matemática binária como forma de aprendizado e memorização e não poderíamos deixar de destacar a estética e a arte, vistas por muitos apenas como abstratas; mas neste trabalho a decodificação é feita com relação à filosofia.

No decorrer de alguns anos lecionando em escolas e presídios femininos em São Paulo, pude perceber que o sistema educacional brasileiro vem tentando se adequar às necessidades que se fazem pertinentes para uma boa formação dos alunos, trazendo e adequando novas metodologias europeias que não valorizam nossa cultura e tradição. Somos uma nação pluricultural, mas com raízes fortes, que não se hibridiza e nem se traduz com costumes europeus de forma a perder a nossa própria identidade.

Face às questões supracitadas pretendemos a valorização da identidade cultural por meio de questões inéditas sobre a tradição do Ifá e por meio desta pensamos não se tratar somente de adequar dentro das escolas uma metodologia de aprendizado e sim de trazer para o corpo da educação a visão interdisciplinar para os alunos de maneira que consigam cognir conhecimentos diversos, ou seja, fazer ligações entre várias disciplinas de aprendizado que não fuja à sua tradição e se fortaleça como base um sentimento de coletividade (nação) mais humana e igualitária, atendendo aos princípios da escola laica.

Acreditamos que a interdisciplinaridade, bem como a forma de raciocínio que é presente na tradição do Ifá, pode contribuir bastante na formação histórica, no desenvolvimento epistêmico inter-relacional, na geometria e na matemática, na forma de ver e analisar a arte e a estética da tradição do Ifá e principalmente no reconhecimento e credenciamento da filosofia de tradição do Ifá como corpo de importância e fundamento que nos foi amputado no período colonial.

Apresentamos este trabalho, mas ainda não demos conta de todo o contexto metodológico como proposta interdisciplinar. Pautado nesta questão pretendemos

posteriormente dar continuidade ao que foi apresentado aqui, a fim de entendermos a complexidade e importância do Ifá para a educação. Contudo, verificamos ser importante continuarmos estas discussões no doutoramento, face ao desenvolvimento e aplicabilidades metodológicas para a educação.

Pretendemos no doutoramento dar continuidade ao desenvolvimento do capítulo dos mitos buscando dentro da metodologia trazer toda a importância cognitiva dos mitos em virtude do quanto eles podem ser necessários para nossa educação de base como veículo interdisciplinar.

As possibilidades de interpretações das figuras e sua relação entre elas constituirão o nosso alvo também para o doutoramento em virtude de apresentarem 256 probabilidades e cada uma contar com versos às vezes diversos para serem interpretados.

REFERÊNCIAS

- ABIMBOLA, W. **Ifa adivinhação poesia**. New York: NOK Publishers Limited, 1977.
- ADEMOLA, Adesoji. **Ifá: a testemunha do destino e o antigo oráculo da terra do yorubá**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1991.
- BÂ, Hampatê. Tradição Oral. In: KI-ZERBO, Josef (Ed.). **História geral da África**. São Paulo: Cortez, 2010. v. I.
- BALLESTEROS, Franco. **Iridologia integrada: a ciência e a arte da revelação do holograma humano**. São Paulo: Madras, 2005.
- BASCOM, W. **Ifa adivinhação: a comunicação entre Deus e os homens na África Ocidental**. Bloomington e London: Indiana University Press, 1969.
- BASSANI, E. O opon Ulm Ifa (cerca de 1650): Um modelo Para iconografia. In: ABIODUN, R. et al. (Ed.). **O artista Yoruba: novas perspectivas teóricas sobre a arte africana**. Washington e Londres: Smithsonian Institution Press, 1994. p. 79-89.
- BAUCH, Emil C. **Acervo Instituto Cultural Sergio Fadel**. Reprodução de Vicente de Mello, 1859.
- BECKER, Fernando (Org.). **Função simbólica & aprendizagem**. Pelotas: Educat, 2002. p. 119-132. v. 1. (Coleção Epistemologia Genética).
- BENISTE, José. **Jogo de búzios: um encontro com o desconhecido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BIDARRA, C. Registro e memória do candomblé brasileiro. **Programa falando do Axé**. Entrevista. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/>>. Acesso em: 6 jun. 2015.
- CONTADOR, Paulo Roberto Martins. **Matemática, uma breve história**. São Paulo: Livraria da Física, 2008. v. I. p. 29, 32, 33, 41,42.
- COSTA, Ivan Horácio. **Ifá: o ôrixá do destino: o jogo de Ôpón e do Ôpêle Ifá**. São Paulo: Icone,1995.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. **NTU. Revista Espaço Acadêmico (UEM)**, Maringá - Paraná, v. 9, p. 81-91, 2010.
- _____. O Etíope: Uma escrita africana. **Educação Gráfica**, Bauru, v. 11, p. 1-10, 2007.
- _____; CALAÇA, M. C. F. **Afro Arte Memórias e Máscaras**. Fortaleza: ed. UFC, 2012.
- CUNHA JUNIOR, Henrique; LIMA, Maria B. Repertórios Culturais de Base africana, identidades afrodescendentes e Educação em Sergipe. In: **NEN: multiculturalismo e a pedagogia multirracial e popular**. Florianópolis: Atilênde; Núcleo de Estudos Negros/NEN, 2002. (Série Pensamento Negro em Educação; nº 8).

CUNHA JUNIOR, Henrique; SANTOS, M. P. dos. População Negra no Ceará e sua cultura. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-10, 2010.

DEBRET, Jean Baptiste. [Museus Castro Maya-IPHAN/MinC]. Gravuras, 1820.

DIOP, Cheikh Anta. **Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?** Paris: Editions Présence Africaine, 1967.

_____. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (Org.). **História Geral da África: a África antiga**. São Paulo: Ática; UNESCO, 1983. cap. I, p. 39-70.

_____. **Nations nègres et culture**. Paris: Editions Présence Africaine, 1979.1.1.

_____. **Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines**. IFAN, Dakar: Nouvelles Editions Africaines, 1977.

DISSOU, M. I. **Essai de reconnaissance et de détermination de l'origine des principales familles yoruba de Porto Novo à partir de leur Oriki**. Porto Novo: I. R. A. D., 1969. (Estudes Dahoméennes. Nouvelle série, 13).

DREWAL, H. J.; PEMBERTON III, J.; ABIODUN. **Yoruba: nove séculos de arte africana e do pensamento**. Catálogo da Exposição. New York: Centro de Arte Africano, 1989.

DREWAL, Margareth Thompson. Dancing for Ògún in Yorubaland and Brasil. In: BARNES, Sandra T. (Ed.). **Africa's Ogun**. Old World and New. Indiana University Press, 1997. p. 199-234.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos: ensaio sobre simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EPEGA, Afalobi A. **Ifa: the ancient wisdom**. Nova York, EUA: Imole Olowa Institute, 1987.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. 13. ed. Campinas: Papyrus Editora, 1994.

FROBENIUS, Léo. **Mytologie de l'Atlantide**. Paris: Payot, 1949.

GOMES, C. **As dezesseis máximas de Ifá**. Disponível em: <<http://www.ifaleke.com/>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

IDOWU, EB. **Olodumare: Deus em Yoruba crença**. Ikeja: Longman Nigéria, 1962.

JAHN, J. **Muntu: Las Culturas de La Negritud**. Madrid: Guadarrama, 1970. p. 140.

JOHNSON, S. **A história do Yoruba**. Lagos: CMS, 1921.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 6. ed. Trad.: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

KAGAME, A. **La philosophie Bantu compare**. Paris: Présence Africaine, 1976. p. 183-256.

KOTCHY, N.; GUESSAN, B. **Le conte dans la société africaine**. Paris: Presence Africaine, 1986.

MARTINS, A. **As Mil Verdades de Ifá**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

MAUPOIL, B. **La geomancie à l'ancienne Côté des Esclaves**. 3. ed. Paris, França: Institut d'Ethnologie, 1988.

MEIRELLES, Fernando de Souza. **Informática: novas aplicações com microcomputadores**. 2. ed. atual. e ampl. São Paulo: Makron Books, 1994.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

OLIVEIRA, Eduardo D. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e Mito na filosofia da Educação Brasileira**. Curitiba: Ed. Gráfica Popular, 2007.

PAIN, Sara. Epígrafe. In: ROCHA, Maria José; PANTOJA, Selma. **Rompendo silêncios: histórias da África nos currículos da educação básica**. Brasília: DP Comunicações Ltda., 2004.

PORTUGAL FILHO, Fernandes. **Ifá, o senhor do destino: Olórun Ayanmo**. São Paulo: Madras, 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

ROWLAND, A. Montando o cavalo de louvor. A figura Motivo montada em Ifa escultura adivinhação. In: PEMBERTON III, J. (Ed.). **Introspecção e arte na adivinhação africana**. Washington e Londres: Imprensa Smithsonian, 2000. p. 182-192.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, asèsè e o culto égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SEVERINO, A. J. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Por um conceito de Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

_____. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

TEMPELS, P. **La philosophie bantoue**. Paris: Présence Africaine, 1965.

THOMPSON, Robert Farris. **Flash of spirit: African & Afro-American Art & Philosophy**. New York – Toronto: First Vintage Books Edition, 1984 [1983].

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África**, I: metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

VERGER, P. **Ewé**: o uso das plantas na sociedade iorubá. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. **Exu, Ikin e egan**: equivalências universais no bosque das identidades afrodescendentes nagô e lucumi: estudo comparativo da religião tradicional iorubá no Brasil e em Cuba. 2000. Dissertação (Mestrado) - Prolam/USP, São Paulo, 2000.

_____. **Versos sagrados de Ifá**: núcleo ordenador dos complexos religiosos de matriz iorubá nas Américas. 2004. Tese (Doutorado) - Prolam/USP, São Paulo, 2004.

WALLON, H. **De l'acte à la pensée**. Paris: Flammarion, 1970.

ZIÉGLER, J. **Le pouvoir africain**. Paris: Seuil, 1971.